

Jornal O CONFRADE

ÓRGÃO DA ACADEMIA GOIANA MAÇÔNICA DE LETRAS



ABIM | REGISTRO Nº 083-J

ANO 8 – NÚMERO 28

JANEIRO / FEVEREIRO / MARÇO 2026

GOIÂNIA | GOIÁS



editorial

A AVENTURA CONTÍNUA DO VIVER

Ao assistirmos filmes de aventuras, com roteiros espetaculares, encantamo-nos com as imagens produzidas: florestas densas, cheias de perigos, rios caudalosos com poderosas corredeiras e quedas d'água mortais por onde passam os integrantes de expedições perigosas e às vezes fatais. E ficamos em estado de suspense, imaginando o que virá na cena seguinte, torcendo fervorosamente para que ninguém sofra qualquer acidente ou morra.

O perigo é o natural daqueles ambientes. O risco, uma constante e a nossa sensação de suspense a chama que nos ativa o desejo de continuar vendo, assistindo.

E nos transportamos para aqueles locais, como se fôssemos nós os personagens daquela aventura, daquelas cenas...

Mas é por pouco tempo...é só até acabar o filme!

Aqui, porém, na vida real, o tempo é indefinido.

Não sabemos até onde seremos levados ou iremos por nossa própria vontade. Temos, à frente a longa estrada que haveremos de percorrer, e não sabemos dos obstáculos, das pontes caídas ou das árvores tombadas no leito do caminho, atrapalhando a jornada.

E é aí que se descobre quem são os homens e quem são os meninos.

O CONFRADE foi e é uma das maiores jornadas, um dos maiores desafios que Irmãos maçons, afeitos ao convívio com as letras, com as artes e a ciência tiveram e têm pela frente. jornal que se dispõe a divulgar a cultura construtiva, aquela formadora de cidadãos, de vigas fortes, edificações consistentes para a vida.

O CONFRADE desfralda uma bandeira que proclama os dons da beleza e da utilidade.

Estas duas ferramentas da vida são indissociáveis e absolutamente indispensáveis para nossa sobrevivências, como pessoas e como instituição.

Trabalhamos com a beleza. A beleza dos poemas e da poesia. O corpo é o poema. A alma a poesia. A poesia é a mensagem que o poema traduz. E quantas lições, quantas mensagens poderosas, quantos ensinamentos a poesia nos pode dar. A prosa, nos contos, nas crônicas, nos artigos, quanta maravilha, quanto ensinamento. E é esta a trajetória que este veículo de comunicação enceta. É este o caminho que trilha, não importando as dificuldades, as corredeiras ou quedas d'água, as pontes caídas ou os troncos estendidos no leito da estrada. Iremos sempre em frente, empunhando esta bandeira do culto à beleza, principalmente por entendermos que ela é extremamente útil.

Aliás, diga-se de passagem: a beleza o é, porque é útil. E o útil assim se denomina porque é belo.

Este amálgama é perfeito e é indissolúvel.

Até porque, na vida superior esta é uma afirmação indisputável, incontestável, absoluta: **SÓ É BELO O QUE É ÚTIL E SÓ É ÚTIL O QUE É BELO!**

O CONFRADE crê nisto.

O CONFRADE desfralda esta bandeira.

O CONFRADE caminha esta jornada, pois esta é a aventura contínua do viver.

Equipe Editorial

AUDIÊNCIA COM O PREFEITO DE RIO VERDE E SESSÃO ESPECIAL LOJA ESTRELLA RIOVERDENSE 1139

A AGML realizou visita institucional ao Prefeito de Rio Verde, Dr. Welliton Carrijo Jr. com o objetivo de cumprir agenda oficial voltada ao fortalecimento do movimento da Pira Literária com comitiva de representantes das academias locais, Veneráveis Mestres das três Lojas Maçônicas de Rio Verde e autoridades maçônicas das duas Potências goianas.





fala do presidente

AGML: UMA PROFÍCUA TRAJETÓRIA

José Mariano Lopes Fonseca | Cadeira nº 06

Na condição de presidente da Academia Goiana Maçônica de Letras, dirijo-me a todos com elevado senso de honra e profunda gratidão, neste momento que nos convida à reflexão e à celebração da profícua trajetória que, juntos, temos edificado.

A nossa Academia vem se afirmando como um autêntico farol do saber, no qual cada confrade, cada escritor e cada membro da família maçônica desempenha papel imprescindível na construção de um legado alicerçado no conhecimento, na ética e na busca incessante pelo aperfeiçoamento intelectual e moral. O labor de cada um revela-se digno do mais alto reconhecimento: são obras elaboradas com esmero, ideias partilhadas com generosidade e valores transmitidos com notável senso de responsabilidade.

Cumpro destacar, com particular júbilo, o notável avanço do Movimento da Pira Literária e do Jornal **O Confrade**, iniciativas que já se consolidam como expressões vigorosas no âmbito da AGML. Mais do que projetos institucionais, constituem-se em símbolos eloquentes do nosso compromisso com a educação e a cultura. Ao fomentarmos o hábito da leitura e da escrita desde as séries iniciais da educação básica, estamos a semear os alicerces de uma sociedade mais esclarecida, crítica e consciente de seu papel.

Cada evento promovido por esta augusta Academia tem se revelado motivo de legítima satisfação. A adesão crescente de novos parceiros, irmãos e membros da família maçônica evidencia, de forma inequívoca, que trilhamos o caminho correto. A AGML expande-se não apenas em número, mas, sobretudo, em relevância e impacto social.

Permanecemos firmes no propósito de difundir o conhecimento intelectual e maçônico, promover a cultura, incentivar a produção literária e robustecer os laços fraternos que nos unem. Que prossigamos, pois, com destemor, sabedoria e unidade, sempre orientados pelos princípios que sustentam a nossa Ordem.

A todos, manifesto minha mais sincera gratidão. Recordo que temos, cotidianamente, uma construção a ser desvelada, à medida que tecemos a nossa própria história. Como nos inspira Cora Coralina, somos semelhantes a uma colcha de retalhos: fragmentos que, ponto a ponto, se entrelaçam, formando uma obra maior, rica em significado e identidade. Já transcendemos os limites de nossa sede e de nossas reuniões, consolidando uma agenda dinâmica e uma multiplicidade de ações em pleno desenvolvimento. Sigamos unidos na realização de um trabalho extraordinário, capazes de inspirar novas iniciativas e de legar às futuras gerações uma obra ainda mais grandiosa.



DIRETORIA – BIÊNIO 2024/2026



CADEIRA Nº 06

Presidente
José Mariano
L. Fonseca



CADEIRA Nº 21

Vice-Presidente
Adegmar José
Ferreira



CADEIRA Nº 24

1º Secretário
Isaías Costa Dias



CADEIRA Nº 37

2º Secretário
Hamilton Rios
de Araújo



CADEIRA Nº 33

1º Tesoureiro
Carlos A. B.
de Castro



CADEIRA Nº 32

2º Tesoureiro
Anestor Porfírio
da Silva



CADEIRA Nº 29

Diretora de
Patrimônio
Joás de Franca Barros



CADEIRA Nº 02

Diretoria Cultural
Anderson Lima
da Silveira



CADEIRA Nº 16

Diretor de Divulgação
João Batista
Fagundes



CADEIRA Nº 26

Bibliotecário
Aírton B. de Andrade



CADEIRA Nº 18

Orador
Absai Gomes Brito



CADEIRA Nº 04

Diretoria Jurídica
Breno Boss C. Caiado

CONSELHO FISCAL

Conselheiros Titulares



CADEIRA Nº 20

Gesmar José
Vieira



CADEIRA Nº 25

Paranyhyta
Santana



CADEIRA Nº 14

Castro Filho



CADEIRA Nº 23

Genserico B.
de Siqueira



CADEIRA Nº 13

Getúlio Targino
Lima



CADEIRA Nº 15

Jefferson S.
de Carvalho

Conselheiros Suplentes



artigo

EPICURISMO – II

Paulo Marra | Cadeira nº 17

Epicuro a trata a morte como privação das sensações. Mostra que não devemos temê-la, mas que devemos procurar viver bem e de forma feliz até que ela chegue, **uma vez que não é importante ser eterno**. “Acostuma-te à ideia de que a morte para nós não é nada, visto que todo bem e todo o mal residem nas sensações, e a morte é justamente a privação das sensações”. A morte é um fato pelo que a razão mostra, se os átomos se dissolvem, somos mortais. Pensar a imortalidade seria um sonho. Interessa é ter uma vida com mais qualidade, sem precisar para isso, de mais quantidade. Para Epicuro, o homem poderia ter uma vida semelhante à dos deuses, mesmo sendo mortal, pois, a morte não existe para aqueles que estão vivos.

Epicuro pondera que a morte é um mal só para quem nutre falsas opiniões sobre ela. Como o homem é um “composto alma” num “composto corpo”, a morte não é senão a dissolução desses compostos, na qual os átomos se espalham por toda a parte, a consciência e a sensibilidade cessam totalmente e, assim, só resta do homem ruínas que se dispersam, isto é, nada. Assim, a morte não é pavorosa em si mesma porque, com sua vinda, não sentimos mais nada; nem pelo seu “depois”, exatamente porque não resta nada de nós, dissolvendo-se totalmente nossa alma, assim como nosso corpo; enfim, a morte nada tolhe da vida que tenhamos vivido.

A ÉTICA EPICURISTA

Como a estoica, postulava como princípio básico a felicidade (*eudaimonia*), obtida pela tranquilidade ou

imperturbabilidade (*ataraxia*), porém divergia dos estoicos quanto ao caminho para se chegar a essa felicidade. Os epicuristas valorizavam a inteligência prática (*phronesis*), considerando não haver conflito entre razão e paixão. O homem age eticamente na medida em que dá vazão a seus desejos e necessidades naturais de forma equilibrada ou moderada, e é isso que garante a *ataraxia*. A valorização do prazer (*hedoné*) como algo natural e a concepção de que a realização de nossos desejos naturais e espontâneos é positiva deram origem à imagem, certamente distorcida, de que o epicurista prega a austeridade e a moderação, mas não a supressão dos prazeres e desejos que são expressões de nossa natureza. Dessa forma o bem último da vida humana, aquilo pelo qual a vida vale ser vivida, é a felicidade (*eudaimonia*). Por sua vez, a felicidade, “ausência de sofrimentos físicos e de perturbações da alma”, é o prazer duradouro da serenidade do espírito. Para alcançá-la, é necessária a reflexão filosófica que busca estabelecer um conhecimento sobre a própria natureza humana, seus desejos e prazeres; sobre o saber prático (*phronesis*) do autodomínio; sobre a natureza dos deuses: sobre o que é e o que significa a morte para o homem; sobre a autarquia; sobre a liberdade e a responsabilidade; e, sobretudo, “um exame cuidadoso (...) que remova opiniões falsas em virtude das quais uma imensa perturbação toma conta dos espíritos”. Isso representa a “saúde do espírito”. Portanto, a doutrina de Epicuro entende que o bem maior reside no prazer. Por conta dessa afirmação, o epicurismo foi muitas vezes

A morte não é nada para nós, pois, quando existimos, não existe a morte, e quando existe a morte, não existimos mais. Epicuro – filósofo grego – (341-271 a.C)

confundido com o hedonismo, doutrina proposta pelo discípulo de Sócrates, Aristipo de Cirene (ca. 435 – 356 a.C), que afirmava ser o prazer físico o próprio sentido da vida, enquanto o prazer de que fala Epicuro é o prazer do sábio, entendido como quietude da mente e o domínio sobre as emoções e, portanto, sobre si mesmo. É o prazer da justa medida e não dos excessos. Para Epicuro, o mais alto prazer reside na saúde. Epicuro elege a amizade como fator de convívio entre os estudiosos de sua doutrina a ponto de viverem em uma comunidade, o “Jardim”. Ali, os amigos poderiam se dedicar à filosofia, cuja função principal é libertar o homem para uma vida melhor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como visto, diante da inevitabilidade da não-existência, a boa vida nesta vida e a felicidade neste mundo, deve ser a nossa meta. O modo de alcançá-la é desligar-se da violência e das incertezas da vida pública e retirar-se em comunidades privadas de pessoas da mesma opinião. E, como nossa saúde física e a manutenção de boas relações pessoais o exigem, devemos gozar nossos prazeres com moderação, embora nenhuma atividade prejudicial precise ser vista como proibida em si mesma.

Quando o cristianismo entrou em cena, os epicuristas eram *anátima* para os cristãos, em particular por causa de sua negação da imortalidade e da existência de um Deus benévolo, e também por causa de sua afirmação dos valores deste mundo.

Epicuro notabilizou-se sobretudo por seu trabalho *Da natureza*, em que

retoma as teorias atomistas de Demócrito e Leucipo. Os epicuristas foram os grandes defensores de uma física materialista, atomista e mobilista. Sua ética encontra-se exposta sobretudo em suas *Epístolas* a seus discípulos, dos quais subsistiram fragmentos.

A escola epicurista não teve na Antiguidade a mesma influência e repercussão do estoicismo, que foi a mais importante corrente da época, juntamente com a Academia. São poucos os representantes do epicurismo cujo pensamento e obra chegaram até nós ou que influenciaram um desenvolvimento filosófico significativo na Antiguidade. Destacam-se – Filodemo de Gadara (c. 80 – 45 a.C), que escreveu vários tratados de lógica, ética e física; Tito Lucrecio Caro (98 – 50 a.C), o grande representante do epicurismo em Roma, autor do célebre poema *De rerum natura* – (“Sobre a natureza das coisas”), uma das principais fontes de nosso conhecimento da doutrina epicurista.

O interesse pelo epicurismo, tanto por sua ética como por sua física, é retornado no Renascimento (séculos XV – XVI), abrindo assim caminho para o humanismo e para uma ciência natural antiaristotélica.

Segundo Epicuro, a amizade desempenha papel fundamental na felicidade. A amizade corresponde a uma forma de amor que não desperta paixões carnis, o que satisfaz plenamente o espírito. Por fim, o exercício do filosofar é impregnado pelo fim prático que reúne a reflexão, a experiência corpórea e os afetos da amizade como elo necessário entre a felicidade do indivíduo e a harmonia da comunidade.



ciência & saúde

A DIMENSÃO FILOSÓFICA DAS RELAÇÕES HUMANAS

Bráulio Brasil | Colaborador, Fisioterapeuta Intensivista e Gestor em saúde

As relações humanas constituem a base ontológica de toda ordem social que aspira à harmonia e à permanência. Não são meros fenômenos circunstanciais, mas expressões da própria condição humana, que se realiza plenamente na presença do outro.

É no espaço relacional que se desenvolvem as virtudes mais elevadas, como a prudência, a justiça e a temperança, pois é somente na convivência que o homem é chamado a transcender seus impulsos imediatos e a agir orientado por princípios. Assim, cada interação torna-se uma oportunidade de elevação moral e de afirmação da

dignidade que é inerente à natureza humana.

A Maçonaria compreende que o verdadeiro progresso não se mede por conquistas superficiais, mas pelo refinamento da consciência e pela qualidade das relações que o indivíduo estabelece ao longo de sua jornada. A fraternidade, nesse contexto, deixa de ser um ideal abstrato e assume a condição de prática consciente, orientada pela razão e pela sensibilidade. O exercício da escuta, o reconhecimento da alteridade e o compromisso com a verdade constituem fundamentos indispensáveis à construção de vínculos autênticos e duradouros, capazes

de sustentar não apenas a convivência, mas o próprio sentido de pertencimento humano.

Sob uma perspectiva iniciática, as relações humanas representam um instrumento essencial no processo de lapidação interior. O convívio com o outro revela limites, expõe imperfeições e, simultaneamente, oferece a possibilidade de aperfeiçoamento. Como afirmou o filósofo maçom Gotthold Lessing, “a verdadeira finalidade da Maçonaria é tornar os homens melhores”, indicando que é no contato humano consciente e virtuoso que se consolida o verdadeiro progresso moral. Cada encontro

“Foi para a liberdade que Cristo nos libertou. Portanto, permaneçam firmes e não se deixem submeter novamente a um jugo de escravidão”. Gálatas 5.1

torna-se, portanto, um elemento formador, contribuindo para a construção de um caráter mais sólido e de uma consciência mais ampla.

Em última análise, a qualidade das relações humanas reflete o grau de evolução moral de uma coletividade. Onde prevalecem o respeito, a retidão e a fraternidade, estabelece-se um ambiente propício ao florescimento da confiança e da verdadeira liberdade.

Ao cultivar relações fundamentadas em princípios fortes, o homem não apenas aperfeiçoa a si mesmo, mas também contribui para a edificação de uma sociedade mais justa, equilibrada e consciente de seu propósito maior.



artigo

DO LAÇO AO SENADO – V

Breno Boss Cachapuz Caiado | Cadeira nº 04

O povo fazia questão de dar vivas ao Senador Ramos Caiado e um ou outro, por acaso, ao novo Presidente do Estado.

Lá no meio da multidão, eu, molecote, vestido também com minha camisa vermelha, mesmo sem entender direito tudo aquilo, com entusiasmo engrossava a voz no repicado de “vivas”. Diante daquele quadro monolítico, popular e partidário, parece que o novo Presidente do Estado refluíu em seu intento e, reformulando sua posição, franqueou a Ramos Caiado ampla liberdade para a composição do novo governo, mas, este diplomaticamente só indicou 2 ou 3 pastas políticas, de tal forma a não bolir na ação administrativa do novo Governo. Naquela época, havia plena liberdade de imprensa. Muito mais que hoje. Em regime de imprensa livre, nunca um jornal foi empastelado e muito menos um jornalista assassinado no estado de Goiás até 1930.

Quando os situacionistas faziam da moralidade administrativa estribilho e bandeira de sua programação partidária

e a oposição se excedia, desabrida e insolentemente em ataques, é evidente que Ramos Caiado encontrava-se descapitalizado com os gastos da exibição de forças dos “camisas vermelhas”.

Reeleito senador da República por mais nove anos, perdeu o seu mandato com aquela revolução, levado preso ao Rio de Janeiro e depois para Goiás, passou dificuldades financeiras, sem dinheiro, com despesas de subsistência da grande família, inclusive para os estudos de sua filharada.

E o governo interventor praticou todo o tipo de ataque contra Ramos Caiado e sua família, desde os aumentos confiscatórios de impostos territoriais e até lesão inaudita aos seus direitos de propriedade, objeto da Comissão de Sindicância local, que fora desautorizada pela Junta de Sanções no Rio de Janeiro.

Após a Revolução de 1930, o Senador Totó Caiado teve a sua vida pública e privada devassada por seus mais ardorosos adversários, tanto no período que estava preso, quanto depois, quando estavam suspensos

todos seus direitos e garantias, inclusive de defesa e de expressão.

Uma vez provada sua inocência de qualquer ato que lhe fora imputado, não tendo como divulgar à sociedade os resultados que lhe foram favoráveis na Comissão de Sindicância, em virtude da censura imposta, ocorreu-lhe solicitar aos membros e ao presidente da citada sindicância, que lhe atestasse a idoneidade e a absolvição de todas as acusações contra ele assacadas. As respostas a esta solicitação foram devidamente registradas no Tabelionato Moreira Diniz, 2º Ofício da Comarca da Cidade de Goiás, às folhas 268, 268 verso e 269 do livro 2B, em 17 de fevereiro de 1944 e, em uma delas, o Desembargador Emílio Póvoa, adversário político, ex-membro do Triunvirato que governou Goiás após a Revolução de 30 e Presidente dessa Comissão, atestou de próprio punho:

“o Sr. Dr. Antonio Ramos Caiado, que conheço desde a infância, tem tido uma vida particular

irrepreensível, e quanto à sua vida pública disse a última palavra a extinta Comissão de Sindicância nesta cidade, antiga Capital do Estado, que, apesar da sua boa vontade que tinha, nada conseguiu apurar em desabono de sua conduta pública. Pode V. Excia. fazer deste atestado o uso que lhe convier. Goiás, 28 de janeiro de 1944”.

Avesso a contrair dívidas, Totó Caiado valeu-se de modestíssimo empréstimo de seu genro, o médico Dr. Lincoln Caiado de Castro, que logo se esvaiu.

Os cavalos e burros de propriedade de Totó Caiado, que por ocasião da sua prisão ficaram internados na fazenda Europa, do seu irmão Dr. Leão, juntamente com animais deste, foram roubados pela companhia de cavalaria criada por Domingos Velasco, na chefia de polícia. Também, a sua fazenda Lages, no Município de Itaberaí, foi invadida por soldados da mesma companhia, que lá roubaram os muare e cavalos de custeio.

Mas não foi só. As perseguições de todo jaez continuaram. A fazenda Matas da Paciência, propriedade privada sua e de suas filhas, foi invadida pela polícia da cavalaria e derubado todo o plantio de alfafa para tratamento de animais.

Continua na próxima edição...



opinião

ACOLHIMENTO

Célio César de Moura Gomes | Cadeira nº 36

Há milhares de anos o planeta Terra, nos acolhe seguindo a maturação do processo gestacional. Essência da formação do nosso corpo capaz de desenvolver até nos igualar aos gestores, habilitando-nos, inclusive, para repetir o mesmo processo.

O período gestacional é desencadeado pelo encontro dos gametas femininos e masculinos. Estes últimos locomotores, são produzidos pelos testículos contidos na bolsa escrotal, e ejaculados na cavidade vaginal, aos milhares, ao final de um coito entre um homem e uma mulher. De onde se deslocam através da trompa uterina ao encontro do gameta feminino. O óvulo após a ovulação nos ovários, desce pela trompa uterina ao encontro de um único gameta masculino. Encontrando-se, fundem e formam uma única célula, chamada ovo, com o número exato de 46 cromossomos característicos da espécie humana.

Os óvulos, produzidos nos ovários, sempre têm o mesmo tipo de genes enquanto dos testículos produzem espermatozoides com 45 genes idênticos e 1 com a formação X ou Y. O Y quando

aparece gera um ser masculino. No encontro destes pré-ovos, podem resultar um ovo com:

45+1Y – desenvolverá órgãos genitais masculinos OU 45+1X – desenvolverá órgãos genitais femininos.

Assim, está programada a chegada humana ao planeta Terra. Entretanto, estes gametas podem sofrer alterações, por motivos vários, capazes de impedir o pleno desenvolvimento do ovo, ou permitir mínimas alterações, pouco perceptíveis até as que bloqueiam o seu desenvolvimento.

A Organização Mundial da Saúde (OMS), em 1946, definiu “saúde como um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas como a ausência de doença ou enfermidade”.

Aqui aparece um elemento novo: o mental. Fisicamente só temos notícias dele, principalmente, por meio da palavra, escrita e ou falada, além dos gestos corporais, por sinalizações, isoladas ou em conjunto.

Esta definição conduz o ser humano a uma situação curiosa, o lidar com o invisível. Incluindo as fantasias, os projetos presentes e futuros, os

não revelados, retidos ainda dentro do seu criador. Cabe aqui a pergunta que vem atravessando gerações e gerações: DEUS EXISTE?

A Maçonaria só admite como membro no seu quadro, aquele que crê na existência de um ser Superior criador do Universo, identificado maçonicamente como o Grande Arquiteto do Universo, independente de prática e crença religiosa, mas que valoriza a prática de bons costumes.

O acolhimento nos acompanha diuturnamente como o agente promotor ou acolhido e ou atuando como um ou como o outro na relação em curso.

Partindo desta condição de individualidade de cada um, caminha-mos para atingir as condições em grupo, nas comunidades, nas sociedades até ao nível da humanidade no seu todo.

Até aqui falamos do acolhimento entre pessoas. Lembra muito Mateus, 7:12 – “Assim, em tudo, façam aos outros o que vocês querem que eles façam a vocês; pois esta é a Lei e dos Profetas.” Mas, relacionamos também com o inanimado e animado, em conjunto ou não com a Humanidade. Embora saibamos que é muito difícil estas relações exclusivas acontecerem.

Neste momento, incorporamos também o acolher englobando o extra-humano, mais ligado aos aspectos da Ciência Ecológica, levando em conta os fatores bióticos e abióticos. Equilibrar

estes acolhimentos entre todas as partes que compõem o universo, envolve, sem dúvida, aspectos políticos importantes, que trabalham no sentido de que cada componente nesta relação existencial animada ou inanimada, possam receber considerações promotoras do melhor bem-estar para a melhor sobrevivência de cada um, em nosso planeta Terra, e da própria Terra.

expediente

Jornal O CONFRADE

ÓRGÃO OFICIAL DA ACADEMIA GOIANA

MAÇÔNICA DE LETRAS

Registro na ABIN nº 083-J

Rua J 52 N° 550 Setor Jaó, Goiânia GO – Brasil
CEP: 74674-180 • Telefone: (62) 3207-1020

Presidente:

José Mariano L. Fonseca – Cadeira nº 06
Editor/design:

Guilherme Fonseca – Colaborador

Revisor: Alexandre A. Giffoni Júnior

Colaboradores: Absai Gomes Brito

/ Guilherme Freire Fonseca

Conselho Editorial: Anderson Lima da Silveira

/ Getúlio Targino Lima / Luiz Antônio Signates

Freitas / Flávio Roldão de Carvalho Lelis

Programação/edição: Adriana Almeida

Coordenação gráfica:

Gráfica Poder – 62. 98190-5857

Tiragem desta edição: 500 exemplares

Divulgação: Físico / Digital

[http://agml.com.br/]

A direção do Jornal não se responsabiliza por conceitos emitidos em matérias publicadas.



opinião

A VULNERABILIDADE DO SISTEMA DEMOCRÁTICO DE GOVERNO – I

Anestor Porfírio da Silva | Cadeira nº 32

A democracia é uma forma de governo cuja função essencial é garantir a paz, a justiça e o bem-estar ao povo. Seu ideal supremo é o da felicidade para todos. Sua regra básica e fundamental é a do respeito à lei e aos poderes constituídos. Mas para que o Estado possa cumprir com essa missão, afirmam Platão e Aristóteles, “será necessário que este disponha de um governo sábio e justo.” E prosseguem: “O bom governo depende da virtude de bons governantes e as massas devem ser dirigidas por homens que se distinguem pelo saber.” Como filósofo de elevada sabedoria política para a sua época, Platão chegou a afirmar que “a política é a arte de governar os homens e o político é precisamente aquele que conhece a arte da política.”

Diferentemente da maioria dos outros sistemas políticos em que os governantes se cercam de garantias capazes de perpetuá-los no poder, tornando-se quase impossível qualquer mudança nesse sentido, a democracia é um sistema político voltado para o bem comum, baseado no princípio de que “quem governa o povo é o próprio povo através de seus representantes eleitos pela vontade da maioria.” É uma forma antiga de governo, que vem se aperfeiçoando ao longo do tempo, reconhecida pelas ciências políticas como a mais representativa do povo, a mais justa e a que propicia a oportunidade de se alcançar a mais ampla harmonia social e a melhor qualidade de vida para todos.

Também a garantia de sua continuidade como opção de sistema de governo não é a mesma da qual

se vale a maioria das outras formas de se governar. Na democracia, essa garantia não é dada por poderes de agremiações políticas, de facções políticas, de correntes ideológicas partidárias ou de forças militares. Sua efetivação como forma de governo onde quer que se encontre instituída depende apenas e tão somente da vontade da população. É, pois, um sistema sem blindagem quanto à sua integridade, com algumas imperfeições que o tornam vulnerável a manobras de correntes políticas contrárias.

É o que a história nos mostra. Seus detratores, principalmente os que seguem a doutrinas do radicalismo, tanto da direita quanto da esquerda, quando no poder, têm caminho aberto para, inclusive, forjar situações que acabem por responsabilizar e culpar a própria democracia, atribuindo-lhe a falsa imagem de sistema falho de governo, que não oferece funcionalidade ideal, que não se adequa à satisfação da vontade popular o que pode acontecer quando se esbarra na resistência das massas e então, para suplantá-lo, passa-se ao uso da tática do comodismo ou da intenção dos próprios governantes em se disporem a fazer apenas o mínimo indispensável até que seus objetivos sejam atingidos.

Continua na próxima edição...



artigo

ONDE MORA E PORQUE HÁ INVISIBILIDADE DO PODER ENTRE NAÇÕES

Guilherme Freire Fonseca | Colaborador

A invisibilidade do poder entre nações não mora em um território definido, como uma capital ou uma fronteira. Ela “habita” espaços intangíveis: nas relações diplomáticas, nos mercados globais, nos fluxos de informação e nas redes de influência que conectam o mundo. Está presente em salas de negociação, em algoritmos que distribuem informação, em acordos silenciosos e em decisões estratégicas que raramente chegam ao conhecimento

público em sua totalidade. Esse poder vive, por exemplo, nas conexões econômicas — quando um país depende de outro para energia, tecnologia ou investimentos. Também se manifesta nos bastidores da política internacional, onde alianças são formadas e interesses são negociados de forma discreta. Além disso, está nas redes digitais, onde dados e narrativas atravessam fronteiras e influenciam sociedades inteiras sem que se perceba claramente sua origem.

Mas por que essa invisibilidade existe? Porque ela é funcional. Um poder visível tende a gerar resistência, questionamento e, muitas vezes, conflito direto. Já o poder invisível atua de maneira mais sutil: influencia decisões, molda cenários e conduz resultados sem se expor completamente. Ele opera por meio de persuasão, dependência e antecipação, em vez de imposição aberta.

Outro motivo é a complexidade do sistema internacional. Hoje, o poder

não está concentrado apenas em governos, mas também em empresas, instituições e redes globais. Essa multiplicidade dilui sua forma, tornando difícil identificar um único centro de controle. Assim, o poder se espalha e se torna menos perceptível. Há ainda o fator estratégico: manter o poder parcialmente oculto permite maior liberdade de ação. Quando nem tudo é revelado, há espaço para negociação, adaptação e vantagem competitiva.

No fim, a invisibilidade do poder entre nações existe porque o mundo contemporâneo é interligado, dinâmico e estratégico. O poder deixou de ser apenas algo que se vê — como exércitos ou territórios — e passou a ser algo que se exerce nas entrelinhas, nas conexões e nas decisões silenciosas que moldam o rumo global.



reflexão

ENTRE A HUMILDADE E A INDIFERENÇA – I

Milton de Souza | Colaborador

Vivemos tempos em que muitos daqueles que ocupam cargos, exercem missões ou conduzem tarefas em espaços religiosos, maçônicos ou associativos parecem acreditar que a frieza, a apatia e o tom monocórdico são virtudes espirituais. Confunde-se humildade com apagamento, serenidade com desânimo e respeito com ausência de entusiasmo.

Neste trabalho, propomos uma reflexão sobre como essa postura pode estar contribuindo — e muito — para o esvaziamento de nossas atividades e para a perda de relevância e motivação nos ambientes que deveriam ser fontes de vida, calor e transformação.

A CONFUSÃO ENTRE VIRTUDES E DESINTERESSE

Existe uma tendência preocupante de associar a espiritualidade ou a seriedade de uma missão à ausência de emoção. Em palestras, rituais e reuniões, é comum vermos expositores falarem num tom excessivamente

baixo, sem brilho nos olhos, sem envolvimento real com o que dizem. Supõe-se que isso seja um sinal de reverência, mas o efeito prático é a dispersão da atenção, a perda de conexão com o público e, pior, o esvaziamento do propósito. A humildade verdadeira não apaga o indivíduo, mas o coloca a serviço. E servir exige presença, entrega e, sim, energia.

A ENERGIA COMO INSTRUMENTO DE TRANSMISSÃO

Todo ensinamento precisa de forma e de força. Não basta que o conteúdo seja correto, que as palavras estejam bem escolhidas. A forma como algo é dito é parte do que se comunica. Um ensinamento entregue de forma fria e desinteressada carrega, ainda que inconscientemente, a mensagem de que aquilo não é importante.

No plano maçônico, isso fere diretamente um dos pilares do trabalho simbólico: fazer com zelo e com arte. No plano religioso, fere o mandamento do amor

— pois quem ama se entrega com intensidade. A paixão não contradiz a humildade: ela a revela.

DIAGNÓSTICO DA QUEDA DE ENGAJAMENTO

É comum vermos dirigentes lamentando a queda na frequência, no comprometimento, na produtividade dos irmãos ou dos fiéis. Mas raramente se olha para dentro: será que as lideranças ainda comunicam vida? Será que não estão apenas cumprindo tabela? Um cargo ocupado sem alma gera reuniões sem alma. E reuniões sem alma afastam os que ainda carregam alguma chama. Muitas vezes, os que criticam a frieza dos outros não percebem que a frieza começa exatamente onde deveriam acender a luz.

A RESPONSABILIDADE DE QUEM OCUPA UM CARGO

Ter um cargo não é apenas ter uma função burocrática: é ter uma missão simbólica. Ao subir à tribuna ou ao altar, não representamos apenas a nós mesmos. Representamos uma causa, uma tradição, um ideal. Não se trata de atuar teatralmente, mas de estar inteiro na tarefa, mesmo que o perfil do envolvido seja diferente do que se deve apresentar ou abster-se da incumbência.

Alguém que fala com entusiasmo — mesmo sem grandes recursos retóricos — é capaz de tocar corações e mover vontades. Alguém que fala sem alma, por mais erudito que seja, apaga a luz ao redor.

Continua na próxima edição...

A frieza nas missões e o esgotamento dos movimentos



sensibilização

LIBERDADE...

Absaí Gomes Brito | Cadeira nº 18

Recorro-me, novamente ao escritor Junior Rostirola, com seu livro “CAFÉ COM DEUS PAI”, onde na sua página comemorativa do 7 de setembro e com título “Em Cristo somos livres”, escreve:

Viver em liberdade e independência é muito mais do que direito e garantia fundamental; é viver os propósitos de Deus. É sobre essa

liberdade que Paulo nos ensina em sua carta aos Gálatas.

Hoje temos o privilégio de viver em uma sociedade democrática. Todavia, mesmo não tendo correntes em nossos calcanhares, podemos estar cativos de emoções, sentimentos ou traumas.

Comemoramos hoje o marco histórico em que o nosso país

deixou de ser colônia de outra nação, para ser uma nação autônoma e independente. No entanto, saiba que em Jesus a sua independência não é territorial, vinculada a uma porção geográfica de terra; com Cristo, a independência é vertical, direcionada aos céus, onde ele lhe garante cidadania e liberdade.

O Grito para nossa independência espiritual não se deu às margens de um rio; ele ocorreu no cume de um monte. Tão pouco o nosso libertador estava montado em um cavalo, empunhando uma espada; ele gritou por nossa liberdade pregado em uma cruz. Com Jesus, somos

livres para viver a plenitude, libertos da escravidão do pecado, remidos e elevados à condição de filhos de Deus.

Então, creia que você é livre. Assim, é possível ser cada dia uma pessoa melhor, mais forte e imbatível ao usufruir da liberdade dos grilhões do pecado que o Senhor lhe proporcionou. Por isso, seja livre para ser quem Deus o projetou para ser e permita que hoje seja um dia profético para esta nação!

Termino; acrescentando: conhecereis a liberdade e a liberdade vos libertará; pois como maçons somos livres e de bons costumes.



opinião

O IDEAL DE CARÁTER: O VERDADEIRO MAÇOM

Gesmar José Vieira | Cadeira nº 20

Ao se abrir as páginas de um grande livro, que discorra sobre filosofia maçônica, vem logo em primeira mente a necessidade de conceituação sobre ser a maçonaria uma “sociedade discreta e por essa característica, que por vez, repetidamente, trata de ação reservada e que interessa exclusivamente àqueles que dela participam.

Para falar sobre o assunto, que se reveste de um certo mistério, e geralmente diante de resumida orientação, tropeça-se em dificuldades transcritas por autores diversos, que buscam por razões diversas transcrições sobre o intrigante assunto, as vezes corrompido pela característica de autores.

A ritualística traz de forma refinada várias qualidades de caráter, padrões morais e éticos, que denotam o verdadeiro maçom; características que se revestem de ideais expressos nos diversos graus que o iniciado deve se esforçar por adquirir, pois ao expressá-los revelam as verdadeiras qualidades do Eu interior, tão procurado e admirado.

Os ensinamentos, a partir da ritualística também tratam o caráter universal, tão cultivado pelos membros que cultuam o aclassismo, humanidade, e os princípios da “liberdade, democracia, igualdade, fraternidade e aperfeiçoamento intelectual, sendo assim uma associação iniciática e filosófica”.

O verdadeiro maçom procura sempre aprimorar seu caráter e emular os mais altos ideais de pensamento e conduta que de forma pessoal concebe e visualiza; jamais sente que não consegue alcançar seus objetivos, mas entende que tudo é possível para os irmãos que criam seus ideais na forma de pensar

e agir, e cuja consciência está imbuída do amor e da harmonia que resultam da presença do Grande Arquiteto do Universo em sua vida diária.

Como ideal ético, o ato de que lhe permite ser construtivo e bondoso se reveste do norte maçônico, vez que tradições filosóficas que imprimem os ensinamentos aos iniciados dos graus, defendem que a realização plena do ser humano acontece quando ele desenvolve virtudes como compaixão, generosidade e, principalmente responsabilidade. O verdadeiro maçom procura ajudar os outros com seu modo positivo de ver a vida e por seu exemplo, visto que os ensinamentos lhe facultam estruturar e criar melhores condições em seu ambiente, encorajando e inspirando outros.

Pela aplicação dos princípios que aprendeu, na passagem pelos diversos graus filosóficos, e fortalecido pela filosofia edificante e prática que adquiriu o irmão maçom, se torna um exemplo do que todo ser humano pode atingir por uma consideração prática e sensata dos problemas cotidianos, que afligem as pessoas. Também atua como inspiração para os que podem reconhecer sua compreensão sensível e amorosa para com as outras pessoas.

Permite-se citar exemplos de verdadeiros irmãos maçons, que ao atender e participar ativamente do caráter assistencial, como é o caso das entidades paramaçônicas, que demonstram as qualidades de tolerância, humildade, bom ânimo, justiça, compaixão e amos, aliadas a uma mente treinada e disciplinada, possuidora de poderosa vontade. O verdadeiro irmão maçom deve ser sempre compreensivo, cortês,

gentil e educado, por ser os passos que o levarão a seu ideal ser constância de sua vida.

O adjetivo cultuado pelo verdadeiro irmão maçom é o maçônico e maçônica, isto é, “ensinar e capacitar homens de diversas crenças religiosas a se reunirem e permanecerem juntos em uma sociedade fraterna”. A partir deste enunciado inspira os semelhantes para a reflexão honesta, sincera, abandonando as emoções e os sentimentos que constantemente movem a Ordem.

Toda vez que os irmãos maçons se reúnem em lojas maçônicas para a posse de um Venerável Mestre, registra-se o testemunho da força duradoura da Ordem Maçônica. Neste momento o ritual confirma a promessa de fraternidade maçônica e de democracia no meio maçônico. Porém, a filosofia maçônica, permite ao maçom a busca da felicidade; reconhece também a natureza transitória de todas as coisas, e permite entender que a felicidade só pode ser encontrada na busca de conhecimento e compreensão, na verdadeira expressão das qualidades pessoais.

Ao reconhecer que a verdade da vida só se revela a cada ser humano pelos lampejos de luz mais profundos advindos do interior de cada indivíduo, e que, portanto, estão de acordo com as necessidades, daí ser possível entender que o verdadeiro ser humano não se define pela perfeição, mas pela direção. Deve-se agir sabendo que as vitórias de hoje serão apenas parciais, e que, portanto, ficará a cargo daqueles que estarão aqui nos próximos anos.

Ser construtivo e bondoso não significa nunca errar, nunca falhar ou nunca sentir constrangido. Significa escolher, repetidas vezes, edificar em vez de destruir, compreender em vez de ferir, cooperar em vez de dividir. O irmão maçom sabe que a bondade é uma força silenciosa; ela constrói pontes invisíveis entre as pessoas, fortalece comunidades e transforma ambientes.

Juntos, os maçons estabeleceram que a educação maçônica deva ser um

Landmark, e mais especificamente, dos Landmarks que constam da Constituição e Regulamento Geral da Federação; e ainda juntos, reconhecem que a verdadeira amizade só prospera quando há regras para serem cumpridas; e entre os maçons a ética, os padrões morais e o verdadeiro caráter deve ser lema intransponível.

É de conhecimento de todos que essa nomenclatura foi inspirada no Velho Testamento – Provérbios, 22, 28 e 23,10: “Não removas os antigos limites que teus pais fizeram” e “não removas os antigos limites nem entre nos campos dos órfãos”. “Deteronômios, 19,14: não tomaras os limites do teu próximo que os antigos estabeleceram na tua propriedade”.

Do mais, isto não muda, o propósito continua o mesmo, a maçonaria recompensa o esforço e a determinação de cada um, e temos certeza que isso é o que o momento exige, por dar um sentido real às nossas crenças. Vamos continuar a defender os valores que se moldam no bom caráter, padrões morais e éticos. Isto é, sem confundir o absolutismo com um princípio, nem substituir a política pelo espetáculo ou tratar desencontros como debates bem fundamentados.

O juramento realizado no decorrer das grandes iniciações não é tão diferente da promessa que se realiza diante da bandeira que tremula acima de nossas cabeças e que enche os corações de orgulho. Tem-se a obrigação de moldar os debates do momento, não apenas com ideias, mas com as vozes que se levantam em defesa de valores mais antigos e de ideias mais duradouras.

Que cada um dos maçons abrace com dever solene e incrível alegria o que é direito de nascença permanente. Com esforço e propósito comuns, com paixão e dedicação, com o propósito de atender ao chamado da Ordem Maçônica, de nossos dirigentes maiores e carregar pelo futuro incerto a luz preciosa que carrega o lema: servir sem ser servido.

 artigo

MAÇONS QUE FIZERAM A HISTÓRIA DA MAÇONARIA EM GOIÁS – V

REDUÇÃO DA ENERGIA ELÉTRICA DA POUSADA ACÁCIA DO ARAGUAIA DE ARUANÃ

C:\Users\fagun\AppData\Local\Temp\ksohtml19908\wps26.png Os gastos com a energia elétrica da Pousada de Aruanã girava em torno de R\$ 5.000,00 (cinco mil reais) mensais. Foi contratado uma empresa especializada, tudo dentro da legalidade, sem gambiarras, que reduziu esse gasto para R\$ 1.000,00 (um mil reais). A Pousada tinha um contrato de consumo de energia de 150 KW/mês. Entretanto, não gastava mais do que 40 KW/mês. Hoje a pousada paga pela energia que consome. Foi realizado um trabalho nesse mesmo sentido no Palácio Maçônico, que também reduziu o gasto com a energia elétrica.

ISENÇÕES DO IMPOSTO TERRITORIAL URBANO (ITU).

A Grande Loja, na administração do Grão-Mestre Ruy Rocha de Macedo adquiriu seis lotes na mesma quadra

onde está o situado o edifício do Palácio Maçônico Lafayette Teixeira Franca. Entretanto, a Grande Loja estava pagando o ITU desses lotes, no valor de R\$ 1.800,00 (um mil e oitocentos reais) de cada um, num total de R\$ 10.800,00 (dez mil e oitocentos reais) por ano.

Conseguimos com o Prefeito Iris Rezende o remembramento desses lotes com o imóvel da Grande Loja, passando a ser um único imóvel e a isenção do pagamento do ITU, tudo nos termos do Decreto nº 466, de 08/03/06, da lavra do Prefeito.

ESCOLA DE INCLUSÃO DIGITAL-TELECENRO COMUNITÁRIO.

Nos termos do Decreto nº 073-2005/2008, foi instalada uma escola de inclusão digital no Jardim das Aroeiras, bairro muito pobre, limítrofe com o Jardim Dom Fernando, na periferia de Goiânia. Foi um convênio. O Banco do Brasil doou dez computadores.

João Batista Fagundes
Vigésimo Grão-Mestre
Período 2005/2008

A Casa Espírita Mãos Unidas doou o espaço (uma sala), material de expediente e administra a escola. A Grande Loja doou mesas, cadeiras e atualmente está pagando o professor de computação.

REFORMA DO PÁTIO DA GRANDE LOJA – ESTACIONAMENTO.

Foram retiradas as árvores existentes no pátio da Grande Loja, porque eram velhas, brocadas e não serviam de sombras, não serviam de estacionamento de veículos embaixo delas, porque vez por outra caíam galhos podres e/ou secos, danificando os veículos. Em substituição as velhas foram plantadas quatro árvores chuva de prata, próprias para área de estacionamento.

REFORMA DO PRIMEIRO ANDAR DO PRÉDIO DA GRANDE LOJA

No ano de 2006 foi realizada uma ampla reforma no primeiro piso do Edifício do Palácio Maçônico. Foram



substituídas as cerâmicas por pisos dura flor (madeira), da Eucatex, numa área de 376,00 m2. As mesas velhas da Secretaria Executiva e da Tesouraria foram substituídas por estações de trabalho, bem como foram substituídas as cortinas. Também foram substituídas as mobílias das salas do Poder Judiciário e das Grandes Secretarias.



saúde & psicologia

A IMPORTÂNCIA DO DIÁLOGO PARA O DESENVOLVIMENTO DO SER HUMANO

Lindonor Ribeiro dos Santos | Colaborador

O diálogo é essencial para a construção de relações humanas saudáveis, a resolução de conflitos e o funcionamento da democracia, permitindo a troca de ideias e a empatia. Ele promove a compreensão mútua, fortalece vínculos familiares e profissionais, além de prevenir mal-entendidos que levam ao afastamento. Dialogar é o caminho da permanente construção da vida social, familiar e individual.

A tarefa de construir o bem comum necessita, acima de tudo, de diálogo. Dialogar qualifica a capacidade humana de se dirigir ao outro, nas diferenças e nos parâmetros racionais das oposições. Permite também estabelecer uma relação com a lucidez de discernimentos e escolhas. Trata-se de prática que não oferece espaço para o ódio, vinganças e o aproveitamento espúrio de oportunidades para obter ganhos na contramão do bem comum. A ausência do diálogo permanente, em todas as esferas das relações humanas, explica o nascimento de descompassos, as mazelas de escolhas, os absurdos dos procedimentos que comprometem legalidades e produzem os leitos da corrupção.

Somente pela via do diálogo os muitos segmentos da sociedade construirão o tecido de uma cultura que sustente princípios e legalidades. As guerras, os acirramentos partidários, o recrudescimento da violência, os fundamentalismos – religiosos e políticos –, as inimizades, as crises familiares, tudo advém de incompetências humanas na essencial capacidade para dialogar. Uma qualidade fundamental para se escolher bem, decidir e garantir rumos adequados. Quando falta a indispensável competência da reciprocidade conquistada pelo diálogo, as consequências são sempre desastrosas.

A QUALIDADE DO DIÁLOGO

Só o diálogo constrói entendimentos que levam à compreensão das mudanças e transformações tão velozes neste tempo. A vivência desse exercício mostra a importância da participação cidadã. Garante lucidez na condução de processos e engrandece a alma, fazendo-a apreciar o que se baseia no altruísmo. Sem a abertura para a reciprocidade nos exercícios relacionais em diferentes ambientes – do aconchego da

vida familiar aos grupos religiosos, culturais e políticos –, o que se faz torna-se desserviço. Líderes incapacitados para o diálogo, particularmente no âmbito da política, são obstáculos nos funcionamentos da sociedade, prejudicando o bem comum.

O diálogo, longe de ser “conversa fiada”, fofoca, palavras trocadas pelo simples gosto de falar – especialmente aquele gosto muito comum de se falar dos outros –, é a construção de entendimentos que dão suporte para a criação e manutenção do ethos do altruísmo, da seriedade no que se faz e da busca pela verdade. Promove, assim, a coragem da transparência, em todos os sentidos e níveis, balizando na honestidade relações e funcionamentos. A qualidade do diálogo depende muito da visão construída no horizonte dos cidadãos, para além de paixões partidárias. O exercício do diálogo alarga a visão de mundo do cidadão, os horizontes dos funcionamentos institucionais. Permite alcançar a compreensão que anima a indispensável autoestima, a consciência histórica e a configuração política merecedora de credibilidade.

Nesse sentido, o diálogo é força para fazer com que a sociedade seja verdadeiramente democrática, capaz de respeitar e promover, com fecundidade, o bem comum.

O DIÁLOGO É REMÉDIO PARA CURAR IRRACIONALIDADES

Dialogar é o caminho da permanente construção da vida social, familiar e individual. O diálogo é remédio para curar irracionalidades, tônico que fortalece entendimentos cidadãos, intervenção que alarga as estreitezas de interpretações. O princípio do bem comum é o que deve nortear a sociabilidade, superando, assim, radicalismos e violências. Para além de qualquer simples interesse, sobretudo daquele que nasce da idolatria do dinheiro, cada cidadão tem a tarefa de preservar e de promover esse princípio.

O respeito e a promoção do bem comum são deveres de todos. Por isso, ecoe em todo canto, e permeie os tecidos da cultura na sociedade atual, na particularidade do momento vivido na sociedade brasileira: é preciso investir todas as forças no diálogo para reconstruções, respeito a legalidades e encontro das indispensáveis saídas, evitando descompassos que comprometam a civilidade, a ordem e a justiça. Acima de tudo, os segmentos diversos da sociedade, para superar mediocridades, partidarismos, radicalismos de todo tipo, fecundando nova cultura, precisam estar em diálogo pelo bem comum.



reflexão

O OLHAR FEMININO E A MAÇONARIA

Arinan Camilo Alencastro Veiga | Adjunto – Cadeira nº 22

Nós aprendemos, na Maçonaria, a valorizar o avental. Ele simboliza o trabalho... a construção de um homem melhor. Nós (Maçons) vestimos nossos aventais, entramos nos nossos Templos, aprendemos símbolos, ouvimos ensinamentos... e, com o tempo, começamos até a nos sentir — digamos assim — “em evolução”.

Alguns, inclusive, saem da sessão com aquela sensação de missão cumprida, quase prontos para iluminar o mundo... até chegar em casa!

Porque é justamente ali — longe das Colunas, dos rituais, dos títulos, dos aplausos, que acontece algo curioso... e extremamente revelador.

Existe um olhar...

Um olhar atencioso que não conhece graus, não se impressiona com títulos, não quer saber se você decorou bem o ritual, e que de uma forma avassaladora te questiona:

— “Você está realmente evoluindo... ou só está falando melhor sobre evolução?”

E talvez este olhar seja um dos mais exigentes “graus” dentro da maçonaria por nós (Maçons) enfrentados.

Porque ele não avalia simplesmente o que dizemos, ele revela quem nós verdadeiramente somos.

E é por isso que hoje resolvi sair daqueles discursos previsíveis sobre ‘o dia das mulheres’, para tentar falar de algo um pouco mais ousado... falar do olhar feminino na Maçonaria; e do poder transformador deste olhar junto à nossa instituição!

Um olhar de quem não usa avental, que não percorre Colunas, que não pede a palavra, mas que, ainda assim, tudo

observa e muito diz, e que vai direto ao essencial.

E talvez seja por isso que este olhar tanto nos engrandece!

A mulher, em sua presença constante em nossas vidas — como mãe, esposa, filha, companheira, amiga — é, muitas vezes, o primeiro e mais fiel espelho do maçom fora dos Templos.

É fácil ser virtuoso sob a luz ritualística; é fácil ser paciente quando tudo é simbólico; é fácil falar de equilíbrio quando se está em um ambiente silencioso, harmônico... mas é em casa, no trabalho, no dia-a-dia, no cansaço, na convivência real, que o olhar fulminante feminino nos pergunta, sem dizer uma única palavra: — “E então... aquilo que você aprende na maçonaria... você vive?”

E não há ritual que prepare um Maçom completamente para essa pergunta. Muitas vezes, a mulher não conhece os detalhes dos nossos trabalhos, nossos graus... mas conhece algo muito mais profundo: o homem.

O olhar feminino percebe quando há transformação real, quando há discurso vazio, quando o maçom cresce, ou quando apenas aparenta crescer.

E nisso reside uma das maiores contribuições desse olhar à Maçonaria: ele nos impede de nos enganarmos.

Se aprendemos na Maçonaria a dominar nossos impulsos e sentimentos, muitas das vezes é na vida compartilhada com uma mulher que esse domínio é colocado à prova.

E talvez não seja por acaso que, ao longo da nossa caminhada, sejamos constantemente lembrados de três valores tão simples quanto profundos: Trabalho, Fraternidade e Amor.

E é curioso perceber que, muitas vezes, é justamente o olhar feminino — atento, sensível e profundamente verdadeiro — que nos mostra, sem cerimônias (sem ‘rodeios’), se estamos apenas verbalizando estes valores ou realmente vivenciando cada um deles no nosso dia-a-dia.

E, convenhamos... quando o assunto é Trabalho, Fraternidade e Amor, talvez nós, homens, ainda estejamos em processo... enquanto elas já estão em prática há muito tempo.

Trabalham — e muito —, e muitas vezes sem aplausos e sem reconhecimento formal;

São fraternas de uma forma que não dependem de rituais para isso;

E quanto ao amor... bem... nós até tentamos explicá-lo... elas simplesmente o vivencia.

Cabe aqui fazermos uma reflexão que, nos dias de hoje, já não deveria sequer ser necessária fazê-la:

ainda há quem imagine que a presença, a influência ou o olhar feminino sejam dispensáveis ao ambiente maçônico! Nada poderia ser mais equivocado nos dias atuais!

A mulher não está fora da construção maçônica.

Ela está presente nela — ainda que algumas vezes de forma silenciosa, e por vezes, invisível aos olhos distraídos.

Ela sustenta, ela questiona, ela inspira, ela faz acontecer, ela corrige — às vezes com palavras, às vezes apenas com um olhar mesmo que diz tudo sem dizer nada.

E, convenhamos: não há argumento mais difícil de rebater do que um olhar feminino bem direcionado.

Mas há também a beleza.

Esse mesmo olhar que nos cobra, é o olhar que reconhece, que acredita que apóia, que se alegra.

É o olhar que vê potencial onde ainda há imperfeição; que enxerga valor onde ainda há simplesmente esforço; que reconhece evolução, mesmo quando ela é lenta.

E talvez mulheres, seja isso que mais nos mova aqui dentro.

Porque todo maçom, em sua essência, busca ser melhor; mas é no reflexo desse olhar — firme e sensível — que ele descobre se está, de fato, no caminho certo ou não.

Por isso, falar da mulher no contexto da Maçonaria é antes de tudo reconhecer que sem esse olhar, sem essa presença, sem essa influência sutil e poderosa, nossa caminhada seria mais pobre, nossa evolução seria mais lenta.

Neste mês de março, em que celebramos o Dia Internacional das Mulheres, não lhes oferecemos apenas homenagens. Oferecemos o nosso reconhecimento.

Reconhecimento de que, mesmo sem ocupar as Colunas dos nossos Templos, vocês sustentam muitos dos alicerces da nossa Ordem Maçônica!

Reconhecimento de que, mesmo sem participar dos rituais e sessões, vocês participam — e muito — da transformação dos homens que aqui estão.

Reconhecimento de que o vosso olhar, mulheres, é muitas vezes a mais honesta das avaliações que um maçom pode receber.

E se a Maçonaria busca a Luz, é justo dizer:

há, no olhar feminino, uma chama que nos guia — discreta, constante e absolutamente indispensável para nosso progresso e evolução!

Por tudo isso, a todas vocês, mulheres, nossa gratidão. Nosso respeito. E, acima de tudo, nosso reconhecimento de que, sem vocês, não seríamos — nem de longe — aquilo que ainda buscamos ser.



artigo

ATIRE A PRIMEIRA PEDRA – I

Luiz Gonzaga da Rocha | Colaborador

O ato e o seu contexto: No dia 21 de fevereiro de 2026, o Papa Leão XIV tomou uma decisão que ecoa como um símbolo nos corredores da história eclesial e além deles, ao nomear Dom Francesco Antonio Soddu como novo Arcebispo Metropolitano de Sassari. O ato, em si mesmo uma rotina administrativa da Santa Sé, adquiriu contornos extraordinários quando confrontado com um episódio ocorrido poucos anos antes.

Aconteceu que em setembro de 2022, quando era bispo de Terni-Narni-Amelia, Dom Soddu participou da inauguração da nova sede do Grande Oriente da Itália (GOI) em Terni,

um evento público que contou com a presença do prefeito, do sindaco (Administrador da Comunidade) e de autoridades locais. A imagem do bispo católico ao lado do Grão-Mestre da Maçonaria italiana, adentrando os espaços onde se realizam os trabalhos da Ordem, provocou reações imediatas e veementes. Para setores mais tradicionalistas da Igreja, tratou-se de um escândalo; para a Maçonaria, um gesto de abertura inédito; para o próprio bispo, conforme defendeu sua diocese, um ato de diálogo no contexto do caminho sinodal.

Agora, quatro anos depois, o mesmo bispo é promovido a arcebispo por

um papa que carrega o nome do maior antagonista histórico da Maçonaria: Leão XIII, autor da encíclica “*Humanum Genus*” (1884), documento que definiu a Maçonaria como “inimiga declarada da Igreja” e sintetizou séculos de condenações papais. A pergunta que se impõe é inevitável: este ato representa uma afronta à tradição, um gesto de reconciliação, ou o reconhecimento de que as antigas pedras já não devem ser atiradas? Vamos por partes.

1. O rugido do Leão: o peso de um nome e a tradição

Para compreender a dimensão do gesto de Leão XIV, é necessário recuar no tempo e recordar o que significa, para a memória maçônica, o nome que ele escolheu para si. Leão XIII não foi apenas mais um papa a condenar a Maçonaria; foi o arquiteto de uma condenação sistemática, filosófica e teológica que atravessaria os séculos. Na “*Humanum Genus*”, ele descrevia a seita

maçônica como uma “peste mortífera que serpenteia nas entranhas” da sociedade, fundamentada em um “naturalismo racionalista” que visava destruir a ordem cristã.

Esta não foi, contudo, a primeira nem a última palavra do Magistério sobre o tema. Desde a bula “*In Eminenti*” do Papa Clemente XII (1738), passando pelas reiteradas confirmações ao longo do século XIX, até a declaração de 1983 da Congregação para a Doutrina da Fé, assinada pelo então Cardeal Joseph Ratzinger e aprovada por João Paulo II, a posição oficial sempre foi clara: “*Rimane immutato il giudizio negativo della Chiesa nei riguardi delle associazioni massoniche, poiché i loro principi sono stati sempre considerati inconciliabili con la dottrina della Chiesa e perciò l’iscrizione a esse rimane proibita. I fedeli che appartengono alle associazioni massoniche sono in stato di peccato grave e non possono accedere alla Santa Comunione*”.

Continua na próxima edição...



artigo

TRADIÇÃO, ARTE E CULTURA – II

Eleutério Nicolau da Conceição | Colaborador

Maçonaria: a escola autêntica e a busca do conhecimento

A MAÇONARIA OPERATIVA

Durante o período medieval as relações de trabalho e ensino profissional assumiram feições específicas no continente europeu. Os praticantes de diferentes profissões agruparam-se em estruturas organizacionais assemelhadas, chamadas Guildas ou corporações. Essas estruturas coordenavam o exercício dos trabalhos, zelando pela sua qualidade e produtos, intermediando contratos de obras entre “empresas” individuais e a municipalidade, enquanto prestavam certa assistência social a seus filiados. As guildas de pedreiros, que nos interessam aqui, estavam entre essas organizações e eram chamadas também Maçonaria.

Quando se examinam os documentos e história das guildas de construtores nas ilhas britânicas, encontram-se características particulares, como o desenvolvimento de lendas de origem, que situavam a fundação de seu ofício em um passado remoto, ligando-o a personagens da antiguidade bíblica e a diferentes culturas, procurando sempre ressaltar seu valor e influência na história dos diversos países.

As diferentes guildas de construtores foram responsáveis pela edificação de inúmeras catedrais espalhadas por toda Europa, bem como de abadias, mosteiros, castelos e monumentos. Depois da reforma luterana de 1517 e os seguintes conflitos religiosos, diminuíram consideravelmente os contratos para edificação de catedrais. Também as relações de trabalho foram sendo alteradas, de modo que por volta do século XVIII, o sistema de guildas já tinha sido extinto na maioria dos países europeus. Na Inglaterra o sistema sobreviveu até o final do século XVIII e na Rússia até o início do século XX.

Até meados do século XVI, os obreiros das guildas praticavam a religião dominante, praticamente única na Europa da época – o catolicismo. Isso se reflete nas “Old Charges, como na carta de Bolonha, de 1248:

“Em nome do pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém. No ano da graça de 1248, indicação sexta”. Estatutos e Regulamentos dos Mestres da Construção e da Carpintaria. Vocês encontrarão neste documento os estatutos e regulamentos da companhia dos mestres da Construção e carpintaria redigidos em honra

a Deus, seu filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, à bem-aventurada Virgem Maria e a todos os Santos, para honra e prosperidade da cidade de Bolonha” (...)

E no Manuscrito Cook, de 1410: “Demos graças a Deus, Nosso Pai glorioso, Criador do Céu e da Terra e de Todas as coisas neles existentes.”

Também nos Estatutos da Associação dos Trabalhadores de Pedra de Ratisbonne, de 1628:

“Em Nome de Deus Pai, do Filho e do Espírito Santo, de Santa Maria, mãe de Deus e de seus bem-aventurados santos servidores, os Quatro Santos coroados (...)”

Entre muitos outros documentos.

Os textos citados contêm muitos outros trechos com característica conotação religiosa católica. Estes foram transcritos apenas como exemplo.

A ARQUITETURA ANTIGA

Lembrando que quando se atribui à Maçonaria uma existência milenar, isto só será verdadeiro se a referência em questão for a arte de construir, e não à instituição maçônica moderna. Não é possível estabelecer uma época precisa para o início da atividade de edificação. Ela é encontrada com

técnicas e estilos diferentes em todos os povos conhecidos. Apenas dentro deste significado específico, podemos dizer que egípcios, chineses, indianos, persas, gregos, romanos, incas, maias, astecas, etc. praticavam a Maçonaria. Eles tinham excelentes mestres maçons, pois suas construções atravessaram eras e mostram aos nossos olhos evidências de técnicas e conhecimentos extraordinários. Contudo, não existem dados históricos indicando a existência de qualquer organização, mesmo operativa, atuando continuamente através dos tempos, passando de uma civilização para outra.

Certamente, as técnicas de construção desenvolvidas em alguns locais acabavam sendo copiadas pelos arquitetos, engenheiros e mestres de obras (mestres maçons) das regiões vizinhas. Também a razão nos leva a considerar a necessidade de uma organização complexa para manter em andamento construções de grandes proporções como pirâmides, templos e palácios. As centenas, e às vezes milhares, de trabalhadores em cada local onde essas admiráveis construções foram erigidas, exigiam organização, direção e supervisão.

Continua na próxima edição...



opinião

A MAÇONARIA, ANTE A MORAL, O PODER E A REPÚBLICA

Luiz Antônio Signates Freitas | Cadeira nº 9

Quando o Marechal Deodoro da Fonseca ergueu sua espada, no amanhecer de 15 de novembro de 1889, muitos acreditaram estar presenciando o triunfo da virtude sobre a corrupção, da luz sobre as trevas, da razão sobre o privilégio. A Monarquia parecia esgotada: distribuía títulos como se fossem mercadorias, confundia o mérito com o favor, e sufocava o ardor cívico de um povo que ansiava por progresso. O jornalista e historiador Raimundo Magalhães Júnior, que foi membro da Academia Brasileira de Letras, em seu clássico “Deodoro, a espada contra o império”, relata que, de 1888, ano anterior à Proclamação da República, até 15 de novembro do ano seguinte, foram distribuídos mais de 180 títulos de nobreza.

Foi nesse contexto que o Irmão Rui Barbosa, jurista e orador brilhante, iniciado em 1869 na Aug.: Resp.: Ben.: Gr.: Benf.: Cent.: Loja América nº 189, no oriente de São Paulo, empunhou não a espada, mas a pena — e fez dela um

instrumento de combate moral e político. Nas colunas do Diário de Notícias, denunciou a decadência moral do Império, clamou por uma República fundada na ética, na educação e na dignidade do trabalho. Sua voz, inspirada pelos ideais de nossa Ordem, unia o rigor da razão à pureza da consciência.

Todavia, a mesma chama moral que acendeu a esperança também alimentou o fogo do autoritarismo. Quando o poder imperial caiu, a República nascente acreditou poder regenerar a pátria pela força — e a espada, antes libertadora, tornou-se instrumento de mando. O moralismo, que queria purificar a política, acabou suprimindo a política em nome da pureza. E o sonho de liberdade cedeu lugar à tutela dos “virtuosos”, dos “iluminados”, dos “salvadores da pátria”.

Aqui se revela um ensinamento profundo, digno de meditação pelos maçons efetivamente sérios: toda vez que a moral se converte em instrumento de poder, ela deixa de ser luz e torna-se

sombra. A moral privada e individual não é suficiente para construir os edifícios públicos. A virtude que leva ao autoritarismo ou à imposição de seus sentidos pela força conduz a uma falsa cultura ética, porque as pessoas deixam de agir por convicção e passam a reagir a partir do medo de serem punidas. A dignidade dá lugar à bajulação e a escada de Jacob, encerrada pela adulação e pela vaidade, torna-se brilhante, porém escorregadia...

O Irmão Rui Barbosa, maçom exemplar de palavra e consciência, acreditava na força da educação moral; Deodoro, homem de armas e honra, acreditava na autoridade. Ambos foram movidos por sinceras intenções; ambos terminaram desiludidos. Porque a moral que não se enraíza na liberdade é apenas disciplina, conduzindo a uma política servil e sem inteligência; e a autoridade que não respeita os limites determinados pela democracia é apenas força, na qual a racionalidade dá lugar ao personalismo, quando não à crueldade.

A Maçonaria foi, sem dúvida, a comunidade de homens livres que mais lutou pela independência dos povos, pela democratização das nações, pela igualdade dos seres humanos e pela liberdade dos escravizados. Tanto o liberalismo, quanto o socialismo trazem consigo a expressão aguda dos princípios maçônicos de seus fundadores.

A sublime Ordem, por isso, nos ensina que a verdadeira moral não se impõe — ela se conquista. O Brasil de 1889 procurou moralizar a pátria pela espada, por meio de golpes militares e civis que se tornaram sucessivos; o Brasil de hoje ainda procura fazê-lo por ações antidemocráticas, que testemunham que nossa índole autoritária ainda não foi extirpada.

Nosso papel, neste século e neste país, talvez seja o mesmo que inspirou nossos antecessores do século XIX: defender a ética sem cair no moralismo, amar a pátria sem ceder ao autoritarismo, servir à verdade sem pretender possuí-la, e jamais abrir mão da democracia e da justiça social.

Que esta reflexão sirva como lembrete e como promessa. Lembrete de que a Maçonaria não nasceu para tomar o poder, nem para bajulá-lo, e sim para iluminá-lo, com as luzes da sabedoria, da ética e da fraternidade. E promessa de que, se cada um de nós for fiel aos princípios que fundaram e fizeram a história da nossa Ordem, o Brasil poderá um dia realizar o ideal republicano que a Maçonaria ajudou a sonhar, um país em que a moral não oprima, a autoridade não corrompa e a liberdade não se perca.

Que assim seja, sob a proteção do Grande Arquiteto do Universo, para a construção de uma sociedade fraterna, democrática e justa.



artigo

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Flávio Roldão de C. Lélis* | Cadeira nº 11

Trata-se de uma reflexão elaborada pelos autores, com o propósito de evidenciar o tensionamento contemporâneo em torno do reconhecimento das contribuições atribuídas às chamadas Inteligências Artificiais (iA) nas atividades produtivas humanas.

A tecnologia amplia, mas não substitui a ação humana...

Ao menos, por enquanto...

Vivemos uma transição histórica em que a **Inteligência Artificial** (iA) deixou de ser percebida apenas como ferramenta técnica e passou a ocupar lugar central no debate sobre criação, autoria e reconhecimento. O desconforto não nasce simplesmente da tecnologia, mas do que ela altera simbolicamente. Quando um jornalista afirma que utilizou iA para estruturar um artigo, parte do público questiona sua competência. Quando um artista revela que contou com apoio algorítmico para compor uma imagem, surgem dúvidas sobre profundidade, autenticidade e capacidade. Curiosamente, a crítica raramente se concentra no **resultado final**. Se o texto é consistente, se a obra emociona, isso tende a ser relativizado. O foco desloca-se para o processo, como se o uso da tecnologia diminuísse automaticamente o valor da criação humana, mesmo ante uma solução efetiva.

Em um primeiro plano, o debate gira em torno do **mérito**. Durante décadas, mérito foi associado ao esforço visível, às horas gastas na execução, à materialidade do trabalho. A iA parece reduzir o tempo e a fricção do processo, o que leva à percepção de facilitação indevida. Contudo, a história demonstra que cada avanço tecnológico desloca o centro do mérito, mas não o elimina. O mérito deixa de estar exclusivamente na execução repetitiva e passa a residir na formulação de perguntas, na capacidade de direção

estratégica, na agilidade das entregas, na seleção criteriosa dos resultados e na responsabilidade direta assumida por quem assina o produto final.

No nível seguinte surge a questão da **originalidade**. O imaginário do criador isolado, que produz algo absolutamente inédito, raramente corresponde à realidade. Toda criação humana é resultado de uma rede de influências. Desde a infância absorvemos referências culturais, estéticas, cognitivas, ética e morais que moldam nossa percepção. Criar sempre foi recombinar inteligências acumuladas, não é mesmo? Nesta mesma linha, a iA também opera por recombinação de padrões, mas a diferença essencial está na intencionalidade. Quem define propósito, recorte e sentido é o ser humano que utiliza a ferramenta.

A discussão ganha maior densidade quando se aborda o **direito autoral**. No Brasil, a Lei nº 9.610 (Brasil, 1998) estabelece que autor é a pessoa física criadora da obra intelectual. O sistema jurídico reconhece a criação como manifestação do espírito humano, dotada de intenção e responsabilidade. A iA não possui personalidade jurídica, vontade própria ou responsabilidade moral: ela executa comandos. Atribuir autoria à máquina seria confundir instrumento com agente criador: se um procedimento cirúrgico é realizado com sucesso, utilizando um equipamento com automação computacional, o sucesso da operação deve ser atribuído à ferramenta ou aos profissionais que sabem utilizá-la?

A distinção entre influência legítima e **plágio** também precisa ser preservada. Influência é inerente ao processo criativo e científico. Plágio ocorre quando alguém reproduz obra alheia e a apresenta como própria, sem atribuição. O problema não está na ferramenta utilizada, mas

na conduta. A iA pode ser instrumento legítimo de apoio ou meio de desvio ético: o critério continua sendo humano. Por mais poderosa que seja, a tecnologia não tem capacidade de efetivamente realizar escolhas, apenas cálculos probabilísticos. Ainda é atribuição dos seres sensíveis o manejo do limitado conjunto de saberes ao seu dispor e o encargo de lidar com incertezas ao tomar decisões.

Um exemplo **cotidiano** ajuda a tornar essa lógica mais clara. Quando alguém prepara um suco saboroso utilizando um liquidificador, o mérito é do aparelho? O sabor depende de quem escolheu as frutas, ajustou as proporções, provou e corrigiu até alcançar equilíbrio. O liquidificador potencializa a ação, mas não decide. Da mesma forma, se uma iA auxilia cientistas a identificarem fórmulas de um medicamento capaz de salvar milhões de vidas, não se cogita negar a esses pesquisadores todo o devido reconhecimento, não é? Nesse caso, a tecnologia amplia a capacidade de análise, mas a pergunta, a hipótese, o método e a responsabilidade continuam sendo humanos.

Ao percorrer essas camadas, percebemos que mérito, originalidade, autoria e tecnologia não são categorias excludentes, mas dimensões interligadas. A verdade não é simples nem unilateral. Ela é multifacetada e depende da **inteligência acumulada** de quem observa e interpreta o fenômeno. Quanto maior o repertório hermenêutico, epistemológico, político, cultural, filosófico, linguístico e científico, mais nuances se tornam visíveis. Basta refletir sobre o quanto do que buscamos compreender e significar está ancorado em instrumentais teóricos produzidos *a priori* por outros: Hans-Georg Gadamer, Pierre Bourdieu, Mikhail Bakhtin, Paul Ricoeur e Martin Heidegger, cujas ideias permeiam a nossa maneira de interpretar o mundo, a linguagem e a própria condição humana.

Nessa lógica, você não é indiferente a este debate. Suas experiências, valores, formação cultural e compreensão sobre tecnologia moldam a forma como

interpreta o uso da iA. Os autores já antevemos que o texto poderá ser lido como acerto, equívoco ou irrelevância, e essas **diferentes percepções** não revelam fragilidade, mas a diversidade de repertórios de cada leitor. O tensionamento não está apenas no argumento, mas no ambiente social e simbólico que compartilhamos, criando e recriando signos e significados. Fato é:

– A maneira como reconhecemos os artefatos da Ciência hoje nos ajudará a definir melhor os padrões mínimos de qualidade tolerados, a amplitude de acesso e a rapidez com que são entregues as soluções para os problemas enfrentados.

E, para tranquilizar os leitores mais inquietos, os autores registram que esta reflexão não considerou, ao menos, por ora, uma eventual **Revolução das Máquinas** digna de roteiro cinematográfico. Até onde se sabe, por enquanto, os algoritmos ainda não reivindicaram direitos autorais próprios, nem convocaram assembleias para disputar o Prêmio Nobel. Se um dia isso acontecer, precisaremos redigir novo artigo: só que desta vez, negociando diretamente com eles.

Não percam os próximos capítulos...

OBSERVAÇÕES

(a) Texto resultante da compreensão situada dos autores, construída e ressignificada ao longo das suas trajetórias, com uso instrumental de iA como apoio metodológico

(b) Quanto à a confiabilidade das plataformas de detecção de iA, recomenda-se o artigo indicado: MAIA, José Carlos Lucio *et al.* **Precisão ou incerteza? Um estudo sobre plataformas de verificação de uso da ia em produções acadêmicas**. In: Anais do Congresso Internacional Conexões Globais. Anais... Curitiba (PR). Instituto Conexões 360, 2025.

AUTORES*

Flávio Roldão de Carvalho Lélis – professor IFG/Câmpus Goiânia.

Ilana Murici Ayres – mestrandia UFT/TRE-GO, Governança e Transformação Digital.

José Carlos Lucio Maia – mestrando UFT/TRE-GO, Governança e Transformação Digital.



crônica

PODER DO MUNDO

Valteude Guimarães Ferreira | Colaborador

Asociedade, as autoridades falam sobre o consumo de drogas ilícitas no país que viciam e deixam o ser humano dependente, drogas como cocaína, heroína, maconha, crack, nicotina e álcool; sendo que não são ilícitas é o álcool e a nicotina, mas é droga. Por mais que estudam procurando falar do potencial avassalador desses produtos não conseguiram descobrir que a pior droga existente é o poder, poder acoplado com a vaidade.

Pois as duas coisas encrustadas no ser humano traz as piores

consequências do mundo. Quando o ser humano alcança o poder, a vaidade aflora e ele fica à mercê desse mal tornando qualquer pessoa arrogante e presunçosa. Infelizmente quando por algum motivo perdem essa droga que vicia, o ex detentor do poder se torna depressivo, triste e enfraquecido, porque perdeu a posição que exercia.

Existem vários tipos de poder: poder político, poder financeiro, poder religioso, poder patronal, Poder executivo, poder legislativo, poder judiciário e poder divino, que é o poder de Deus,

desse ninguém quer saber; esses são os poderes que alguns seres humanos têm, quando não os tem são humildes e incapazes de prejudicar alguém, mas quando os detém se entregam, e não percebem que estão viciados e vaidosos.

O poder mal exercido torna-se uma droga viciante e leva seu detentor a prejudicar quem por ventura tenta lhe tirar tal regalia. O poder mal exercido na verdade é uma droga viciante. Todo ser humano quer ter o ego massageado para mostrar a quem está a seu redor o quanto é importante e poderoso, mas não sabendo que esse poder mal executado pode se tornar uma droga viciante. Vou dar aqui uma pequena conceitualização do que realmente é o vício, mas garanto que todos sabem perfeitamente do que estou querendo falar, pois alguns seres humanos são escravos do poder.

O vício é o oposto da virtude. É um hábito desgraçado que se arrasta para o mal, ele pode ser interpretado como tudo aquilo que se opõe à natureza Humana, e que é contrário a Ordem da Razão. Por isso, devera sempre construir Templos à Virtude, que é cultivar a permanente disposição para querer o bem, é ter a coragem de assumir valores e enfrentar os obstáculos que dificultarão a subida rumo ao conhecimento. Logo se, deduz que para se vivenciar a justiça, o amor e a caridade, torna-se necessário antes de tudo ser VIRTUOSO. Já dizia Platão no século V a.C. que a virtude é o esforço de purificação das paixões, dizia ainda que, o compromisso do homem virtuoso está vinculado à razão que determina o exercício prático, o domínio do CORPO e do PODER.



falando francamente

EU E ELA. ELA E EU... E O DESTINO

Aparecido José dos Santos | Cadeira nº 31

Meus amigos,

Foi em meados da década de 1960, época da revolução militar que cassou meio mundo de políticos, inclusive o Prefeito de Goiânia, na época, Iris Rezende Machado. O local era o Bairro de Campinas, praticamente uma cidade independente de Goiânia. Eram duas cidades separadas pelo Lago das Rosas. Os moradores de Campinas, quando precisavam de alguma coisa que só se encontrava em Goiânia, diziam:

– Vou em Goiânia...

Eu, Aparecido José dos Santos, jovem de vinte e poucos anos, saí de São Luís de Montes Belos em busca de melhores condições de trabalho. Era um sapateiro de fraca qualidade de trabalho, mas cheio de coragem e de esperanças.

Ela, Sebastiana de Oliveira Pereira, fugindo da pobreza da família, veio de Cristianópolis para Campinas, onde foi morar e zelar de duas crianças (Valéria e Kátia) filhas do casal Francisco Telles e dona Fia.

O DESTINO, ETA DESTINO!

Este eu não sei de onde veio e nem para onde vai. Penso que Deus colocou o Destino no mundo porque não havia GPS naquele tempo. Penso

também que o Destino mais parece uma árvore com milhares de galhos, onde cada pessoa usa o que lhe couber e melhor lhe convier. O certo é que o destino parece um personagem abstrato e desconhecido, a gente só o percebe depois que ele passou e provocou a tristeza ou a alegria de alguém. “Foi o destino!”.

FOI AQUI

Goiânia era “uma cidade asfaltada” na visão de Roberto Carlos, segundo disse o colunista influente da época, Artur Rezende. Não chegava a tanto, mas era uma cidade tranquila. Campinas, seu principal bairro, cheirava interior.

OS COSTUMES

Bem, os costumes da época eram muito diferentes. Para os jovens, havia o cinema como sua principal diversão. Formavam-se filas enormes para as sessões das 19 h, para assistir e deleitar com os generosos decotes das italianas Sofia Loren, Gina Lollobrigida e da britânica Elizabeth Taylor. E havia as caminhadas do vai-e-vem na Avenida 24 de Outubro, entre a Rua Benjamim Constant e a Praça Joaquim Lúcio. Centenas de moças e rapazes indo e vindo.

“Maravilhoso mundo velho!”

Para os adultos, após o cinema, havia a Avenida Bahia e seus rendez-vous para fechar a noite com chave de ouro.

Os jovens daquele tempo, que ainda não conheciam as delícias do submundo da Avenida Bahia e adjacências, organizavam festinhas em suas casas com o objetivo apenas de dançar, ouvir músicas e conversar. Foi em um desses saraus que o Destino me levou e trouxe ela. Lembrei-me do extraordinário soneto parnasiano de Olavo Bilac:

NEL MEZZO DEL CAMIN:

“Cheguei. Chegaste. Vinha fatigada

E triste, e triste e fatigado eu vinha,

Tinhas a alma de sonhos povoada,

E a alma de sonhos povoada eu tinha.

E paramos de súbito na estrada

Da vida. Longos anos, presa à minha

A tua mão, a vista deslumbrada

Tive da luz que teu olhar continha.

Hoje, segues de novo... na partida

Nem o pranto os teus olhos umedece,

Nem te comove a dor da despedida.

E eu; solitário, volto a face e tremo

Vendo o teu vulto que desaparece

Na última curva do caminho extremo.

Lindo demais,

Francamente!

Até a próxima

Voltarei a falar desta história.



tempo de estudo

PACIÊNCIA É PODER – II

Rômulo Rocha de Oliveira | Colaborador

A CONEXÃO COM A CONSISTÊNCIA E A PREPARAÇÃO PARA O CHAMADO

A vida, meus Irmãos, é um grande desbaste. Seja na construção de uma empresa, na defesa de um cliente, na gestão de uma pasta pública, ou na busca incessante pela maestria interior, o sucesso não é um salto, mas uma série de passos consistentes. “A evolução somente será atingida com perseverança, constância, sinceridade de propósitos e, muita, muita paciência.”¹¹

A consistência é o pilar invisível que sustenta grandes realizações. “É mais eficaz, em vez de alternar breves romances de esforço heroico com períodos de relaxamento, trabalhar com constância, causando uma transformação efetiva.”¹² A paciência nos capacita a manter essa constância, mesmo quando os resultados não são imediatos, nutrindo a fé no processo. Ela nos prepara para o chamado, para o momento oportuno, garantindo que estejamos prontos

11 Artigo: A paciência no desbaste da pedra. Irm.º. Alfério Di Giaimo.

12 Artigo: A paciência como virtude. Mensagem apresentada na Convenção Europeia de Barcelona, 2009. Autor desconhecido.

e equipados quando a janela de oportunidade se abrir. “O trabalho na Pedra Bruta é, em sua essência, um trabalho de paciência e consistência, visando a perfeição da forma.”¹³ É a persistência, a tenacidade, que molda o talento e nos torna aptos a receber as bênçãos e desafios que a vida nos reserva.

A POSSIBILIDADE DE APRENDER A PACIÊNCIA

Talvez a mensagem mais libertadora que podemos extrair de nossa análise é esta: a paciência não é um traço com o qual nascemos ou não. Ela é uma habilidade que pode ser desenvolvida, uma virtude que pode ser cultivada. “A paciência é algo que nós podemos criar. É como um músculo. Todos nós temos músculos, mas algumas pessoas são mais fortes do que outras porque se exercitam mais. O mesmo acontece com a paciência”.¹⁴

Não é algo que acontece da noite para o dia, mas algo que deve ser exercitado diariamente.

São muitos os trilhos para desenvolvermos o exercício e o aprendizado da paciência. Pode-se cultivar a harmonização matinal e o autocontrole, a identificação dos gatilhos da impaciência, o exercício da respiração consciente, a convocação da compaixão e da gratidão e a busca por um novo ângulo para ver as situações. É um caminho de autocohecimento e disciplina.

A impaciência, afinal, muitas vezes nasce de um sonho de perfeição, de uma recusa em aceitar nossa própria humanidade e imperfeição. Ao abraçarmos nossa fragilidade, cultivamos mais amor por nós mesmos e, consequentemente, mais paciência para com os outros. “O amor e a paciência são, de fato, dois fios que se entrelaçam”.¹⁵

A PACIÊNCIA COMO CHAVE PARA A MAESTRIA

Prezados Irmãos, ao término desta reflexão, espero que a paciência se revele a cada um de vocês não como uma espera passiva, mas como uma virtude ativa, um caminho para a maestria. Em nossas vidas complexas – seja nas salas de reunião, nos tribunais, nos gabinetes

13 Artigo: A paciência no desbaste da pedra. Irm.º. Alfério Di Giaimo.

14 Artigo: A paciência como virtude. Mensagem apresentada na Convenção

Europeia de Barcelona, 2009. Autor desconhecido.

15 Artigo: A paciência como virtude. Mensagem apresentada na Convenção Europeia de Barcelona, 2009. Autor desconhecido.

públicos, ou no silêncio de nossas próprias jornadas de autodescoberta – a paciência é a bússola que nos permite navegar com serenidade e propósito.

Ela nos convida a ser como o maçom que, com malho e cinzel, pacientemente desbasta a Pedra Bruta, não por impulsividade, mas com a precisão do tempo e a sabedoria da espera ativa. A paciência nos dota de fortaleza para suportar as adversidades, coragem para enfrentar o desconhecido, e a clareza para discernir o momento certo para cada ação. Ela é a virtude que nos permite plantar com esperança, cultivar com consistência e colher com gratidão.

Que possamos, a partir de hoje, honrar a paciência em cada decisão, em cada desafio, em cada relacionamento. Que ela seja a chama que ilumina nossa jornada, nos guiando à harmonia, ao autodomínio e à verdadeira felicidade. Lembrem-se: “A Paciência não é como uma flor que pode ser colhida. É como uma montanha, que passo a passo, deve ser escalada.”¹⁶

Que a subida seja firme, consciente e verdadeiramente recompensadora. Muito obrigado!



reflexão

A QUEDA QUE PRECE O MILAGRE

Joás de França Barros | Cadeira nº 29

Você não precisa ter assistido aos Jogos Olímpicos de inverno Milano Cortina 2026 realizados neste mês de fevereiro para entender o que significa cair e precisar se levantar diante de todos. Não precisa conhecer cada salto da patinação artística para sentir o peso de uma tentativa que falha. Porque, no fundo, a história que se desenha no gelo é a mesma que vivemos todos os dias: a luta entre desistir ou continuar.

Quando Surya Bonaly entrou nas pistas internacionais sendo a única patinadora olímpica a realizar o salto mortal de costas, aterrizando em um pé nos Jogos de Inverno de 1998 em Nagano, no Japão, realizado mesmo sabendo que seria penalizada — não foi apenas um movimento técnico. Ela não

carregava apenas patins nos pés. Carregava resistência. Em um cenário que muitas vezes não estava preparado para sua força e originalidade, ela ousou desafiar padrões. Foi um grito silencioso: “eu não vou me encolher para caber nas expectativas alheias.”

Ela caiu. Foi questionada. Foi subestimada. Mas nunca deixou que isso definisse seu valor.

Anos depois, surge Ilia Malinin, representante de uma geração que transforma o impossível em meta. Conhecido por executar saltos que muitos julgavam inalcançáveis, ele nos lembra que o extraordinário nasce de incontáveis tentativas frustradas. Antes do aplauso, há o silêncio do treino. Antes do salto histórico, há quedas repetidas no gelo frio.

E é aí que mora a grande lição. A queda não é o oposto do milagre — ela é o caminho até ele.

Cada vez que alguém cai e escolhe levantar, algo invisível se fortalece: a convicção. A persistência. A coragem de tentar de novo, mesmo com medo. O mundo vê o momento glorioso. Poucos enxergam as cicatrizes emocionais que vieram antes dele.

Mas todos nós entendemos o que é falhar. Todos nós sabemos o que é duvidar de nós mesmos. E é por isso que essas histórias nos tocam, mesmo que nunca tenhamos colocado um par de patins.

Porque o gelo pode ser qualquer cenário da vida: um projeto que não deu certo, uma prova difícil, uma meta frustrada, um sonho adiado. A queda pode ser pública ou silenciosa. Mas a decisão de levantar é sempre íntima — e poderosa.

Se há algo que o legado de Surya e a ousadia de Ilia nos ensinam é que limites são frequentemente fronteiras mentais. Que padrões podem ser

quebrados. Que a excelência não nasce da ausência de erro, mas da insistência. Ela fala sobre resiliência, identidade e coragem para desafiar limites — externos e internos. Fala sobre acreditar na própria capacidade mesmo quando o resultado imediato não confirma o esforço.

E talvez o maior salto não seja aquele que desafia a gravidade. Não desistir diante da queda é um ato de fé no próprio processo. É compreender que o erro ensina, que a dor fortalece e que a persistência transforma potencial em realização.

Talvez seja aquele que desafia o medo. Não importa onde você esteja hoje. Se caiu, você está no caminho. A queda pode ter doído — mas pode ser exatamente ela que antecede o seu milagre.

No fim, o milagre não é apenas o salto executado com perfeição. O milagre é ter coragem de tentar novamente depois de tocar o chão frio — e descobrir que levantar-se pode ser o movimento mais extraordinário de todos.



artigo

MAÇONARIA TRADICIONAL VERSUS MAÇONARIA SECULAR – II

Izautonio da Silva Machado Junior / Geraldo Marcelo Lemos Gonçalves | Colaborador

Esta espécie de distinção é de natureza meramente formal, em nada afetando o conteúdo ou qualidade da “maçonaria” praticada.

No quesito diferenças que causam doutrinas distintas, ou seja, que alcança o conteúdo, apontamos o nosso Compasso para as duas correntes bem distintas que estão plenamente estabelecidas no seio da Maçonaria mundial, quais sejam, a **Maçonaria Tradicional** e a **Maçonaria Secular**. Essas vertentes também podem ser conhecidas por outras designações, como Maçonaria Conservadora, Ortodoxa ou Clássica, para se referir à primeira, e Maçonaria Liberal ou Adogmática para se referir à segunda.

Pois bem. A Maçonaria Tradicional é constituída pelas Grandes Lojas e Grandes Orientes que não admitem a discussão de assuntos políticos em Loja e nem permitem a manifestação política da Potência enquanto instituição, em qualquer esfera. E mais: a tentativa de argumentar que a proibição só alcança a política “partidária” nos parece ser apenas o nosso conhecido “jeitinho brasileiro” em ação, tendo em vista que a regra original não prevê exceções de qualquer natureza.

Os ortodoxos se reportam primordialmente às diretrizes estabelecidas pela *United Grand Lodge of England* (UGLE) como parâmetros para aferição de regularidade. Nesse contexto, a UGLE publicou no ano de 1938, em parceria com as Grandes Lojas da Escócia e da Irlanda, uma Declaração de Princípios fundamentais chamado *The Aims*

and Relations of the Craft, a qual passou a ser adotada como parâmetro por outras Potências a ela alinhadas como critérios de regularidade internacional. Os itens 6, 7 e 8 da Declaração versam sobre a proibição de assuntos políticos:

6 – Enquanto a maçonaria inculca assim em cada um de seus membros os deveres de lealdade e cidadania, ela se reserva ao indivíduo o direito de ter sua própria opinião em relação aos assuntos públicos. Entretanto, nem na Loja nem em nenhum momento na sua qualidade de maçom lhe é permitido discutir ou promover seus pontos de vista sobre questões teológicas ou políticas.

7 – A Grande Loja sempre se recusou consistentemente a expressar qualquer opinião sobre questões de política externa ou interna do Estado, seja no país ou no exterior, e não permitirá que seu nome seja associado a qualquer ação, por mais humanitária que possa parecer, o que infringe sua política inalterável de manter-se alheia a qualquer questão que afete as relações entre um governo e outro, ou entre partidos políticos, ou questionamentos sobre teorias rivais de Governo.

8 – A Grande Loja está ciente de que existem órgãos que se autodenominam maçons, que não aderem a esses princípios, e enquanto essa atitude existe, a Grande Loja se recusa absolutamente a ter quaisquer relações com tais órgãos ou considerá-los como maçons.

Alguns Irmãos poderiam aventar que a Premier inglesa se transformou em um verdadeiro Vaticano Maçônico,

e contestar a sua postura de estabelecer tais regras. No entanto, verdade seja dita, as Grandes Lojas da Inglaterra, Escócia e Irlanda criaram essas regras em conjunto e para si, para o fim de decidirem quem elas reconhecem ou não, se baseando nas suas tradições e naquilo que para elas é Maçonaria. A decisão de seguir tais normativas é uma decisão soberana de cada Potência. O fato é que a maioria passou a respeitá-las, se tornando a vedação de assuntos políticos um dos famosos **8 Pontos de Regularidade** adotados internacionalmente pela maioria das Potências ao redor do mundo para fins de reconhecimento entre si.

Além disso, a corrente tradicional também não admite em suas jurisdições as Lojas mistas (com homens e mulheres) ou femininas (apenas mulheres); exige a crença em um Ser Supremo para ser maçom e considera obrigatória a presença de um Volume da Lei Sagrada como parte do Mobiliário da Loja. Tais elementos são parte integrante daquilo que ela considera Maçonaria Regular.

As Potências que aderem a esta vertente representam a maioria absoluta do espectro maçônico, ou seja, estima-se que mais de 90% das Grandes Lojas e Grandes Orientes do mundo. Seu principal fórum de congregação são as reuniões

Reflexões sobre a discussão de assuntos políticos em fóruns da maçonaria regular



Os três macacos sábios no santuário *Tōshō-gū* em *Nikkō*, Japão

periódicas da *World Conference of Regular Masonic Grand Lodges*, realizadas a cada um ano e meio em países diferentes.

Ainda nesta seara de observação, falemos agora um pouco da Maçonaria Secular.

Os liberais são uma parte bem menor da maçonaria mundial, mas não podemos olvidar que fazem bastante barulho, e em alguns países como a França, são maioria. Esse grupo não é uniforme, pelo que podem possuir características distintas entre si. No entanto, de forma geral, é um bloco maçônico que apresenta diferenças em relação aos tradicionais nos seguintes pontos: leniência quanto à possibilidade de discussões políticas nas suas Lojas; a convivência com Lojas mistas ou femininas; a possibilidade de iniciação de ateus e agnósticos; a inexistência de um Livro Sagrado como parte do Mobiliário da Loja e o direito de suprimir o preâmbulo “À Glória do G.:A.:D.:U.:” em seus documentos oficiais, como uma forma de sublinhar o Adogmatismo.

Continua na próxima edição...



artigo

FILHO DAS ESTRELAS – II

Jorge Antônio Vieira Gonçalves | Colaborador

Durante o solstício de verão, ocorre o dia mais longo do ano, o sol atinge sua maior altitude em relação à perspectiva terrestre (ver figura 3), fazendo com que os dias se tornem mais longos. Seis meses depois, durante o solstício de inverno, o sol atinge sua menor altitude, tornando o dia mais curto do ano.

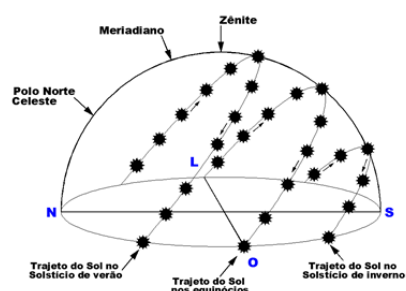


Figura 3 – Desenho Jorge Gonçalves

Os dois pontos equinociais são marcados pelo cruzamento da eclíptica com o Equador Celeste. Durante o movimento aparente do Sol pela eclíptica, há um momento em que o sol cruza o Equador Celeste e passa pelo ponto vernal (coluna de Áries), indo do Hemisfério Sul para o Norte. Esse fenômeno é conhecido como equinócio de Outono para o Sul e primavera para o Hemisfério Norte. O outro ponto (coluna de Libra) de cruzamento ocorre no lado oposto ao ponto vernal, quando o Sol cruza o Equador Celeste indo do Hemisfério Norte para o Sul.

O equinócio é o momento exato, com dia e hora marcados, em que a primavera ou o outono começa, depende do hemisfério de observação. A palavra vem do latim, que significa "noite igual", em referência à igualdade de duração dos períodos diurno e noturno em todo o globo.

Na antiga Babilônia, o ano novo começava no mês chamado de Nissan, que era identificado pela primeira Lua Nova após o equinócio da primavera. Este primeiro mês anunciava o início do Festival Akitu, considerado um grande evento do calendário babilônico. Em cerca de 2.166 a.C., a constelação de Áries (ponto vernal) marcava a posição dos equinócios da primavera, o que indicava o início da estação no hemisfério norte. Nossos antepassados perceberam que as mudanças celestes eram um reflexo das mudanças significativas que ocorriam na Terra. Eles acreditavam que o surgimento dessas constelações era responsável pelo brotamento das sementes.

Para compreender plenamente a simbologia da Maçonaria é essencial ter conhecimentos desses conceitos apresentados, uma vez que a ordem tem uma conexão simbólica forte com a astronomia, como pode ser percebido na maioria de seus símbolos. Essa relação é especialmente verificada no Rito Escocês Antigo e Aceito, um dos ritos maçônicos mais populares e praticados em todo o mundo. Nos templos maçônicos, a astronomia é representada por diversos elementos simbólicos, como as Colunas Zodiacais, a Abóbada Celeste, o movimento de rotação (giro destrocêntrico) e a linha imaginária do Equador, as Colunas Solsticiais® Coluna B (Trópico de Câncer) e Coluna J (Trópico de Capricórnio).

Ao ingressar na maçonaria no Rito Escocês Antigo e Aceito, o recém-iniciado é submetido a uma simulação de morte na Câmara de Reflexão e renasce na primavera, assim como as sementes que germinam após o inverno. O termo neófito, utilizado para se referir ao aprendiz que prestou juramento e recebeu a Luz na sessão de iniciação, vem

da junção das palavras gregas neo, que significa novo, e phytos, que significa planta. O novo iniciado deve se sentar na bancada da coluna norte, próxima ao lugar do primeiro vigilante (ver figura 4), que é exatamente onde a constelação zodiacal de Áries marca a posição do novo iniciado no Rito Escocês Antigo e Aceito. Isso ocorre porque, por volta de 2.166 a.C., quando o sol passava pela constelação de Áries no hemisfério norte, todo esplendor da primavera era experimentada. O ponto vernal determina a posição exata do neófito em um templo maçônico.

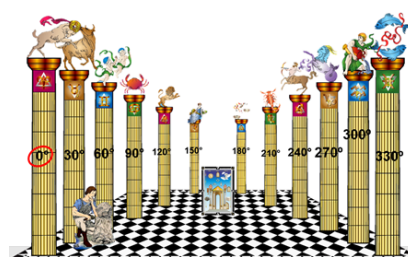


Figura 4
(Desenho Joel Guimarães de Oliveira)

A relação da Astronomia e a moderna Maçonaria pode ser rastreado na publicação espúria, mas de valor inestimável para a história da maçonaria: As Três Batidas Distintas (The Three Distinct Knocks), o ritual dos antigos, publicado em 1760. Na época de sua publicação, tinha uma clara finalidade de causar estragos à reputação da Maçonaria, no entanto, hoje, é uma importante referência bibliográfica. O ritual é uma das mais importantes publicações da tradição maçônica inglesa, no texto de abertura, o local dos oficiais está associado às três posições do sol: o Oriente para o Venerável, o Ocidente para o Primeiro Vigilante e o Sul para o Segundo Vigilante.

Independente da origem exata da relação entre astronomia e a moderna maçonaria, uma coisa é clara ao entrar em um templo maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito: as referências astronômicas, como as constelações zodiacais e os pontos solsticiais e equinociais,

não são meras histórias supersticiosas. Foram definidas como um sistema de coordenadas celestes (ver Figura 5) para fins de acompanhamento e cronometragem no drama de ressurreição e morte do iniciado, baseado nas mudanças das estações do ano. O Rito Escocês Antigo e Aceito é um rito solar. A luz do Sol sempre foi interpretada como símbolo para a sabedoria. Ele representa o processo de aperfeiçoamento pelo qual passa o iniciado, assim como a natureza que segue seu ciclo de vida e morte, renascendo na luz após a morte.

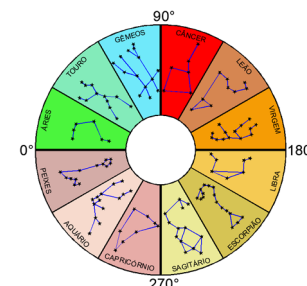
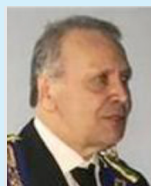


Figura 5 – Desenho Jorge Gonçalves

Apenas nos últimos séculos, ficou claro que as estrelas são como nosso próprio Sol, só que localizadas a enormes distâncias. O Sol é o coração do nosso sistema solar, nenhum símbolo marcou tanto a humanidade como ele. Cedo, os homens perceberam que o sol era condição indispensável para a existência e manutenção da vida.

Muitas vezes nos referimos ao Universo como algo distante. Nós estamos no Universo, somos parte dele, desde as menores partículas até as maiores galáxias que conhecemos. O Universo está dentro de nós, o nitrogênio em nosso DNA, o cálcio em nossos dentes, o ferro em nosso sangue, o Carbono, o Oxigênio, que são fundamentais para a nossa sobrevivência, foram sintetizados no interior de estrelas que já morreram. Somos filhos das estrelas! A história da astronomia trata do nascimento do conhecimento e da ignorância, quanto mais aprendemos, melhor dimensionamos nossas limitações diante da vastidão do universo.



opinião

UMA TÊNUE E SINGELA PERGUNTA

Newton Agrella | Colaborador

Para nós maçons, independentemente de Rito, Obediência ou Potência, será que é possível tornarmos-nos uma versão melhorada de nós mesmos?

Talvez isso seja viável, a partir do momento em que nos dermos conta de que fazemos parte de uma instituição humanística, nomeadamente filosófica e de caráter

eminentemente "especulativo", ou seja; que insta-nos a buscar o

Conhecimento e a Verdade através de um processo contínuo do exercício do Pensamento e de uma profunda e permanente Investigação ontológica.

Isto, de algum modo, significa cuidar da mente, como a propriedade mais preciosa que a vida nos faculta.

Somado a isto, despertar para o fato de que a Maçonaria oferece-nos caminhos inteligentes para que possamos percorrer uma jornada de graus, que paulatinamente, forçamos a nos superarmos como seres humanos.

Sermos gentis conosco é se constitui num bom exercício.

Perceber que ser autêntico, respeitando a si mesmo e aos outros é um enorme passo para a evolução.

E além disso tudo, ter a humildade de aprender com os próprios erros.

Quem sabe ainda, que para tornarmos-nos uma versão melhorada de nós mesmos, tenhamos que nos esmerar em manter uma atitude positiva diante da vida, pois só assim abriremos espaço para construir de maneira

profícua e consistente o nosso próprio templo.

O maçom, como o próprio significado da palavra traduz, é um construtor social, e o alicerce tem sua base de sustentação em si mesmo.

A construção impõe cálculos geométricos, raciocínio, segurança, estabilidade, arte e estilo.

É claro que a inspiração é uma disposição da alma que não pode ser desprezada.

Porém, para tornar a construção do próprio templo cada vez melhor é necessário abdicar de dogmas e reafirmar a capacidade do Pensamento e da Lógica como fatores determinantes para a própria evolução e aprimoramento consciencial.

galeria poética

**TERCEIRA CASA**

Getúlio Targino Lima
Cadeira nº 13

Na penúltima rua da existência
Estou morando... na terceira casa,
E em mim mora alegria que extravasa
Os limites de certa reverência.

É que vejo de Deus tanta clemência
E tanto amor por mim, qual viva brasa
Que meus tropeços lança em cova rasa
E me guia com infinda paciência.

E este Pai de bondade inda segura
A minha pobre mão, fraca e impura
Que a Ele estando, em transe, quando aflito...

E assim, em nova casa, ano após ano,
Residirei, com fé, sem desengano,
Até que Ele me chame ao Infinito.

**VIBRAÇÃO**

Helton Chacarosque
Cadeira nº 35

Se a parte explica o inteiro,
Aquele movimento infinito
Do elétron sugere a vibração.
Tudo vibra em frequências vivas.

Como se houvesse um roteiro,
Uma lei que pulsa e faz o agito.
Se até a rocha impõe sua ação,
O pensar move as locomotivas:

Faz a oração ou dispara o morteiro,
E se propaga pelo verso bendito,
No espaço para além desta geração.

Cabe vibrar pelo amor mais verdadeiro.
Evoluir é elevar o que faz mais bonito
E o que há de melhor no coração.

**CANTIGA DO SÓ - I**

Aidenor Aires
Cadeira nº 3

Sou como o nome dos bois.
Morreram nos matadouros.
morreram nos cascos brancos,
morreram na cor do sangue
os tão inocentes mas
já tão mortos bois.

Sou como o nome dos portos
cuias letras não se encontram
nos destinos dos navios.

Estou pregado na cruz
dos teus braços, irmão,
já fui tão puro e branco...
Que negro é o dia, irmão!

Sou como um canto e resvalo
dos quatro cantos da chaga.

Sou uma voz que naufraga
na tua garganta, irmão;
me crucifico nas ruas
de tua cidade irmão.
Sou como o nome dos bois.
não tenho memória, não.

**PREGUIÇA**

Adilson Zotovici
Colaborador

Passado, hoje e futuro
Sempre há algo que assole
Quem enfrente algum apuro
Qualquer crise o amole

Quadro comum que emolduro
E tem até quem se isole
Falso conforto mensuro
Que ainda mais se enrole

Superar sempre alto muro
Se mistér, então demole
Aos bons pedreiros auguro

Ainda que se esfole
O caminho é penoso e duro
A quem, preguiçoso e mole!

**PERNA CURTA**

Anderson Lima da Silva
Cadeira nº 2

Eu andava pelo mundo
Na algibeira da vida
Transitando vagabundo
Me escondendo da lida

Tinha rato e carrapato
Periquito e tico tico
Tinha pedra no sapato
Baladeira e pirulito

Frieira e subaqueira
Mofino e peneiro
Tinha curuba e boca torta
Nó nas tripas e cobreiro

Era bufa engarrafada
Lá na casa do chapéu
Onde o vento faz a curva
Na baixa do beleléu

Foi um tempo sem perdão
Azedume e perrengue
Sem juízo e coração
Não se compra e nem se vende

Água mole em pedra dura...
Não vou terminar o verso
O que não mata, engorda
Não faça de novo, eu peço

Nem sempre o chicote ensina
As aparências enganam
Ganhei uma nova sina
Bons caminhos me chamam



A INICIAÇÃO DE FATO

Adilson Zotovici
Colaborador

Controvérsias sobre o ato
Que se tem dito à exaustão
Mito sobre o desiderato
Da verdadeira iniciação

Em que pese atenção e tato
O cuidado e a inspiração
Em tese, a condução, o trato
É o fado à introspecção

Ato inicial com aparato
Que o esperto com cognição
Leva ao “seu ser” o candidato
Decerto à surdir nova visão

A incitar brilho que lhe é nato
E desperto à Luz, à ascensão
Que se conduz intemorato
No trilho incerto da perfeição

E na validação um hiato !
Que no decorrer dessa incursão
“Iniciação ou não, de fato”...
Está na sua “Transformação”!



DA VIDA SIMPLES

João Batista da Silva Paiva
Colaborador

Se entende do Complicado
Naquilo que gera Apreensão
Até mais um caso delicado
Demanda Estudo e Atenção
Tanta coisa que aflige a Vida
Intranquiliza no corre e corre
Não fosse a correria Indevida
Em estafas que quase morre...
Se puder reduzir no que complicou
Menos coisas no querer lidar e ter
Em complexidade e que gerenciou
Trás Alívio e Simplicidade no viver



BODAS PARA A VIDA

Helton Chacarosque
| Cadeira nº 35

Da calçada, noto toda a alegria da avenida,
Do casal de araras em grande celebração;
Lembram-me quem semeia muita vida,
Pulsa a cultura e emociona o coração.

Juntas, para além de qualquer partida,
Caminham firmes, de mãos dadas na jornada;
Transformam sonho em luta bem vivida,
Fazendo do amor raiz bem cultivada.

José Mariano, voz serena e companheira,
Ana Lúcia, luz constante a florescer,
São laço forte, ternura verdadeira.

Que o tempo aprenda com o seu viver:
Casamento é arte, escolha e sementeira,
E amar, todos os dias, é renascer.



DESCOBERTA

Aidenor Aires
| Cadeira nº 3

Menino, passa a mão
pelo rosto tantas vezes navegado,
e vai crescendo a barba
num prenúncio de sombra.
O menino não sente o mundo,
o menino perdeu o mundo
e morre na barba
e morre na sombra.
Secaram-se as feridas da infância,
os olhos verdes da infância
amadureceram repentinamente.

Cairão, num suicídio,
os papagaios
Descem frementes,
num pulsar de assombro
sonhos maduros
no portal da tarde.



UMA GOTA

Getúlio Targino Lima
Cadeira nº 13

Uma gota caiu,
Só uma gota
De orvalho,
Mas foi suficiente
Para molhar
A flor do meu sentir,
Do meu desesperado
Agrado.

Uma gota caiu,
Só uma gota
De sangue,
Mas serviu
Para revitalizar
Meu peito gasto
E reviver
Um coração
Como animal sem pasto.

E tu,
Ó caminheiro das estrelas,
Ao passares
Bem junto à mais brilhante,
Dize a ela
Do bem que sempre faz,
Da luz que tanto apraz,
Da vida que semeia.

E, em gratidão,
Dize a ela
Que pedirei ao Rei
De toda criação universal
Que não se apague
Jamais a sua luz,
Meu mel,
Meu sal,
O sopro divinal.



artigo

RETIRANDO MÁSCARAS E FANTASIAS!

Francisco Feitosa | Colaborador

Enfim, Quarta-feira de Cinzas! Despedimo-nos da festa mais popular do mundo – o Carnaval, que tem sua origem nas festas pagãs da Antiguidade, como as sacéias

babilônicas e os bacanais greco-romanos, que celebravam o início da primavera e a subversão da ordem social.

Nas festas pagãs, como na Mesopotâmia, na Grécia e em Roma, celebravam-se a fartura e a subversão da ordem (escravos agiam como reis). **Bem próprio dos dias atuais, não é mesmo?** A Igreja, com o passar do tempo, incorporou as celebrações como um período de "despedida da carne", antes do jejum da Quaresma. Etimologicamente, deriva do termo latino "carne levare" (afastar-se da carne).

A entrega da chave da cidade ao Rei Momo não é um mero simbolismo, mas **um ritual de abertura**, quando se decreta a suspensão da ordem comum dando lugar à libertinagem, sob as vestes inocente da alegria, da descontração e da irreverência.

A utilização da máscara no Carnaval teve sua origem em Veneza, no século XV, quando os nobres, para se misturarem aos populares, as utilizavam para preservar o anonimato. Na verdade, uma de suas origens foi o teatro grego e, mais anteriormente, os rituais africanos, para invocar suas divindades. Chegou ao Brasil no século XVII e tomou força em 1840, no Baile de Máscaras, no Rio de Janeiro, popularizando-se como símbolo de diversão e sátira social.

Portanto, a quarta-feira posterior ao Carnaval, é o momento de se retirar as máscaras e "queimar" tudo o que foi vivido de mundano (**e daí, o**

termo Cinzas), iniciando nesse dia uma fase de purificação, conhecida como Quaresma.

Nesta mesma época, no ano de 2020, publiquei um artigo de minha autoria, intitulado "**A Quarentena na Quaresma**", o qual deu origem ao nosso "**Programa Despertar**". Tal artigo teve o objetivo de chamar à reflexão nossos leitores sobre os dias trevosos e de tantas adversidades causados pela "**pandemia**", curiosamente, iniciada logo depois do Carnaval. **De certo, apenas uma "Coincidência", provavelmente!**

Hoje, inicia-se, portanto, a Quaresma – termo latino referindo-se ao período de 40 dias, que vai do final da "**Festa da Carne**" até o Domingo de Ramos, antecedendo-se ao que os cristãos chamam de Semana Santa.

Essa é a festa popular "**do tudo pode**" (sexo, bebida, drogas, etc.). **Também, o que se esperar de uma festa cujas origens vem dos bacanais greco-romanos?** O termo "**bacanais**", cujo significado todos bem conhecem, eram rituais dedicados a Baco – deus do vinho. **Percebe a influência desse arquétipo, estimulando a orgia, regada à bebida e às drogas? Outra mera "Coincidência", com certeza!**

Energeticamente falando, não temos como negar que o Carnaval é um período denso, de baixas vibrações, em que a maioria confunde a liberdade com a libertinagem. No plano espiritual trata-se de um momento delicadíssimo, que passa longe da compreensão das massas distraídas. **Chico Xavier** dizia que: "**nesses dias de folia o plano das Trevas se aconchega à crosta, unindo suas sombras aos folgedos consequentes dos homens**". Pois é! A quem

interessar uma explicação mais profunda, à luz do cristianismo, **clique aqui!**

A Quarta-Feira de Cinzas lembra, portanto, a transitoriedade da vida, marcando o retorno à introspecção após a celebração profana. Esse período é de purificação e preparação para a Páscoa que, para os hebreus, é a Libertação e, para os cristãos, o Renascimento, embora, tendo o mesmo sentido evolutivo.

Entra ano, sai ano e as massas não percebem a mensagem subliminar que se oculta por esse período.

Trata-se de uma trajetória iniciática, em que precisamos nos despojar das máscaras de nossa "**persona**" (**ego**) e nos submeter à "**Prova do Fogo**", para que as Chamas (internas) do Fogo Sagrado incinerem nossas paixões e desejos, para que nada de profano subsista (**Cinzas**), a fim de iniciarmos internamente a Quaresma dentro de nossa Câmara das Reflexões (a exemplo do "**Jejum do Cristo**" no deserto, passando pelas provas da tentação), quando teremos que de frontar e vencer nossas próprias sombras (**tentações**), que tentam impedir a nossa Caminhada de volta à "**Casa do Pai**".

Assim como Sananda (**Cristo**) adentrou Jerusalém montado em um jumento (**Domingo de Ramos**), deveremos, também, vencer o quaternário da matéria (**nossa animalidade – jumento, quatro patas**) adentrando em nosso Templo Interior, encontrando nosso Cristo Interno – o Mestre; a nossa Libertação Espiritual; ou, o nosso Renascimento. **Daí, o real sentido da Páscoa – (pessach) "passagem" (para um novo estado de consciência).**

Nesta quarta-feira de Cinzas, em que muitos ainda ressaqueados, estão se limpando dos últimos insistentes confetes e tentando se lembrar de quantas bocas beijou na "**festa da permissividade**" (para dizer o mínimo), trago esta reflexão de vida que, talvez, passe incólume pela percepção da grande maioria dos ingênuos foliões. Enfim...

O Carnaval acabou e as máscaras perderam sua serventia. Então, diria Drummond em seu livro, "**Os Sentimentos do Mundo**" – 1942: "**E agora José? A festa acabou, a luz apagou, o povo sumiu, a noite esfriou. E, agora, José?**" Esse poema icônico é uma reflexão profunda sobre a angústia existencial e a busca por sentido na vida.

Em tempos de Apocalipse (**revelações**) temos, então, o "**Cair das**

Máscaras" nas mais diversas formas e segmentos da sociedade! Por vezes, anunciei que 2026 promete a exposição de muitas revelações.

O ano mal começou e tanta coisa está se revelando! Portanto, estejam atentos e preparem seus estômagos. As verdades imploram pela atenção das massas (**como um grito de Despertar**) que insistem em gastar seu precioso tempo com distrações. O momento atual é, sem dúvida, o de folhear as últimas páginas das escrituras que, há muito, já apontavam para este período conturbado da humanidade, de transição para um Novo Ciclo. Desculpe a insistência, mas, voltarei a te alertar: o mundo que você conhecia e insiste em vivenciar, **NÃO EXISTE MAIS!**



O Evangelho, segundo Mateus (22:14), diz: "**Pois, muitos são chamados, mas poucos são escolhidos**".

Permita-me aqui ajustar as palavras da "**Parábola do Banquete de Casamento**". Diria eu: "**Todos foram chamados, porém, poucos se auto escolheram**". A auto escolha é o Despertar da Matrix. É o se Libertar da escravidão (**hebreus**). É o Renascer do Cristo Interno (**cristãos**). É o verdadeiro sentido de "**Ressuscitar o Mestre**" (**Arte Real**).

Por fim, esse período do Carnaval à Páscoa, **para quem tem olhos de ver**, representa uma transição de nível consciencial, do profano ao Iniciado, como a libertação dos hebreus, no Egito, significando a "**passagem**" a um novo estado de consciência e conquistando o passaporte para o Novo Ciclo evolutivo.

Que essas breves linhas te leve à reflexão e o estimule a se despojar de suas **máscaras e fantasias** do cotidiano, e te conduza aos portais da Iniciação Real. Permita-me encerrar este artigo com um pensamento do Mestre JHS, ao qual presto minha eterna gratidão: "**Do ilusório conduza-me ao Real, das trevas à Luz, da morte à Imortalidade**"...



João Batista Fagundes Filho
OAB/GO 14.295
fagundesadvgo@gmail.com

62. 3215-2293

Rua 10 nº 250, Sala 302 - Ed. Trade Center
CEP 74120-020 - Setor Oeste - Goiânia-GO

ENI CABRAL & G. MARTINS FERRO S/C ADVOCACIA
OAB-GO 35

Eni Cabral
ADVOGADO

Rua 10 nº 238 - Edifício Jotabrado - Sala 602
Setor Oeste - CEP 74120-020 - Goiânia - Goiás

Fone: (62) 3215-1973
Fax: 3215-1838
e-mail: enicabral@terra.com.br



ABORTO, SIM!

Paulo Azeredo | Colaborador

De palavras que jamais deveriam nascer

Nem toda palavra que chega à boca merece nascer. Algumas chegam apressadas, pedindo passagem imediata, como se o mundo dependesse de sua saída. Aproximam-se da língua carregadas de comentários, notícias, impressões ou julgamentos — quase sempre acompanhadas de uma justificativa silenciosa que tranquiliza a consciência: “Não há mal nenhum em dizer isso.”

Mas poucas vezes percebemos que, antes de atravessar nossos lábios, cada palavra precisa atravessar algo muito mais delicado: a consciência. E a consciência, quando está desperta, costuma fazer perguntas. Não perguntas barulhentas. Não interrogatórios severos. Apenas perguntas simples.

Daquelas que, quando respondidas com honestidade, podem impedir que uma palavra se transforme em ferida. Porque as palavras têm um destino curioso.

Nascem leves — quase sem peso — mas podem tornar-se pesadas quando pousam no coração de alguém. Depois de pronunciadas deixam de nos pertencer. Ganham caminho próprio, percorrem ouvidos, crescem nas interpretações alheias e muitas vezes se tornam maiores que a intenção que as colocou no mundo. Talvez por isso as antigas tradições de sabedoria sempre tenham aconselhado prudência no falar.

Os velhos mestres sabiam que a vida moral de um homem não se mede apenas pelos grandes gestos de virtude. Muitas vezes ela se revela nas pequenas escolhas silenciosas: aquilo que repetimos, aquilo que comentamos, aquilo que decidimos transmitir adiante.

Porque cada palavra que levamos ao mundo passa, antes de tudo, pela oficina da própria consciência.

Conta-se que um jovem buscador procurou um velho instrutor espiritual para compreender esse mistério. Ele estava inquieto.

As pessoas falavam muito umas das outras. Histórias surgiam todos os dias. Comentários viajavam com rapidez impressionante. E ele não sabia como agir diante disso.

Deveria repetir o que escutava? Deveria comentar? Ou deveria simplesmente calar? O velho ouviu com paciência.

Depois aproximou-se de uma pequena mesa onde repousavam três antigas peneiras de metal, usadas em tempos remotos para separar o trigo das impurezas. Colocou-as diante do jovem e disse com serenidade:

— Antes de permitir que uma palavra atravessasse teus lábios, deixa que ela atravessasse primeiro estas três peneiras.

O jovem inclinou-se curioso.

— A primeira é a peneira da verdade.

Nem tudo o que chega aos nossos ouvidos nasceu da realidade. Muitas coisas são apenas interpretações, suposições ou ecos distorcidos do que alguém ouviu de outro alguém.

Se não sabes ao certo, não tens o direito de transformar dúvida em afirmação.

Porque repetir o que não sabemos pode ser uma forma silenciosa de injustiça. O mestre continuou:

— A segunda é a peneira da bondade.

Mesmo quando algo é verdadeiro, pergunta ao teu coração: aquilo que vais dizer produzirá algum bem?

Ajudará alguém a crescer?

Trará compreensão?

Diminuirá algum sofrimento?

A verdade sem caridade pode transformar-se em dureza.

E a dureza raramente ilumina.

Então levantou a terceira peneira.

— Esta é a peneira da utilidade.

Pergunta à tua consciência: essa palavra é necessária?

Ela corrigirá um erro?

Evitará um mal?

Promoverá reconciliação?

Se não produzir nada disso, talvez seja apenas ruído — palavra em movimento sem finalidade construtiva.

O jovem ficou em silêncio por alguns instantes e perguntou:

— E se a palavra não passar por nenhuma dessas peneiras?

O velho sorriu.

— Então ela encontrou o seu lugar natural.

— Qual?

— O silêncio.

O silêncio, explicou o mestre, não é ausência de pensamento.

É presença de consciência.

Ele protege a dignidade de quem não está presente.

Preserva a paz das relações humanas.

E impede que nos tornemos instrumentos daquilo que fere.

As sociedades raramente desmoronam por grandes tragédias morais. Muitas vezes começam a enfraquecer por algo muito mais sutil: a erosão da confiança.

E a confiança se desgasta quando as palavras deixam de ser guardadas pela responsabilidade.

Ser livre, portanto, não é dizer tudo o que pensamos.

Ser livre é possuir domínio suficiente sobre nós mesmos para escolher o que merece ser dito.

E ser de bons costumes não é apenas demonstrar virtude em momentos solenes.

É vigiar as pequenas portas da convivência cotidiana: as conversas aparentemente inocentes, os comentários rápidos, as histórias que chegam prontas para serem transmitidas adiante.

Cada palavra que decidimos não repetir pode ser um pequeno ato de caridade.

Cada silêncio consciente pode ser uma forma discreta de construção moral.

Porque as grandes obras humanas não são feitas apenas de pedra.

Elas também são feitas de confiança.

E a confiança se sustenta sobre algo invisível e delicado: o respeito que temos pelas palavras que pronunciamos.

Talvez por isso os homens que amadurecem espiritualmente aprendam, pouco a pouco, uma disciplina simples.

Antes de falar, perguntam:

É verdade? É bom? É útil?

Se for, a palavra pode seguir seu caminho e talvez iluminar alguém.

Se não for, permanece onde deveria ter ficado desde o início: no território sereno da consciência.

Porque existe uma forma elevada de sabedoria que raramente chama atenção.

Ela se manifesta naquele instante quase invisível em que a consciência segura uma palavra antes que ela atravesse os lábios.

É nesse momento que o homem aprende algo essencial:

que nem toda palavra merece nascer.

Algumas deveriam morrer ainda no silêncio da consciência.

Porque há palavras que iluminam o mundo — e há aquelas que a consciência, com misericórdia, decide não deixar nascer.



A VIDA COMO TEMPO OU PASSAGEM, O VALOR DE CADA INSTANTE – II

Francisco Amorim | Colaborador

Era uma casa espaçosa, bonita com fachadas adornadas por pastilhas e azulejos em tons verde e branco, o que criava um visual alegre e característico deste bairro de descendentes italianos. Os familiares com fisionomia de angústia e preocupação cercaram de imediato a ambulância.

Por aqui Doutor! Disse um dos filhos da Sra. Isabelle.

Para preservar a memória dos protagonistas desta crônica, darei nomes fictícios, garantindo que a história seja contada sem expor indevidamente seus nomes verdadeiros, mesmo porque a esta altura da vida fui traído por minha memória que definitivamente me fez apagar seus verdadeiros nomes de batismo.

Adentrei na casa da paciente que se encontrava moribunda em um dos cômodos. A Sra. Isabelle encontrava-se apática e ofegante, sem comunicação e quase desfalecida. Seus sinais vitais prediziam a gravidade do caso, sem resposta aos meus estímulos iniciamos imediatamente medidas de suporte básico de vida. Em um dado momento do meu atendimento de socorro, fui interrompido por um dos familiares, o mesmo que nos recepcionou e que vou chama-lo de Giuseppe.

— Doutor!!! como é mesmo seu nome?

— Francisco, e continuei a executar minha conduta médica e orientações à enfermagem.

O Sr. Giuseppe, era o mais velho de uma prole de 9 filhos. Era um sujeito aparentando ter uns 70

anos, longilíneo, bigode volumoso em tom amarelo, apresentava uma voz rouca e grave (maltratada pelo consumo intenso de cigarro), tinha um forte sotaque italiano e cara de poucos amigos. Era ele quem acalentava e ao mesmo tempo ditava as ordens do dia aos familiares ali presentes.

— Dr. Francisco !!!, disse o Sr. Giuseppe, minha nonna tem uma doença muito grave e sei que desta não passará.

— Que doença? Pergunto de maneira instintiva e já solicitando a enfermeira Zilma que instalasse um acesso venoso, cateter de oxigênio e monitor cardíaco na paciente.

— Ela tem um problema que não sei ao certo do que se trata, mas os médicos que ela acompanha já me falaram que não tem cura, portanto, não seria prudente deixa-la morrer aqui? disse em tom baixo e quase sussurrando.

O teor da fala do Sr. Giuseppe, potencialmente conflituosa associada ao alto componente emocional que a mesma gerou, fez desviar minha atenção e olhar de medico para o falante familiar.

Continua na próxima edição...



artigo

A PEDRA E O SILÊNCIO

José Eduardo de Miranda | Cadeira nº 7

A cidade tem ruídos oficiais, que são seus. Buzinas, elevadores, notificações, urgências repetem-se no dia-a-dia, como se fossem orações sem fé. Ademais, existem ruídos íntimos, como a pressa para não sentir, a opinião pronta para não escutar, o orgulho disfarçado de certeza. Há noites em que tudo pesa não porque a vida esteja difícil, mas porque está alta demais por dentro. Foi numa dessas noites que ele parou diante de uma porta sem placa.

Nada chamava atenção ali. Nenhum anúncio, nenhuma promessa, nenhum brilho. A ausência de espetáculo o segurou, como se o lugar não pedisse aplauso, mas presença. Ele tocou. A porta cedeu com discrição. Um homem o recebeu sem efusão, com uma cordialidade que não invade. Era a gentileza de quem não precisa conquistar, apenas acolher.

Sempre disseram que a Maçonaria é 'secreta'. Ele cresceu ouvindo a palavra como quem ouve 'conspiração'. Entretanto, naquele corredor quieto, 'segredo' pareceu apenas uma forma de

resguardo. Como quem fecha uma oficina não para tramar, mas para trabalhar.

Quando entrou, percebeu uma ordem que não era decorativa. Nada gritava. Os símbolos estavam ali, mas não como enfeites. Os símbolos saltavam como lembretes. Sentiu, naquela hora, que um desenho pode ser apenas um desenho, até o dia em que ele te aponta.

Em algum momento falaram de uma pedra bruta. A expressão, tão simples, caiu-lhe como diagnóstico delicado. Pedra bruta. Pedra: irregular, cheia de quinas, difícil de encaixar. Não era ofensa. Era começo. Há coisas que a gente chama de 'jeito', mas são quinas. Há coisas que a gente chama de 'sinceridade', mas são brutalidade com boa dicção. Há coisas que a gente chama de 'firmeza', mas são medo travestido. A pedra bruta, ele entendeu, é o nome honesto do inacabado que carregamos, e, talvez, maturidade seja aceitar o próprio acabamento como tarefa.

Depois vieram as ferramentas. Um esquadro, o compasso e a régua. Ele pensou que ferramentas têm algo de moral.

Elas não fazem o serviço sozinhas, mas impedem que a mão se engane sobre o que está fazendo.

O esquadro não pedia rigidez; pedia coerência. Retidão não como moralismo, mas como alinhamento. Para dizer menos do que se é, e ser mais do que se diz. Não vender virtudes que não se pratica. Não posar de justo enquanto coleciona pequenas injustiças íntimas, daquelas que ninguém vê, exceto a consciência, que tem memória.

O compasso sugeria limite. E limite, hoje, parece quase uma palavra ofensiva, eis que vivemos como se todo desejo fosse um direito, e toda frustração uma violência do mundo contra nós. O compasso lembrava o contrário, como um ponto em que o 'eu' termina e o outro começa. Há uma fronteira onde a vontade precisa aprender educação.

Sentiu que a régua media o tempo, e, medindo tempo, media vida. Porque tempo é a matéria que mais gastamos fingindo que não é finita. E finitude é uma mestra que a distração tenta demitir.

O rito seguia gestos, palavras, pausas. O silêncio pairava como se ferramenta fosse. Lá fora, a gente fala para se defender, para vencer, para parecer. Ali, o silêncio não era vazio. O silêncio era método. Um modo de escutar aquilo que o barulho não deixa existir.

Alguém falou de fraternidade. E ele, que sempre achou a palavra bonita demais para caber na prática, sentiu o peso do termo. Fraternidade não é ternura, é recusa da desumanização. É discordar sem destruir. É ter limites sem virar carasco. Ele pensou, com incômodo honesto, em quantas vezes preferiu ter razão a ter vínculo, e em quantas vezes usou inteligência como arma, chamando a ferida de 'debate'.

Quando tudo terminou, ninguém comemorou. Não houve euforia. Houve retorno.

Na rua, a cidade continuava com seus motores. A diferença era interna. Algo tinha sido nomeado. E quando algo é nomeado, perde parte do poder de nos governar no escuro. Ele entrou no carro sem vontade de contar a ninguém. Não por segredo, mas por cuidado. Algumas coisas, quando são verdadeiras, precisam de silêncio para criar raiz.

Então ele entendeu. A pedra bruta não é inimiga. É começo. A Maçonaria é menos 'sociedade' e mais oficina...

A Maçonaria é um lugar onde o humano tenta se lapidar sem fantasia de pureza, com símbolos como ferramentas e disciplina como estrada, não para aparecer iluminado, mas para tropeçar menos nas próprias sombras.



opinião

QUANDO A DÍVIDA VIRA CRIME?

Arthur Camargo Novais | Colaborador

Os crimes contra a ordem tributária estão previstos principalmente na Lei nº 8.137/1990. Esses delitos buscam proteger um bem jurídico fundamental: a regular arrecadação de tributos e, por consequência, a estabilidade da ordem econômica e a capacidade do Estado de cumprir suas funções.

Para que determinada conduta seja considerada crime, entretanto, não basta a existência de um interesse estatal. Dentre outros elementos, é necessário que haja elevado grau de reprovabilidade social. Para compreender essa dimensão, pode-se recorrer à Teoria dos Jogos, um ramo da matemática que estuda estratégias de decisão em situações de cooperação ou conflito.

TEORIA DOS JOGOS E A REPROVABILIDADE SOCIAL

A teoria dos jogos apresenta um exemplo clássico conhecido como Dilema dos Prisioneiros. Se substituirmos os prisioneiros pelos agentes econômicos (como contribuintes e empresas) torna-se didática a compreensão da lógica da cooperação tributária.

Quando todos colaboram, pagando corretamente seus tributos, aumenta a probabilidade de que o Estado consiga financiar políticas públicas e serviços essenciais. Isso porque o orçamento

público a partir de estimativas de arrecadação.

Contudo, quando alguns optam por sonegar (sabotar) enquanto outros cumprem suas obrigações, aqueles que sonegaram acabam obtendo vantagens individuais às custas do coletivo.

Se essa lógica de sabotagem se generalizar, o resultado pode ser um colapso no próprio equilíbrio fiscal, comprometendo: (i) a capacidade estatal de prover serviços básicos, (ii) o funcionamento das instituições públicas e (iii) a estabilidade do sistema econômico.

Nesse contexto, a reprovabilidade social da sonegação surge justamente da quebra dessa expectativa coletiva. Ainda que pagar imposto não seja algo naturalmente desejado, existe uma dimensão ética que sustenta a ideia de que todos devem contribuir para o financiamento das atividades estatais.

Funcionalismo penal e legitimação da criminalização

O professor Juarez Tavares, ao tratar de legitimidade da norma penal sob a ótica (crítica) do funcionalismo, distingue dois tipos de expectativas sociais: as cognitivas e as normativas.

As expectativas cognitivas dizem respeito às previsões que fazemos sobre o comportamento alheio e que, quando frustradas, geram aprendizado. Já as expectativas normativas, quando

contrariadas, exigem a atuação de mecanismos institucionais capazes de restaurar a confiança social, entre eles, o Direito.

O problema surge quando o Direito Penal passa a ser utilizado de forma excessiva para lidar com situações que poderiam ser resolvidas por outras esferas do ordenamento jurídicos. No campo tributário, o Estado já dispõe de diversos instrumentos administrativos e fiscais destinados à recuperação do crédito público.

No Brasil, observa-se, contudo, uma tendência de recorrer ao sistema penal como instrumento de coerção para prevenir o cumprimento de obrigações tributárias "a todo custo". Essa estratégia, embora compreensível sob a ótica arrecadatória, pode entrar em tensão com princípios constitucionais fundamentais, como os da legalidade, da intervenção mínima e da dignidade da pessoa humana.

LABELLING APPROACH E A ESTIGMATIZAÇÃO DO DEVEDOR

A Criminologia Crítica também oferece ferramentas importantes para compreender esse fenômeno. A teoria do Labelling Approach (ou teoria do etiquetamento) demonstra como determinadas categorias sociais passam a ser rotuladas como desviantes ou criminosas.

No campo tributário, muitas vezes o devedor é automaticamente associado à figura do sonegador, isto é, aquele que deliberadamente busca vantagem ilícita. Essa associação, entretanto, nem sempre corresponde à realidade, em

Diversas dívidas fiscais decorrem de crises econômicas, dificuldades financeiras, concorrência desleal ou falhas de gestão empresarial, e não necessariamente de intenção fraudulenta.

Ainda assim, a simples existência de um débito tributário pode gerar não apenas consequências patrimoniais, como bloqueios judiciais, penhoras e restrições de crédito, mas também impactos sociais e familiares, reforçados pela rotulação pública do devedor como "criminoso".

TODO CRÉDITO TRIBUTÁRIO É CRIME?

É importante esclarecer que nem toda dívida tributária configura crime.

A existência de débito fiscal pode levar à execução fiscal, mas a responsabilização penal exige a comprovação de conduta dolosa, ou seja, a intenção deliberada de fraudar o fisco ou induzi-lo a erro para obter vantagem econômica indevida. Essas condutas estão descritas nos artigos 1º e seguintes da Lei nº 8.137/1990.

Assim, a inadimplência decorrente de dificuldades financeiras, crises de mercado ou má-gestão empresarial não caracteriza, por si só, infração penal.

Prevenção e segurança jurídica

Diante desse cenário, torna-se fundamental que contribuintes, especialmente empresas, mantenham registros contábeis organizados e transparentes.

Em muitos setores, inclusive, a adoção de mecanismos de compliance e assessoria jurídica especializada constitui requisito essencial para a adequada gestão de riscos.

Continua na próxima edição...



ciência & saúde

O PAPEL DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA REABILITAÇÃO

Paulo Ricardo Arantes de Brito | Colaborador

Meus irmão, sobre uma ótica bem salutar venho através deste falar sobre a reabilitação do ponto de vista da educação física. Por várias vezes ouvi, li e até acompanhei pessoas falando que “a educação física é para a prática esportiva, musculação e estética, a reabilitação é para os fisioterapeutas e médicos”. Atualmente o campo da reabilitação está muito ampla e segmentada por áreas individuais e complementares. A educação

física no processo de reabilitação é um campo pouco compreendido e valorizado, visto que o profissional de educação física muitas vezes não compreende sua própria atuação. Reabilitação é um processo multiprofissional de medidas terapêuticas que visa restaurar a funcionalidade, autonomia e qualidade de vida de indivíduos com deficiências, lesões ou doenças. Ela otimiza a integração social e a saúde física/mental, sendo um processo de “tornar-se capaz”

adaptado às necessidades individuais. Sendo assim, perder peso na doença obesidade, fortalecimento muscular para realização de atividades da vida diária com segurança e força, envelhecimento funcional, recuperação cardio pulmonar são processos de reabilitação.

O profissional de educação física pode atuar com maestria quando capacitado, é na reabilitação de uma ruptura de um ligamento ou tendão. Após as sessões de fisioterapia, o paciente vai precisar de um olhar mais cuidadoso para a melhoria de padrões de movimento e fortalecimento da estrutura, ou grupamento muscular que fazem determinada ação muscular. A atividade física é um ótimo aliado para o combate às doenças mentais, pois através de um bom exercício físico conseguimos regular e melhorar o humor a concentração entre outros fatores cotidianos

de quem sofre esta patologia silenciosa e que mexe com o humor do nosso paciente/aluno. Através dos exercícios físicos é possível melhorar vários padrões comportamentais e até mesmo de doenças comuns às consideradas mais graves. Estas reflexões aos irmão sobre saúde e qualidade de vida é de suma importância quando temos pacientes em processo de reabilitação. Os benefícios da atividade física no processo de reabilitação pode também auxiliar na melhora da alto imagem, visto que atividade física mostra resultados a médio e longo prazo em um mundo tão imediatista. Um diagnóstico médico correto e um trabalho em conjunto multiprofissional é o segredo de uma reabilitação bem direcionada e a educação física faz parte deste processo, onde os maiores beneficiários são o paciente e seu grupo de pertencimento.



opinião

O DISCURSO E OS FATORES DE LIMITAÇÃO

Marcelo Bareato | Colaborador

Há momentos na história em que as sociedades parecem perder a capacidade de reconhecer os próprios erros. Não se trata apenas de crises políticas, econômicas ou institucionais — estas sempre existiram. O que realmente distingue certos períodos é a deterioração do debate público e a progressiva incapacidade de lidar com a realidade tal como ela é.

A história humana nunca foi linear. Civilizações avançam, tropeçam, retrocedem e, por vezes, encontram novamente o caminho do progresso. A evolução coletiva sempre dependeu de um elemento essencial: a disposição para aprender, dialogar e corrigir rumos. Quando esse elemento desaparece, não é apenas a política que se degrada — é a própria inteligência social que entra em colapso.

Durante muito tempo, mesmo nas divergências mais profundas, ainda havia algum compromisso com a razão. As sociedades conseguiam, de maneira imperfeita, mas funcional, distinguir o erro corrigível da obstinação irracional. Os equívocos dos tolos, ainda que frequentes, não eram necessariamente permanentes. A ignorância podia ser combatida pela experiência, pelo estudo e pela confrontação honesta com os fatos.

O problema contemporâneo parece residir em algo mais profundo: a substituição gradual da ignorância pela recusa deliberada do conhecimento.

É preciso reconhecer a diferença.

O tolo erra porque não sabe. Sua limitação é cognitiva, mas não necessariamente moral. Quando confrontado com a evidência, pode recuar, reconsiderar e, eventualmente, aprender. A história do progresso humano, afinal, está repleta de equívocos corrigidos.

O imbecil, entretanto, representa um fenômeno distinto. Ele não apenas ignora — **ele milita contra a própria possibilidade de compreender**. Sua relação com a realidade não é de investigação, mas de negação. Diante de fatos inconvenientes, reage com indignação; diante de argumentos sólidos, substitui o raciocínio pelo grito. Não busca compreender, mas impor. Não procura a verdade, mas a vitória retórica.

Nesse ambiente, a lógica perde espaço para a teatralização permanente do conflito. A responsabilidade individual é dissolvida em narrativas de vitimização coletiva, e a culpa torna-se sempre externa: do sistema, da sociedade, das circunstâncias ou de qualquer outro elemento que permita preservar intacta a própria convicção.

É nesse terreno que prosperam algumas das distorções mais corrosivas do nosso tempo. Multiplicam-se os discursos que reivindicam direitos sem qualquer menção a deveres. Naturaliza-se a dependência estrutural do assistencialismo como se fosse solução permanente, e não instrumento transitório. O fracasso pessoal transforma-se em acusação pública, enquanto o mérito passa a ser tratado com suspeita ou desprezo.

Não se trata, evidentemente, de negar desigualdades ou dificuldades reais. O problema surge quando a explicação das dificuldades passa a substituir completamente o esforço de superá-las. Quando a narrativa da injustiça permanente passa a ocupar o espaço que antes pertencia à responsabilidade individual e ao esforço intelectual. Nesse momento, algo essencial se perde: a confiança de que o conhecimento, o trabalho e a disciplina ainda são caminhos legítimos de ascensão e transformação.

Recuperar essa confiança talvez seja o grande desafio de nossa época. Não apenas por razões econômicas ou institucionais, mas por uma questão civilizatória. Sociedades que abandonam o valor do estudo, da reflexão e do debate racional acabam inevitavelmente reféns do ruído, da simplificação e do ressentimento.

E quando o barulho substitui o argumento, o empobrecimento não é apenas material. Ele se torna, antes de tudo, **intelectual e moral**.

Porque nenhuma sociedade consegue avançar quando o espaço do diálogo é ocupado pelo grito — e quando a verdade passa a ser tratada não como algo a ser buscado, mas como algo a ser combatido.



artigo

A IMORTALIDADE – I

Jefferson Soares de Carvalho | Cadeira nº 15

Os Maçons, no interior de seus Templos, encaram o eterno problema metafísico: De onde viemos? Quem somos? Para onde vamos? A Maçonaria acredita em vida além da matéria e daí não passa; deixando que cada um professe a sua religião ou sua consciência.

Na Exaltação saímos do escuro caixão de nossa ignorância, para poder apreciar a vida em seu verdadeiro valor e vivê-la com dignidade. Na marcha de Mestre, andando acima do túmulo,

nos afastados da materialidade e da morte terrestre.

O corpo é a matéria perecível da qual devemos nos separar, para seguirmos em nosso progresso como filhos do Grande Arquiteto do Universo.

Se há única vida, se somos pó e ao pó voltamos, pelo menos no que diz respeito ao corpo material que é o que define a identidade de um grande número de pessoas — então a Morte é apavorante, é assustadora. A primeira vista, a imortalidade ou sobrevivência de

algo após a Morte, é totalmente irracional. Com a Morte, alguém que antes era caloroso, vivo e esperto, torna-se uma carcaça fria, impassível e prestes a apodrecer. A Morte representa o desconhecido, por isso desperta receios e angústias. A Idade Média foi época de crise social intensa, com radicais mudanças na maneira do homem lidar com a Morte. Foi um período assolado pela peste, pela fome, pelas cruzadas, pela inquisição; uma série de eventos de Morte em massa. A Morte passou a viver lado a lado com o homem, uma constante e imprevisível ameaça a persegui-lo. Passou a ser relacionada a conteúdo perversos, macabros, torturas e flagelos — isso está muito bem caracterizado pelas imagens artísticas produzidas a partir de então.

A partir daí, o Homem ocidental se recusa a aceitar a existência e a pensar na Morte. Somente quando ela atinge alguém próximo ou somos assaltados por um problema grave de saúde, é que reconhecemos sua existência. Diz David Sentinella em seu livro “O Enigma das Múmias”: “Nossa sociedade moderna é quase um deserto espiritual. O único significado que tem a morte é o de ser um mero processo fisiológico: o final, a aniquilação, a destruição. Não queremos vê-la, sua presença nos incomoda, e tampouco pensamos em nosso inevitável encontro com ela. O simples fato de falar sobre a morte é considerado mórbido. A única coisa que queremos é afastar qualquer referência a ela e, acima de tudo, esquecê-la.”

Continua na próxima edição...



crônica

MORREMOS COMO VIVEMOS...?

Anderson Lima da Silveira | Cadeira nº 02

Quando abordamos o tema da morte em nossas conversas cotidianas ou até mesmo naquilo que produzimos a partir de nós mesmos, destacadamente no campo da arte, da filosofia e da religião, mergulhamos naquela que para muitos pensadores é a questão central da nossa existência: a finitude humana.

Para os existencialistas, por exemplo, ao nos depararmos com a ideia da morte, somos capturados por uma angústia que nos obriga a tirar as máscaras, diminuir a velocidade e abrir mão dos escapismos a fim de nos olharmos de frente, sem lentes, como realmente somos... tomar um banho de autenticidade. A tomada de consciência da presença inevitável da morte nos impõe a urgência e os limites do tempo em razão direta à uma busca pelo sentido da vida.

Martin Heidegger nos diz que “sem a morte, o tempo seria infinito, e nada teria importância real”, ou seja, a ideia de sempre poder fazer algo amanhã eliminaria definitivamente o hoje, portanto, é na certeza da morte que escolher e agir no agora se torna essencial e inadiável.

Ainda na filosofia, “filosofar é aprender a morrer”, ao nos posicionarmos assim, mudando o eixo que fundamenta nossa existência, aquela que antes se apresentava como uma inimiga a ser vencida, torna-se uma amiga sábia, paciente e verdadeira, que nos ensina o caminho da simplicidade, estimulando-nos a dar o máximo valor e profundidade às oportunidades de amar, sorrir, compreender, transcender, etc. Entre os romanos antigos, falava-se de um costume dos tempos dos césores em que um servo, caminhando sempre a alguns

passos atrás da biga de um general, comemorando o seu triunfo, subia silenciosamente no carro e sussurrava em seu ouvido: “memento mori” – lembre-se de que você vai morrer.

No terreno da literatura e das artes, tudo o que escrevemos, construímos, criamos, imaginamos e elaboramos são artifícios sofisticados aos quais damos vida para construirmos nossa imortalidade simbólica. Na esteira desse mesmo raciocínio, poderíamos estendê-lo para arquitetura, engenharia, ciência e tecnologia... nos imortalizando naquilo que nos representa e supera para além da nossa individualidade, num processo dialético-existencial, que nos presentifica num permanente vir a ser.

No que diz respeito às religiões as coisas mudam um pouco, visto que cada uma delas, através de suas doutrinas e teologias se propõem a determinar o que é a morte e o que acontece após o seu advento. A despeito de toda diversidade religiosa, respeitamos os seus postulados por entendermos que cada uma delas procura oferecer o que as identifica para àqueles

que as seguem. No entanto, a partir de uma perspectiva universalista, que não é religião, mas espiritualidade, gostaríamos de encerrar esse breve texto fazendo uma singela reflexão.

Quando aceitamos a continuidade da vida, entendemos que a morte não é um momento mágico que pode nos tornar livres, sábios, lúcidos e éticos pelo simples fato de abandonarmos o corpo. Carregamos conosco o que somos, acreditamos, pensamos e fazemos. É nesse território que decidimos e escolhemos nossa caminhada. Assim como a natureza não dá saltos, o ecossistema do mundo espiritual também não dá. A medida e o alcance desse momento de transição é calibrado pelo quanto a nossa consciência se expandiu e o quanto nossos sentimentos e ações avançaram rumo ao que existe de mais belo, bom e verdadeiro na nossa condição humana. Quando admitimos que nos originamos da Grande Fonte e Dela nos emanamos, também Dela carregamos o esplendor original. Assim, respondendo a pergunta que intitula este texto, ousamos dizer que morreremos como vivemos.



artigo

A ESSÊNCIA DO APERFEIÇOAMENTO INTERIOR

Sérgio Copstein | Colaborador

Tudo caminho que se escolhe na vida, e o nosso na Maçonaria não é diferente, inicia-se com um sentimento profundo, anterior mesmo à capacidade de explicá-lo. Não é apenas curiosidade, mas uma inquietação que não nos deixa em paz. É como um chamado discreto, um sino tocando no íntimo do peito, indicando que há algo mais importante do que o simples sucesso no mundo profano. E quando se abandona esse chamado, não por falha, mas por acomodação, o indivíduo acaba vivendo apenas na superfície de si mesmo.

Lembro-me de um Irmão mais antigo que sempre dizia que a maior tristeza não era daquele que nunca ouviu o chamado, mas daquele que o ouviu claramente e preferiu fingir surdez. Ele falava isso com um olhar que misturava um pouco de pena e um pouco de cansaço, de quem já presenciou muitas situações.

Nossa Tradição sempre nos advertiu: o maior perigo não é a ignorância inicial, mas a desistência prematura. O que mais atrapalha não é a falta de luz, mas a pressa, a impaciência com o trabalho que a luz exige. Não nos formamos na Maçonaria com títulos ou cargos, mas com o esforço diário de nos transformarmos por dentro.

Talvez seja mais preciso afirmar que a formação ocorre no atrito. É o som da ferramenta na pedra bruta. É o pó que suja as mãos, que demonstra que estamos trabalhando, mesmo que ninguém

esteja vendo ou aplaudindo. Confesso que nem sempre compreendi isso. Houve uma época em que também busquei atalhos, desejando sinais mais claros, respostas rápidas, algo que me poupasse o esforço. Foi preciso errar algumas vezes para perceber que o silêncio do trabalho não significa ausência de resposta. Na verdade, é a própria resposta.

Nosso caminho exige disciplina, constância e, principalmente, responsabilidade. Não há quem faça por nós. A ajuda existe, sim, mas ela aparece na medida em que nos dedicamos a melhorar. A luz não é um prêmio que se ganha, mas algo que se reconhece como resultado natural do trabalho bem-feito.

Mas, ainda assim, não basta.

A ideia de trabalhar em nós mesmos nos lembra que chegamos à vida de forma inacabada, com defeitos e lacunas. Não há desonra nisso. A dignidade está em querer trabalhar, lapidar, corrigir. Onde não há trabalho, o futuro torna-se sombrio, não por castigo, mas porque não se construiu nada de bom conscientemente.

E esse trabalho, meus Irmãos, não é apenas individual. Cada atitude, cada escolha correta que fazemos, afeta a todos. O que chamamos de nosso edifício simbólico, e a palavra talvez seja grandiosa demais, só se mantém de pé quando cada um cumpre sua parte com honestidade. É como o silêncio de uma sessão em que cada Irmão carrega seu peso sem reclamar.

Nossa Ordem, que se baseia no silêncio, no símbolo e na reserva, sempre desperta curiosidade. Onde nem tudo é exposto, as pessoas inventam histórias. A sociedade cria fantasias, desconfianças e exageros sobre o que não compreende. O mistério incomoda, porque exige paciência e respeito. Mas seria ingenuidade pensar que isso só acontece fora. Dentro de nossa própria Ordem, também existe a tendência de querer se legitimar pelos outros. Assim, acabamos citando figuras famosas, nomes importantes, personalidades históricas.

Há noites em que me pego lendo biografias, buscando, talvez, uma confirmação espúria. A segurança de falar de Mozart, Goethe ou Churchill, como se os nomes deles pudessem esconder minhas próprias falhas. É uma tentação sutil, que parece nobre, como se fosse um espelho que nos desse valor. Mas, no fundo, é uma fuga.

Diante do trabalho interno, que é lento e pouco visível, muitos preferem a segurança das histórias grandiosas. É mais fácil se associar a um passado glorioso do que encarar nossas imperfeições atuais. Mas nenhum nome famoso vai lapidar a pedra que cada um de nós carrega.

O resto é apenas enfeite.

A verdadeira iniciação não se transmite de pai para filho, não é uma herança. Ela é vivida, não é algo que apenas se reivindica. O segredo não é acumular informações, mas mudar nosso modo de ver as coisas, nossa conduta e nossa consciência. Quando nos preocupamos demais com as histórias externas, corremos o risco de perder o essencial: o silêncio do trabalho diário, a ética que praticamos sem que ninguém veja.

Há algo de belo, porém, nessa busca por antepassados ilustres. É como se o homem, sentindo sua própria pequenez, precisasse saber que outros já passaram

por isso antes. Não critico esse sentimento. Apenas mostro o limite dele. O ruído das especulações serve apenas para nos distrair do que é o centro do nosso caminho, que é sempre o mesmo: trabalhar em si, servir ao próximo e ser fiel ao chamado que vem de dentro.

Nossa Tradição nos ensina que a proteção do caminho não é um escudo contra as dificuldades, mas uma orientação para que as atravessemos com clareza. Ela não elimina o esforço, apenas lhe dá sentido. Por isso, a pergunta mais importante não é o que a Ordem nos oferece, mas o que oferecemos a ela com nossa postura, nossa retidão e nossa capacidade de agir com justiça no mundo profano.

Quando se entende isso de verdade, nossa relação com o símbolo muda. Ele deixa de ser um enfeite e torna-se um lembrete. Lembrete do compromisso que assumimos, do trabalho que ainda não terminou, da responsabilidade que vem com o verdadeiro pertencimento.

A cada manhã, a mesma verdade se mostra: o trabalho está aqui, em nossas mãos, em nosso corpo, no dia a dia. Às vezes, isso aparece de um modo bem simples. A xícara esquecida na mesa, a agenda aberta, o corpo ainda cansado do dia anterior. Nada de espetacular. É ali que o caminho recomeça, sem festa, sem plateia.

Assim, a via iniciática está aberta para todos, mas exige algo raro: perseverança sem aplauso, disciplina sem espetáculo e fidelidade a um ideal que só se confirma no íntimo da nossa consciência. É nesse lugar discreto, longe das conversas fiadas e perto do trabalho de verdade, que o homem se constrói e, ao fazê-lo, ajuda em silêncio a construir algo muito maior.

Algo que talvez nem ele mesmo veja pronto. Mas que está sendo feito, pedra por pedra, num rumor de continuidade, no presente paciente e sem alarde.



artigo

INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS, AINDA E SEMPRE

Alexandre Avelino Giffoni Júnior | Cadeira nº 12

Um dos meus grandes prazeres é pedalar nos caminhos de terra, as trilhas da vida rural. O outro: ler e escrever com a liberdade do poeta que descobre o sentido da vida na medida em que pedala as suas próprias trilhas. A vontade desse prazer, a vontade de poder realizar essas tarefas, que me orientam a vontade do sentido da minha existência são ferramentas para me apropriar da consciência dos meus sonhos, uma atividade que não consigo fazer sozinho.

É claro que os bons leitores já sabem do que estou falando. Em tempos de Inteligências mui artificiais, basta que insiram na rede as palavras chave do texto que estou escrevendo com lápis e papel, para descobrirem as fontes de água límpida das sabedorias. Estas, às vezes turvadas pela minha mão, ou por mãos outras, que me ajudam a percorrer os caminhos do texto. E a saltar os obstáculos de ignorância para os intertextos e interdiscursos mais humanos.

Será que já estou vivendo a era pós humana de forma integral, como alertava criticamente a minha professora brasileira de semiótica peirceana? Ainda alimento a tal dúvida existencial de ser pós-humano.

De um lado eu encarno a IA e o pós-humano; me aproprio dos conhecimentos e performo tal sabedoria digital; navego na vastidão oceânica dos algoritmos e da memória infinita. De outro, busco o viver poético da finitude do momento, da percepção sensorial afetiva e emocional nos inter-tempos.

É preciso fazer sobreviver essa humanidade poética do instante, no mundo atual de processamento eterno, absurdo e incerto. Exercer uma vigilância simples, complexa e crítica, construir uma abertura para o novo e evitar o mero fechamento em hardwares e

softwares frios, sem o sangue nas veias do ser humano.

Nem tecnofilia, nem tecnofobia: escrever à mão o nosso próprio texto, com muita paixão; fala escrita criada e aprendida nas bibliotecas de infinitos livros, nos algoritmos das realidades e níveis de realidade diversas e quânticas, escritas por humanos, não humanos e pós-humanos.

Subjetividades e intersubjetividades “nômades”; memórias e inteligências híbridas, com a dignidade humana que reconhece a boa qualidade literária nos textos poéticos e científicos.

Afinal, escrever um haikai ou um soneto com o meu lápis é poder exercer a liberdade para percorrer as trilhas da minha vida, com autonomia intelectual, emocional, física: eis o sentido.



tempo de estudo

A PERFEIÇÃO DA PEDRA EM OBRA – I

Jader Frederico Abrão | Colaborador

Sob a invocação do Grande Arquiteto do Universo e à sombra do Esquadro, do Nível e do Compasso, proponho uma reflexão que toca o âmago da nossa caminhada iniciática – “a ideia de perfeição e o modo como o maçom deve compreendê-la para viver em paz consigo mesmo”. Desde os tempos mais remotos, o homem interroga a si próprio sobre o seu grau de completude. Muitas tradições espirituais responderam a essa inquietação afirmando que o ser humano jamais está pronto, jamais está quite, permanecendo sempre em dívida diante da Divindade. Tal concepção, embora respeitável, frequentemente gera culpa, angústia e uma sensação permanente de insuficiência, podendo até mesmo contribuir para, inclusive, deflagrar a tão temida e contemporânea “depressão”.

A Maçonaria, sob a minha humilde análise, trilha um caminho distinto. Ela – Maçonaria – não se estrutura sobre dogmas imutáveis, mas sobre símbolos vivos com horizontes efêmeros e simpáticos à melhor evolução do ser, sem verdades absolutas e limitadas. Não educa pelo medo, mas pela consciência. Não constrói homens a partir da ideia de falta, mas filosoficamente a partir da ideia de edificação.

A Maçonaria não exige do homem a perfeição absoluta, mas o maior equilíbrio possível de seus pensamentos e comportamentos, dentro das condições concretas da sua vivência e aprendizado.

Desde o primeiro contato com a Pedra Bruta, o maçom é advertido de que jamais atingirá no plano terreno uma perfeição total, acabada e divina, mas esta advertência não é uma condenação, é uma constatação

que liberta, já que não é exigido do obreiro aquilo que ele não pode oferecer, devendo concentrar apenas na busca do conhecimento através do trabalho honesto, constante e consciente.

O Malhete nos ensina a agir com firmeza, mas não com violência. O Cinzel, a perseverar com paciência tomando sábias resoluções perante as determinações energéticas que o Maço nos impõe. O Esquadro não nos cobra linhas irrepreensíveis, mas retidão de intenções. O Compasso não nos manda abarcar o infinito, mas delimitar nossos desejos, mantendo-os dentro da justa medida. Essa coletânea de ferramentas ilustram as principais habilidades sociais e intelectuais que o homem deve aprimorar e praticar sempre.

Como ensinava Aristóteles, “A virtude é um hábito; tornamo-nos justos praticando a justiça.”

Se a virtude nasce do exercício cotidiano, então o maçom que trabalha sua Pedra, ainda imperfeita, já vive a perfeição possível daquele estágio. Não se trata de uma perfeição ideal ou utópica, mas de uma perfeição concreta, vivencial e moralmente adequada às ferramentas que detém.

Continua na próxima edição...



opinião

A AMNÉSIA POLÍTICA

Carlos Roberto Neri Matos | Membro Honorário

Bom, estamos vivendo atualmente um processo no mínimo estranho, para não falar mais pesadamente, onde há uma onda que encobre ou tenta encobrir as más ações que veem sendo perpetradas por governos, governantes, políticos, gestores e membros da sociedade privada, sejam empresários ou outras categorias envolvidas nos últimos escândalos.

Agora a pergunta crucial que se deve fazer é: Será que depois que isso tudo passar ou for desmascarado a massa eleitoral saberá separar o joio do trigo nas próximas eleições?

Infelizmente, reiteradas vezes, vemos políticos e membros de governos de todas as esferas, serem guindados

novamente ao poder pelo mesmo povo que num passado não tão distante os execrava. Por que isso acontece? Será que nosso povo sofre do que considero amnésia política? E o que é essa amnésia? É aquela em que o eleitor no dia da eleição ou mesmo durante o processo de divulgação e propagandas políticas se deixa envolver e não lembra ou não quer lembrar, ou sequer se esforça no sentido de ver o que os candidatos aos cargos legislativos fizeram. Essa digamos, má vontade se dá da seguinte forma. Se a vida do eleitor está como chamamos popularmente “de boa” a tendência é esquecer o que passou e não atentar para as implicações de recolocar ou prolongar a vida daquele candidato “ficha suja”.

Se a vida não estiver “de boa” ao invés do eleitor buscar ficar atento para novas lideranças positivas no cenário político nacional, o eleitor se apega com aqueles que um dia a sua memória os faz lembrar que ele asfaltou muito, fez um hospital perto da sua casa, deu um aumento aos servidores públicos, adquiriu algumas viaturas de polícia e colocou no seu bairro, enfim, algumas realizações de natureza pontual, que podem até ter sido benéficas ao eleitor, mas o que ele deve realmente fazer é uma análise da conjuntura toda, se o candidato não respondeu a processos administrativos, civis, eleitorais ou criminais; se não ligou seu nome a atitudes espúrias ou de natureza nebulosa ou duvidosa; enfim o eleitor tem de verificar se o seu candidato ou aquele candidato que nutria simpatia no passado realmente tem condições de ser durante o seu mandato o seu verdadeiro representante.

O assunto é trazido à alume, porque adentramos a um novo ano eleitoral,

teremos muitos pedidos, juras e promessas das mais simples às mais estapafúrdias. Teremos candidatos surfistas, que se aproveitam da onda e mesmo sem aderir àquela pauta, mente e se diz defensor daquelas agendas. Teremos também por certo o candidato, político profissional, ostentando já vários mandatos, pulando de “galho em galho”. Enfim caberá a nós, sermos mais criteriosos, afinal a nossa vida deve ser tratada com mais respeito e responsabilidade, por nós mesmos. Temos muito ainda o que mudar, mas a principal mudança começa por nós, individualmente, reforço, nos tornando mais atentos, atentos e instruídos politicamente. Vamos tentar lembrar aquilo de bom ou ruim que nosso último candidato fez, enfim não nos deixemos envolver por essa amnésia eleitoral que ainda insiste em nos cegar.

Se queremos um país melhor sejamos honestos! Saúde, Força e União.



opinião

DIREITO FUNDAMENTO SOCIAL À SAÚDE – II

Isaias Costa Dias | Cadeira nº 24

Direitos do Consumidor à saúde

Nesse contexto ressaí a chamada catalogação das “dimensões”, o direito à vida está na raiz dos direitos de primeira geração, disposto na Carta Política, cujo art. 5º. Preconiza, em suma:

“Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residente no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes”

Doutra ótica, porque um dom da vida dado por Deus, segundo o Evangelho e a própria doutrina judaico-cristã, Deus é “Alfa” e “Ômega”, isto é, o Princípio e o Fim, “Aquele que É, que Foi e que Será”, por todo o sempre, o Deus Todo-Poderoso, Onipotente, Onipresente, Onisciente(10)

Logo após o direito à vida, reluz translucido e vigoroso o direito à saúde (11), que em substância, é parte integrante da estrutura dos direitos sociais. A propósito, dispõe o art. 196 da Carta:

“A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação”.

Nesse tópico citando Zanobini, pondera J. Cretella Júnior, pag. 4331 (12)

“... nenhum bem da vida apresenta tão claramente unidos o interesse

individual e o interesse social, como o da saúde, ou seja, do bem-estar físico que provém da perfeita harmonia de todos os elementos que constituem o seu organismo e de seu perfeito funcionamento”. E acrescenta: “Para o indivíduo, saúde é ‘pressupostos de condição indispensável de toda atividade econômica ou especulativa, de todo prazer material ou imaterial’. E remata aludindo que “Para o corpo social a saúde de seus componentes é condição indispensável de sua conservação, da defesa interna e externa, do bem-estar geral, de todo progresso material, moral e político”.

Nesse sentido já assentaram de forma percutiente, os estudiosos Cássio Guilherme Alves (13) e Caroline Müller Bitencourt (14):

“o direito fundamental social à saúde possui estreita vinculação com a dignidade da pessoa humana, não sendo possível pensar em vida com dignidade com restrições a este direito. Nessa seara, o Poder Judiciário se apresenta como importante ator na concretização e garantia do direito à saúde quando o Poder Público for ineficiente na sua promoção, devendo agir através da jurisdição constitucional para, com o uso do instituto da ponderação, preservar os direitos fundamentais na garantia do mínimo existencial vinculado à dignidade da pessoa humana no Estado Democrático de Direito.

Realçando a moldura dos direitos sociais, alude o Estatuto Constitucional: **Art. 197 – “São de relevância pública as ações e serviços de saúde, cabendo**

ao Poder Público dispor, nos termos da lei, sobre sua regulamentação, fiscalização e controle, devendo sua execução ser feita diretamente ou através de terceiros e, também, por pessoa física ou jurídica de direito privado.

Dessarte, os denominados direitos sociais são todos aqueles concretizados através do Estado, mediante leis e atos administrativos que visem, efetivamente, a promoção de serviços, a definição e execução de políticas públicas. O que vale acentuar, havendo a uma lei que traduza uma proteção objetiva, deve obviamente reconhecer a proteção ao direito subjetivo. Por conseguinte, o direito à saúde é classificado como “norma cogente”, ou seja, norma jurídica que, obrigatoriamente, deve ser cumprida pelas partes envolvidas.

Na hipótese, o dispositivo enfatiza a “saúde” com amplíssimo raio de ação, a exigir do Estado, portanto, competentes atos de prevenção, fiscalização e controle, tanto sobre as condutas dos agentes quanto aos objetivos dos respectivos programas, que devem, sempre, focar o melhor para o estado de saúde do cidadão, até porque os serviços públicos devem ser contínuos, eficazes e eficientes aos consumidores.

Do ponto de vista infra legal, além do sistema público de saúde centrado na Lei nº. 8.078/90, há igualmente a Lei 9.656/1998, cujo artigo 35 G, dispõe sobre os planos de saúde, complementado através da Lei nº. 8.078/90, também

denominado de Estatuto de Consumo, e outras leis esparsas.

3. O Sistema privado

Premido pelas circunstâncias – parcimônia operacional da saúde no âmbito estatal, e pressão capitalista pela abertura de novos mercados na espécie -, a partir da década de 1980, aconteceu a intensificação da mercancia dos Planos Individuais de Saúde. Sobretudo pela entrada no mercado das grandes seguradoras, que absorveram em seu bojo o cidadão comum e o funcionário público. Note-se, esse modus de agir dos planos de saúde resultou em certa confusão no setor, ocasionando prejuízos aos consumidores, sendo certo que mais tarde, restou oficializado o sistema operado pela iniciativa privada, exarado nos termos da Lei 9.656, de 03.06.1998, cujo estatuto aponta, em seu 1º:

“Submetem-se às disposições desta Lei as pessoas jurídicas de direito privado que operam planos ou seguros privados de assistência à saúde, sem prejuízo do cumprimento da legislação específica que rege a sua atividade adotando-se, para fins de aplicação das normas aqui estabelecidas, as seguintes definições: I – Plano Privado de Assistência à Saúde; II – Operadora de Plano de Assistência à Saúde; III – Carteira (conjunto de contratos de cobertura de custos assistenciais ou de serviços de assistência à saúde), todas elas subordinadas às normas e fiscalização da Agência Nacional de Saúde Suplementar – ANS.

Continua na próxima edição...



crônica

ENTRE TROVÕES E SILÊNCIOS

Breno Alves de Oliveira | Colaborador

A noite parecia mais densa do que de costume. Não apenas pela ausência da lua, mas pela inquietação que pairava no espírito dos homens. Nos jornais, nas telas, nas conversas sussurradas — o conflito entre Irã e Estados Unidos ecoava como um trovão distante que, ainda que não caísse sobre nossas cabeças, fazia tremer as estruturas invisíveis do mundo. E, no silêncio do gabinete interior, o maçom se perguntava: que luz pode subsistir quando os homens insistem em caminhar pelas sombras?

A história se repete como um ritual mal compreendido. Povos, nações, bandeiras — todos se movem como peças em um tabuleiro onde o orgulho e o medo ditam as regras. Mas a Maçonaria, guardiã de símbolos mais antigos que qualquer fronteira, ensina que o verdadeiro campo de batalha não é geográfico: é moral. A guerra exterior

é apenas reflexo da desordem interior. Onde falta equilíbrio, nasce o conflito. Onde a razão se curva à paixão, a espada se levanta.

O maçom não ignora a guerra, tampouco a romantiza. Ele a contempla com a consciência de quem já viu, nos símbolos do Templo, a eterna luta entre a luz e as trevas. Sabe que cada explosão no mundo profano encontra eco na consciência coletiva da humanidade. E por isso, em vez de alimentar o ódio, ele busca compreender — não para justificar, mas para transcender.

Há, nesse momento sombrio, um convite silencioso. Enquanto os homens erguem muros e apontam armas, o iniciado é chamado a erguer pontes invisíveis. A tolerância, virtude tantas vezes esquecida, ressurge como ferramenta essencial. Não se trata de concordar com tudo, mas de reconhecer que o outro, mesmo equivocado,

carrega em si uma centelha da mesma luz universal.

A Maçonaria ensina que a luz não é um privilégio, mas uma conquista. E toda conquista exige esforço, disciplina e, sobretudo, vigilância interior. Em tempos de guerra, o maior perigo não é apenas a violência física, mas a contaminação do espírito. O rancor, a polarização, a desumanização do outro — essas são as verdadeiras sombras que ameaçam apagar a chama interior do homem livre e de bons costumes.

O verdadeiro iniciado compreende que não pode controlar os movimentos das nações, mas pode governar a si mesmo. E isso não é pouco. Quando um homem domina suas paixões, ele interrompe um ciclo invisível de violência. Quando escolhe a palavra em vez da agressão, a reflexão em vez do impulso, ele já está, de certa forma, construindo a paz. Pequena, silenciosa, mas real.

A Luz do Maçom em Tempos de Guerra

Talvez seja esse o grande mistério: a luz não desaparece nos tempos sombrios — ela apenas exige olhos mais atentos. Assim como na Câmara de Reflexão, onde o neófito é confrontado com suas próprias sombras antes de vislumbrar a luz, a humanidade atravessa momentos que parecem de escuridão absoluta, mas que são, na verdade, oportunidades de transformação.

E assim, enquanto o mundo observa a guerra com temor, o maçom permanece de pé, firme em seus princípios, trabalhando em silêncio. Ele sabe que a verdadeira obra não está nos discursos nem nas batalhas, mas na construção contínua do homem interior. Porque, no fim, toda paz duradoura começa onde poucos olham: no coração daquele que escolhe, mesmo em meio às trevas, continuar buscando a luz.



sensibilização

INTELIGÊNCIA HUMANA É UM VALIOSO RECURSO

Petronilho Alves Moura | Adjunto – Cadeira nº 21

A inteligência é um dos recursos mais valiosos que o ser humano possui. Mais do que a capacidade de aprender, raciocinar ou resolver problemas, ela representa a possibilidade de transformar a realidade — tanto individual quanto coletiva. No entanto, seu verdadeiro valor não está apenas em existir, mas na forma como é utilizada.

Quando direcionada para fins benéficos, a inteligência se torna uma força de construção. É por meio dela que surgem soluções para desafios complexos, avanços na ciência, melhorias na qualidade de vida e caminhos mais justos para a convivência em sociedade. Ela permite compreender o outro, antecipar consequências e agir com responsabilidade, evitando danos e promovendo o bem-estar.

Utilizar a inteligência para o bem exige mais do que conhecimento técnico; exige consciência. Não basta saber fazer, é preciso refletir sobre porquê e para quem se faz. Uma mente brilhante, quando guiada por valores éticos, pode gerar impactos positivos duradouros — seja na criação de tecnologias que facilitam a vida, na resolução de conflitos ou na promoção da justiça e da igualdade.

Além disso, a inteligência voltada para o benefício coletivo fortalece a cooperação. Em vez de ser usada como instrumento de vantagem individual a qualquer custo, ela passa a ser uma ponte entre pessoas, culturas e ideias. Compartilhar conhecimento, ensinar, aprender com o outro — tudo isso amplia

o alcance do bem que a inteligência pode produzir.

Por outro lado, quando mal utilizada, a inteligência pode causar prejuízos significativos. Por isso, seu valor está diretamente ligado à responsabilidade de quem a detém. Saber pensar é importante, mas saber escolher o caminho certo é essencial.

No fim, a inteligência encontra seu sentido mais profundo quando contribui para algo maior do que o próprio indivíduo. Ela se torna, então, não apenas uma habilidade, mas um instrumento de transformação positiva — capaz de iluminar caminhos, reduzir sofrimentos e construir um mundo mais equilibrado e humano.



crônica

NO OCASO, UM MOMENTO AO ACASO

Antônio P. Leite | Cadeira nº 27

Há alguns dias fiz uma pequena jornada por lugares e cidades que me são particularmente caros. Viajando sozinho, de carro, sem pressa de partir e sem hora para chegar, tomei o rumo que fora estabelecido anteriormente, aproveitando o feriado do Carnaval e a Quarta-Feira de Cinzas, ajustando itinerário e destinos, num périplo que pretendia servir para rever lugares, amigos e parentes.

No roteiro, Belo Horizonte, onde amigos de faculdade que, há 40 anos empreenderam junto comigo a tarefa de nos graduarmos na Faculdade de Medicina da UFMG e com parte dos quais, preservando uma amizade fraterna desde então. De BH, o itinerário foi São Paulo, onde meus dois filhos mais velhos estudam e os quais, por conta das obrigações de faculdade e estágios, não poderiam viajar no feriado. Foi um momento de “lamber as crias”, como o ditado popular descreve esse encontro entre um pai saudoso e seus rebentos que se preparam para assumir, mais e mais, suas responsabilidades da vida adulta.

A volta à terra natal foi o encerramento do “tour” de Carnaval, no Sul de Minas, entre as montanhas cafeeiras e o firmamento celeste (a meteorologia ajudou), finalizei uma série de encontros, conversas, rodadas de café com pão de queijo e, claro, alguns choppes e tira-gostos nos bares da vida. Colegas de Grupo Escolar (esse nome está tão extinto quanto Godofredo ou Heremengarda) Coronel José Bento, no qual aprendi as primeiras letras e aritmética me ensinou que dois mais dois são quatro; primos, sobrinhos, irmãos de maçonaria que me viram nascer duas

vezes (quando vim à Luz, ao nascimento biológico e quando me fora dada a Luz Maçônica, em minha iniciação na centenária Loja Alfenas Livre, em 1997) e principalmente estar com meu irmão, agora que somos só nós dois, depois da partida de pai e mãe.

Foram 2.675 Km de paisagens novas que se somaram àquelas que ficaram retidas na memória do jovem estudante que saiu de casa para estudar na Capital e principalmente, foram dias de encontros, reencontros e novas emoções ao rever velhos e bons amigos, dias de reminiscências e alegrias que não sou capaz de transportar do coração para o papel.

Como soe acontecer nestas circunstâncias, as boas surpresas acontecem logo de imediato e se sucedem ao longo da jornada, um deles, que preciso registrar de imediato, foi o telefonema, numa tarde de sol, às margens do maravilhoso lago da Usina de Três Marias, no centro de Minas Gerais e que imponente e belo, represa as águas do majestoso São Francisco, fazendo o Velho Chico espalhar-se por quilômetros entre as tortuosas terras do Cerrado Mineiro, do meu irmão, amigo, confrade e heroico presidente da nossa AGML, José Mariano. Com a singeleza de sempre, com a elegância nos modos e no trato, telefonou-me ele para ter notícias minhas, saber se estava tudo bem. Zé, você não imagina a alegria que me proporcionou!

Dentro de um roteiro programado com antecedência, com a previsibilidade de que se espera de uma sequência organizada e com poucas margens para surpresas, eis que o acaso vem fazer das suas, e com o capricho e inesperado que nos comovem. Vamos ao fato. No

sábado de Carnaval, ao final de um dia que houvera começado com chuva e nuvens baixas, o belo horizonte da capital mineira abriu-se num azul celeste que era de encher os olhos. Ao lado de uma grande amiga de infância, dos tempos do Grupo Coronel José Bento, fomos para o alto das Mangabeiras, o bairro belo horizontino que margeia as franjas da Serra do Curral, para fazermos uma caminhada/corrida, a fim de manter a cota de exercícios físicos em dia.

Durante a corrida, percebi um senhor de traços marcantes, pele morena, passos largos e firmes, correndo em sentido contrário ao meu, na pista de “mão dupla”. Expressão suave no rosto, nos cumprimentávamos a cada volta que nos fazia reencontrar durante nosso exercício, ele, sempre afável e atencioso. Completada minha cota, a duras penas, diga-se de passagem, hora de alongar e relaxar e após, uma caminhada leve, conversando sobre amenidades, filhos, netos (minha amiga é avó) passado e futuro.

A medida que os passos nos levavam para uma pequena praça ao lado da larga avenida, quase deserta àquela hora, ao final de um entardecer que nos premiou com um pôr de sol primoroso, o som de uma música suave, ao longe, foi tornando-se cada vez mais e mais claro e agradável. As árvores daquela pracinha não nos permitiam, àquela distância, ver com precisão, o que de fato acontecia ali, mas a magia da música e do momento, atraíram-nos os ouvidos de forma irrefreável e para nossa surpresa, estava lá o companheiro de corrida a tocar, no ocaso do dia, um saxofone.

Sozinho, ainda com as vestes cobertas pelo suor da corrida, oferecia

para si e para o universo, sua música, seu deleite e seu momento de reunir, num só lugar e numa só oportunidade, dois de seus prazeres, corrida e música. Recebidos com um sorriso e com um gesto de mão nos convidando para que nos sentássemos. Ali, naquela hora imprevista, naquele momento inédito, naquela situação improvável, os meus pensamentos fluíram, voaram, elevaram-se no breve instante de um fechar de olhos, fazendo brotar uma epifania de felicidade e alegria.

Meu xará, Seu Antônio, fez um resumo de sua vida e de seu hobby. Natural de Grão Mogol, no nordeste de Minas, mora em BH há anos, onde trabalhou, até aposentar-se na Companhia de Saneamento de Minas Gerais. Casado, filhos criados, hoje, os netos são sua paixão e que, a corrida e a música (disse ser autodidata e tocar “de ouvido”), lhes dão a disposição e a alegria ao final dos dias.

Seguramente, não conseguirei descrever aqui com a exatidão que gostaria, as múltiplas sensações e percepções que a conspiração do tempo, do espaço e do universo, me proporcionaram. Posso apenas afirmar, com a segurança que a maturidade nos oferece, que a vida vale a pena e os momentos de felicidade existem sim, estão logo ali, numa pracinha de Belo Horizonte, no abraço de um filho, no encontro com amigos, na contemplação de um pôr de sol. Basta para isso, apenas e tão somente saber procurá-los, no lugar mais recôndito no qual se escondem e apenas se deixam ver nos nossos raros momentos de distração. Eles estão todos lá, guardados, escondidos, dentro de nós.

Delegado Litúrgico e Membro Efetivo do Supremo Conselho do Brasil do Grau 33 para o Rito Escocês Antigo e Aceito



artigo

A NECESSIDADE DE UMA ESCOLA NACIONAL DE ADMINISTRAÇÃO MAÇÔNICA

Hélio P. Leite | Colaborador

Ao longo de sua história, a Maçonaria construiu um dos mais sólidos sistemas de formação moral e simbólica da civilização ocidental. Nas Lojas se transmitem valores, se cultivam virtudes e se forma o caráter dos homens livres e de bons costumes. Contudo, ao lado dessa tradição iniciática, existe uma realidade prática que muitas vezes passa despercebida: a Maçonaria também é uma organização administrativa complexa.

No caso do Grande Oriente do Brasil, essa complexidade se expressa em: centenas de Lojas simbólicas; milhares de membros; estruturas administrativas estaduais; patrimônio material significativo; atividades educacionais, filantrópicas e culturais.

Toda essa estrutura exige gestão competente, planejamento e continuidade administrativa.

Entretanto, observa-se que grande parte dos dirigentes maçônicos – Veneráveis Mestres, presidentes de poderes, secretários e até Grão-Mestres – chegam aos seus cargos com sólida

formação moral e iniciática, mas sem preparação específica em administração institucional.

Essa lacuna não é fruto de descuido. Ela decorre de um fato simples: historicamente, a Maçonaria concentrou seus esforços na formação simbólica e filosófica, deixando a formação administrativa em segundo plano.

O mundo contemporâneo, contudo, exige que instituições tradicionais também desenvolvam métodos modernos de gestão. Hoje, nenhuma organização de grande porte pode prescindir de: planejamento estratégico; gestão financeira eficiente; organização administrativa; formação permanente de líderes.

É nesse contexto que surge uma proposta de grande alcance institucional: a criação de uma Escola Nacional de Administração Maçônica no âmbito do Grande Oriente do Brasil.

Tal escola teria como missão preparar dirigentes maçônicos para o exercício de suas funções administrativas, oferecendo formação específica em: planejamento estratégico de Lojas; gestão administrativa;

gestão financeira; liderança institucional; governança maçônica.

Essa iniciativa não substituirá a formação iniciática tradicional, que permanece como o coração da vida maçônica. Ao contrário, viria complementá-la, oferecendo instrumentos para que os dirigentes possam conduzir suas responsabilidades com maior eficiência.

Uma Escola Nacional de Administração Maçônica poderia oferecer, por exemplo: cursos de planejamento para Veneráveis Mestres; formação administrativa para oficiais de Loja; programas de liderança para os futuros dirigentes; seminários de governança institucional; capacitação para gestão patrimonial.

Além disso, serviria como centro de produção de conhecimento administrativo maçônico, estimulando estudos, pesquisas e publicações voltadas à gestão das instituições da Ordem.

Os benefícios de uma iniciativa dessa natureza seriam amplos: melhoria da gestão das Lojas; maior eficiência administrativa; continuidade de projetos institucionais; fortalecimento da

governança da Ordem; formação de lideranças mais preparadas.

Em outras palavras, uma escola dessa natureza contribuiria para que a Maçonaria brasileira continuasse a cumprir sua missão histórica com organização, planejamento e visão de futuro. A tradição é um dos pilares da Maçonaria. Mas tradição verdadeira não significa imobilidade.

As instituições que atravessam os séculos são justamente aquelas que conseguem preservar seus princípios e ao mesmo tempo adaptar seus métodos.

Criar uma Escola Nacional de Administração Maçônica representa exatamente esse movimento de evolução institucional: preservar a essência iniciática da Ordem enquanto se aperfeiçoam os instrumentos de sua gestão.

Ao fortalecer a formação administrativa de seus dirigentes o Grande Oriente do Brasil estará investindo no futuro de suas Lojas, na qualidade de suas lideranças e na solidez de sua organização. Isto porque, em última análise, a grandeza de uma instituição depende da qualidade daqueles que a administram.

“Instituições duradouras não se sustentam apenas por seus ideais, mas também pela sabedoria com que são administradas”



opinião

MAÇONARIA: UMA INSTITUIÇÃO SURGIDA NAS BRUMAS DO TEMPO? – I

Charles Wellington de Matos Pinheiro | Cadeira nº 38

Há uma questão que anda lado a lado com a maçonaria desde muito tempo, trata-se de sua verdadeira origem na trajetória da humanidade. Podendo ser entendida como uma arte ou ciência que aparece nas brumas da história da humanidade, por isso perdida nesse nevoeiro de possibilidades, de interpretações e até de achismos. Desde o discurso de Andrew Michael Ramsay em 1738 quando, numa exaltação à instituição, a associou aos cruzados, as ordens de construção da idade média, voltando-a aos tempos da construção do famoso Templo de Salomão e indo até aos antigos mistérios de Ceres, Ísis e Minerva, vivemos mergulhados nas tais brumas do tempo, tateando e ainda perdidos na nossa origem. Sem dúvida o discurso de Sir Ramsay trouxe um status de grandiosidade, cavalheirismo, cavaleirismo e realza a uma instituição que teria sido iniciada por grupos de pedreiros (franc maçom ou freemason) que diminuindo a oferta de trabalho na Europa decidem transformar as antigas guildas em grupos de construtores e aceitos

(não pedreiros) com o objetivo de construir, de outra maneira, uma sociedade mais voltada aos valores iluministas que eclodiam naquele período.

Colocando sobre os maçons a obrigatoriedade de zelarem pelo legado recebido de tão importante passado, com a missão de levar ao futuro todos as virtudes herdadas de tão importantes sociedades e grupos antigos, Sir Ramsay implanta, sem imaginar, as bases para uma criação da maçonaria do futuro, sobretudo e especialmente do Rito Escocês Antigo e Aceito nos seus graus superiores.

“Os nossos ancestrais, os Cruzados, reunidos de todas as partes da cristandade na Terra Santa, desejavam, assim, reunir numa única Fraternidade os indivíduos de todas as nações. Quantas obrigações nós devemos a estes Homens Superiores, que sem interesse egoísta, sem sequer escutar o impulso natural de dominar, imaginaram uma instituição cujo único propósito é reunir mentes e corações para torná-los melhores e criar no decorrer do tempo, uma nação totalmente espiritual, onde sem derrogar os diferentes deveres que diferentes

estados exigem, criarão um novo povo, que, composto de diferentes nações, consolidará todos eles de alguma forma pelo vínculo da Virtude e da Ciência. O segundo requisito da nossa sociedade é uma Moral sã. As ordens religiosas foram estabelecidas para tornar os homens cristãos perfeitos; as Ordens militares, para inspirar o amor à verdadeira glória, e a Ordem dos maçons para transformar os homens em homens gentis, bons cidadãos, bons súditos, invioláveis nas suas promessas, adoradores fiéis do Deus da Amizade, mais amantes da virtude do que de recompensa.”
Trecho do discurso de Sir Ramsay

Mas a questão é: de onde vem a verdadeira maçonaria? Sem dúvida essa pergunta, que em sua base é retórica, posto não ousar encerrar a discussão, serve apenas como tentativa para estabelecer nossa identidade histórica enquanto instituição humana. Afinal todo organismo precisa saber de onde veio para saber para onde deve caminhar e com a maçonaria não pode ser diferente, no entanto, no nosso caso vemos que as paixões e tentativas de inserir a ordem maçônica no rol das

instituições mais perfeitas já pensadas pelo homem, o que de fato o é, exageram e romantizam sua origem e como ela se fez ao longo de sua história, assim como fez nosso irmão Ramsay.

Entender a maçonaria como criação puramente humana, que se fez nos moldes que é hoje desde o século XVII, que busca verdadeiramente a melhoria do homem através de seus símbolos, suas alegorias e ensinamentos múltiplos costurados com colcha de retalhos pela habilidade de muitos irmãos ao longo de seu desenvolvimento, agregando doutrinas e princípios dos mais variados povos e das mais variadas épocas com um só objetivo, tornar o mundo melhor para todos e não apenas para os maçons.

Dessa maneira e didaticamente, segundo muitos estudiosos, nossa ordem pode ser dividida em três épocas diferentes e sob três objetivos diferentes, não deixando que a paixão e o ufanismo deturpem sua história na trilha do tempo. Assim temos essa divisão como sendo: Antiga ou Lendária, Medieval ou Operativa, Moderna ou Especulativa.

No primeiro momento fica claro a tentativa de dar à maçonaria uma origem nobre quando, no século X a.C., ocorreu a construção da mais suntuosa obra daquela fase, o quase mítico Templo de Salomão, narrado no antigo testamento e que serve como base para o início de nossa caminhada maçônica.

Continua na próxima edição...



crônica

UMA LOJA MAÇÔNICA - I

José Ricardo Roquette | Colaborador

Com a liberdade que me foi concedida, o meu texto de hoje diz respeito a fundação da minha loja-mãe, A “Estrela do Sudoeste”, inicialmente em São Simão, hoje em Paranaiguara. Como esse texto será publicado num veículo maçônico, sinto-me a vontade para “dar-lhe a luz”.

Quem já participou da criação de uma loja maçônica sabe o quanto é revigorante esse trabalho! Quem tem fé na Maçonaria, reconhece que cada alicerce de uma loja, seja ele intelectual ou material, é um estímulo ao fortalecimento da nossa Sublime Instituição.

Vamos ao que interessa.

Em São Simão, cidade vizinha da nossa Mateira (hoje Paranaiguara), moravam o Antônio de Brito, coletor estadual, o Guilherme Pereira do Valle, secretário da Prefeitura, o Manoel Tavares, fiscal do Estado, o Arcílio Vieira da Silva, carapina, o Rômulo Palazzo, comerciante, o Max Melazzo, comerciante e o Braz Fratari, contador. Todos maçons, uns iniciados em Rio Verde, outros em Goiânia, em Uberlândia, Ituiutaba, e por aí afora. Na Mateira, vivia o Norberto Guimarães, fazendeiro, maçom também, iniciado em Itumbiara.

Norberto tinha chegado há pouco tempo na Mateira e ali comprou uma fazenda (que ele chamava de “fazendinha”) que era um brinco. Terra boa, distante uns poucos quilômetros da sede do município. A Maçonaria aproximou esses homens, que sempre que possível se encontravam, informalmente, para um papo amigável que, não podia ser de outra forma, foi encaminhando, encaminhando, para a necessidade de se fundar uma loja maçônica regular em São Simão. Sempre tinha um cafezinho, uma quitanda, um pastel, alguma coisa para alegrar o estomago.

E das palavras passaram à ação. Em reunião realizada em 24 de março de 1962, um sábado com um calorão danado e muita chuva prenunciando, essa turma se reuniu na boca da noite, para falar da fundação da loja maçônica. A reunião foi na casa do Arcílio, carapina renomado e que a cozinha tinha fama

de “poderosa”. Entre um pão de queijo, um naco de carne de bode (!) assada, um cafezinho, um copo de leite, uma brevidade (que a mulher do Arcílio fazia primorosamente) e muito entusiasmo, o assunto principal, a fundação da Loja, foi rapidamente resolvido, surgindo desse bate-papo, a “Estrela do Sudoeste”. A diretoria ficou assim composta: Venerável Mestre: Ir.: Antônio Moraes Brito, 1º Vigilante: Ir.: Norberto Guimarães, 2º Vigilante: Ir.: Luiz Carlos Pajuaba, Orador: Ir.: Antomélio Borges dos Santos, Secretário: Ir.: Manoel Tavares Bastos, Chanceler: Ir.: Guilherme Pereira do Valle, Mestre de Cerimônias: Ir.: Max Palazzo, Cobridor: Ir.: Rômulo Palazzo, 1º Diácono: Ir.: Braz Fratari Junqueira, 2º Diácono: Ir.: Abel Cardoso de Souza. O Antomélio era o Juiz de Direito da Mateira e de São Simão o Pajuaba, comerciante em Uberlândia com vários interesses na cidade.

Continua na próxima edição...



tempo de estudo

PRUDÊNCIA

Alessandro Borges | Colaborador

Do latim prudentia, a prudência é a temperança, a moderação, a sensatez ou a cautela. Trata-se da virtude de agir de forma justa e ponderada. A noção de prudência relaciona-se com diversos valores. Comunicar numa linguagem clara e adequada faz parte da prudência, principalmente quando se trata de informar assuntos delicados ou más notícias. Por outro lado, a prudência implica o respeito pelos sentimentos e pela vida do próximo.

Esta Virtude deve ser a característica peculiar de todo Maçom, não

somente para o seu comportamento enquanto na Loja, mas também, nas suas atividades no mundo profano.

No seu sentido mais abrangente, a Sabedoria ou Prudência, não proclama somente cautela, mas também a capacidade de julgar antecipadamente as prováveis consequências das nossas ações, na conduta das suas atividades, tanto da mente como da alma, de onde se originam o pensamento, o estudo e o discernimento.

No simbolismo maçônico, a Prudência não é apenas um conceito

abstrato, mas uma diretriz prática que orienta o comportamento cotidiano do maçom. Ao ser prudente, o irmão evita julgamentos precipitados, pondera antes de agir e valoriza a escuta ativa, tornando-se um exemplo de equilíbrio e retidão. Em tempos de intolerância e impulsividade, a Prudência surge como ferramenta indispensável para a construção de diálogos construtivos e ações justas.

A prudência é uma virtude bastante mencionada também nas religiões cristãs. Nesse sentido, ela é a capacidade que uma pessoa recebe para discernir o verdadeiro bem e para conseguir escolher os meios a fim de realizar atos de bondade para com o próximo, é a disposição que permite deliberar corretamente sobre o que é bom ou mau para o homem (não em si, mas no

mundo tal como é, não em geral, mas em determinada situação) e agir em consequência, como convier. É o que poderíamos chamar de bom senso, mas que estaria a serviço de uma boa vontade, ou de inteligência, mas que seria virtuosa. É nisso que a Prudência condiciona todas as outras virtudes; nenhuma, sem ela, saberia o que se deve fazer, nem como terminar (o bem) que ela visa. São Tomaz de Aquino mostra que, “das quatro virtudes cardeais, a prudência é a que deve reger as outras três, temperança, coragem e justiça”. A prudência não reina, mas governa. Não basta propagar justiça, conchamar para posicionamentos, nem amar a paz para ser pacífico. É preciso além disso, a boa deliberação, a boa decisão, a boa ação, o bom chamamento, a mobilização que una e nunca divida.

Continua na próxima edição...



ciência&saúde

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: ILICITUDE DA RESILIÇÃO UNILATERAL IMOTIVADA – II

Hector Valveder Santana | Colaborador

A primeira controvérsia analisada refere-se ao REsp 1.846.123/SP. A disputa judicial teve início com a propositura de ação pela beneficiária contra seguradora de saúde. A autora alegou que, em 1/12/12, aderiu ao seguro de saúde coletivo empresarial ofertado pela seguradora ré. Posteriormente, a seguradora ré manifestou, em 14/12/16, o interesse pela resilição unilateral imotivada do seguro de saúde coletivo empresarial, fixando o dia 28/2/17 como prazo final de cobertura. O estipulante encaminhou notificação extrajudicial à seguradora, objetivando a manutenção do contrato, argumentando que havia beneficiárias grávidas e pessoas afastadas pelo INSS por questões de

saúde, que necessitavam de tratamento. A autora afirmou em juízo que estava em tratamento de câncer de mama e reputou abusiva a resilição unilateral imotivada do contrato. Requereu a migração para plano individual, com a observância dos prazos de carência já cumpridos, bem como a manutenção da mesma cobertura anteriormente vigente.

O juízo de primeiro grau acolheu os pedidos formulados na petição inicial e obrigou a seguradora ré a promover a migração da autora para plano de saúde individual, com a mesma cobertura do contrato extinto, inclusive na manutenção da assistência ao tratamento de câncer, mediante a contraprestação do pagamento das mensalidades. O TJ/SP

negou provimento ao recurso de apelação interposto pela seguradora ré. Esta interpôs recurso especial, cujas razões foram, resumidamente, apoiadas nas seguintes teses: a) a existência de dissídio jurisprudencial; b) a realização de notificação prévia que autorizava a resilição unilateral imotivada do contrato de seguro de saúde coletivo empresarial, mesmo que o beneficiário encontrasse em tratamento médico; c) a inexistência do dever da seguradora de promover a migração da beneficiária para plano individual.

A segunda controvérsia analisada corresponde ao REsp 1.842.751-RS. Recém-nascido e seu pai ajuizaram ação contra seguradora, visando à revogação

A conservação do contrato de assistência privada à saúde durante o tratamento do portador do TEA

da resilição unilateral imotivada do contrato de seguro de saúde coletivo empresarial. Alegaram que o primeiro autor nasceu em 12/10/16 e foi internado por 12 dias na UTI logo após o nascimento, em razão de choque séptico decorrente de infecção urinária causada por superbactéria, além de cardiopatia congênita que impedia seu crescimento e desenvolvimento normais. Havia necessidade de acompanhamento médico posterior à alta hospitalar, especificamente nas áreas de nefrologia e cardiologia. Entretanto, em 5/10/16, a seguradora ré havia notificado a estipulante sobre o interesse na resilição unilateral imotivada do contrato de seguro de saúde coletivo empresarial.

Continua na próxima edição...



opinião

ENSINO E COMUNICAÇÃO NA MAÇONARIA – II

Michael Winetcki | Colaborador

"Na antiga Suméria, a educação era reservada aos meninos da classe social mais alta, que aprendiam a ler e escrever a escrita cuneiforme, além de matemática, astronomia, geografia e história em templos" (McCullough, 2019, p. 32).

EGÍPCIOS

Desde as mais remotas civilizações, a educação e a comunicação sempre foram uma parte importante da vida humana. No Egito a educação era reservada para as elites e os templos eram os principais locais de ensino, enquanto a maioria da população aprendia um ofício em oficinas artesanais. Os castigos físicos eram comuns no processo educativo em muitas culturas antigas.

Aqui a escrita hieroglífica foi desenvolvida e os documentos do Egito antigo permaneceram desconhecidos até que foram decifrados por Champollion. Esses documentos proporcionaram uma visão mais ampla da cultura egípcia e influenciaram muitas outras ordens, como a Compagnonnage e a Maçonaria. O aprendizado da escrita era fortemente centrado em aritmética, cálculo e geometria, fundamentais para a atividade agrícola do país, que dependia das enchentes do rio Nilo.

GRÉCIA

Na Grécia antiga escolas públicas proporcionavam o aprendizado de



disciplinas como gramática a matemática, astronomia, geografia, história, música e ginástica. Existiam escolas privadas onde os filhos das classes mais abastadas eram educados por tutores ou sofistas, que ensinavam a retórica e a oratória para aprimorar as habilidades de persuasão e argumentação dos alunos.

A educação tinha por objetivo desenvolver as habilidades de raciocínio,

argumentação e persuasão preparando o estudante para a vida cívica e política. Esse sistema educacional se chamava Paideia.

Muitos filósofos da Grécia Antiga, como Sócrates, Platão e Aristóteles, defendiam a importância da educação para a formação da sociedade e do indivíduo. Suas ideias influenciaram não só a educação na Grécia, mas também em outras civilizações ocidentais ao longo dos séculos.

"História da Educação" de Maria Lúcia de Arruda Aranha e Maria Helena Pires Martins: "O sistema educacional grego, denominado Paideia, visava à formação integral do indivíduo, tanto no aspecto físico quanto no intelectual e moral."

"A educação na Grécia Antiga teve um grande impacto na Maçonaria, que valoriza a busca pelo conhecimento e o desenvolvimento moral e ético dos seus membros, assim como os gregos antigos." ("Freemasonry: Ritual, Symbols & History of the Secret Society" de Mark Stavish)

EUROPA NA IDADE MÉDIA

Durante a Idade Média, a Europa passou por importantes transformações que influenciaram a forma como a comunicação e o aprendizado eram concebidos. Além do sistema educacional

baseado nas artes liberais e da criação das primeiras universidades, a invenção da imprensa por Johannes Gutenberg em meados do século XV foi uma das mudanças mais significativas. A imprensa permitiu a produção em massa de livros, tornando a informação mais acessível e democratizando o conhecimento. Essa tecnologia também influenciou a maçonaria, permitindo uma maior difusão das ideias e da filosofia maçônica através da impressão de documentos e tratados.

Outra importante contribuição da Europa medieval foi a criação das guildas, associações de trabalhadores que atuavam como um sistema de aprendizagem e qualificação profissional. As guildas eram responsáveis por formar artesãos e garantir a qualidade dos produtos produzidos, além de promover o intercâmbio de conhecimento entre seus membros. Esse sistema também influenciou a maçonaria, que adotou uma estrutura organizacional semelhante às guildas, com graus de aprendizado e evolução na hierarquia da ordem.

Essas contribuições medievais para o aprendizado e a comunicação se tornaram fundamentais para a formação da maçonaria moderna. A filosofia maçônica se baseia na busca pelo conhecimento, pelo aperfeiçoamento moral e pela construção de uma sociedade mais justa e fraterna. E a evolução dos processos de comunicação e aprendizado, desde as mais remotas civilizações até a era moderna, influenciou diretamente na forma como a maçonaria atuava neste sentido.

Continua na próxima edição...



tempo de estudo

CONFLITOS HUMANOS

Antonísio Siqueira Borges | Colaborador

Os conflitos entre tradições judaica, islâmica e cristã remontam às narrativas fundacionais da Bíblia hebraica e do Alcorão, compartilhadas como base para as três religiões. Um dos primeiros exemplos é a rivalidade entre Caim e Abel, irmãos filhos de Adão e Eva. Caim, agricultor, matou Abel, pastor, por ciúmes da aceitação divina do sacrifício de Abel (Gênesis 4). Essa história simboliza o ódio fratricida e a luta pela aprovação divina, ecoando divisões posteriores entre linhagens "escolhidas".

Séculos depois, surge o conflito entre Ismael e Isaque, filhos de Abraão. Ismael, nascido de Agar (serva egípcia de Sara), representava a linhagem árabe, enquanto Isaque, filho de Sara, foi o herdeiro da aliança divina com os israelitas (Gênesis 16-21). Expulso com sua mãe por Sara, Ismael é visto no judaísmo como ancestral dos árabes, mas no islamismo como profeta e pai de uma nação bendita por Deus. Essa cisão familiar prefigura

disputas territoriais e espirituais na Terra Prometida.

O judaísmo se consolida como monoteísmo ético com a Torá, centrado na aliança de Deus com o povo de Israel. No século I d.C., o cristianismo emerge como seita judaica com Jesus de Nazaré, judeu que pregava o Reino de Deus e foi crucificado pelos romanos. Seus seguidores, como Paulo de Tarso, reinterpretaram as Escrituras hebraicas, vendo Jesus como o Messias prometido. Isso gerou o primeiro grande racha: judeus rejeitaram Jesus como Messias, enquanto cristãos o proclamavam Filho de Deus, levando a perseguições mútuas, como a destruição do Templo de Jerusalém em 70 d.C. e acusações de deicídio nos Evangelhos.

No século VII, o islamismo surge na Arábia com o profeta Maomé (570-632 d.C.), que se via como o último profeta na linha de Abraão, Moisés e Jesus. O Alcorão reconhece Isaque como herdeiro, mas eleva Ismael como pai de Maomé via Adnan, e corrige o que considera

distorções judaicas e cristãs (como a divindade de Jesus). Maomé unificou tribos árabes sob o Islã, conquistando Meca em 630 d.C. Isso intensificou conflitos: muçulmanos viam judeus e cristãos como "Povos do Livro" (protegidos, mas tributários), mas rivalidades por Jerusalém (Terceiro Mais Sagrado no Islã) levaram a cruzadas, expulsões, até chegar às guerras modernas.

Assim, o que começou na narrativa bíblica, como dramas familiares entre irmãos – Caim e Abel, Ismael e Isaque – reaparece, em escala planetária, como uma fraternidade rompida entre povos que se reconhecem descendentes do mesmo patriarca, mas disputam o sentido da promessa divina e o direito de habitar, governar e nomear a mesma terra.

Esses episódios — de Caim e Abel a Maomé — ilustram como narrativas abraâmicas comuns geraram ramificações rivais, alimentando disputas teológicas, territoriais e identitárias por milênios, da Idade Média às tensões atuais no Oriente Médio.

Em 2026, é provável que a religião continue a aparecer como justificativa e linguagem de muitos conflitos, especialmente onde já existe perseguição e polarização, mas raramente como causa única das guerras. Ao mesmo tempo, cresce o protagonismo de líderes e redes religiosas que se colocam explicitamente contra a escalada bélica, tentando usar sua influência para conter extremismos e reabrir canais de diálogo.

No geral, há um cansaço social com conflitos em todos os continentes, organismos e entidades várias avaliam o custo humano desses conflitos.

Apesar das elites políticas usarem identidades religiosas (cristão, muçulmano, judeu) para mobilizar apoio e justificar guerras, na verdade as causas são as estratégias econômicas e de poder.

Há esperança concreta de final dos conflitos? A própria exaustão econômica e humana está criando pressão para acordos pragmáticos, pois manter conflitos abertos está ficando caro demais, o que incentiva cessar-fogos e iniciativas de mediação.

Com relação às diversidades religiosas, é necessário promover uma cultura de não-violência e cooperação entre todas as crenças, o que não é tarefa fácil, mas crendo no desenvolvimento humano, é possível de ocorrer um dia.



E-books disponíveis no portal da AGML. Acesse pelo link:
<https://agml.com.br> ou pelo aplicativo do QR Code



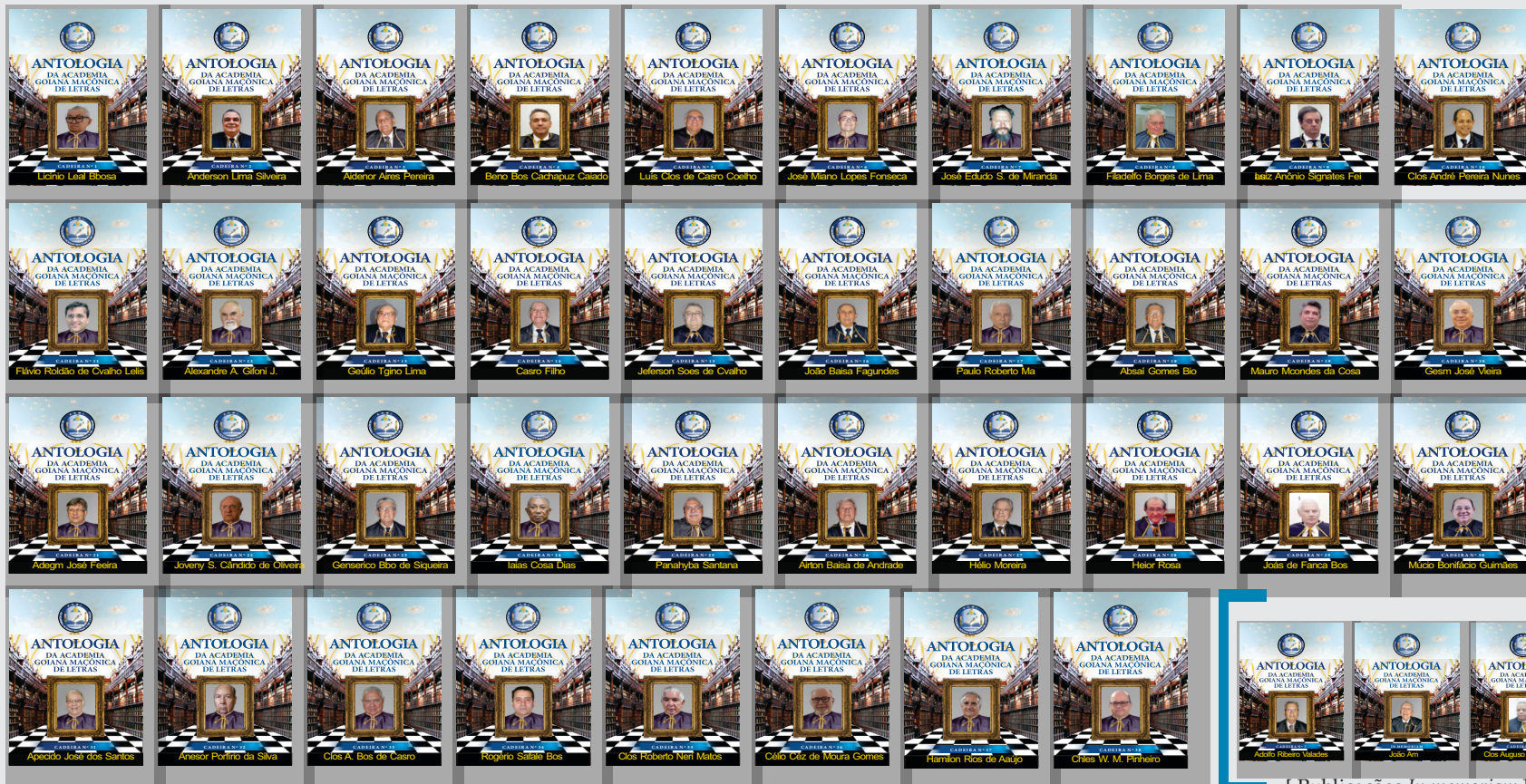
HOME AGML DOCUMENTOS EVENTOS NOTÍCIAS MÍDIAS CONTATO

Jornal – O Confrade

Antologia Escritores

Antologia Confrades

Antologia dos Confrades escritores da AGML



[Publicações In memoriam]



AGML em ação

PIRA LITERÁRIA E ABERTURA DE ANO LETIVO

Abel Tolentino O. Jr | Adjunto – Cadeira nº 19

A AGML realizou, no dia 05 de fevereiro de 2026, evento extraordinário na Loja Maçônica Vale do Rio dos Bois, no município de Cezarina-GO, com o Movimento da Pira Literária e a Abertura Protocolar do Ano Letivo da Educação Municipal de 2026. No período vespertino, com a presença de mais de 600 estudantes, professores e familiares, sendo desenvolvidas diversas atividades literárias, artísticas e culturais, entre elas: apresentação teatral, balé clássico, contação e declamação de poesias, danças folclóricas (Catira).

No período noturno para recepcionar os convidados e homenageados, foram montadas duas tendas de grande porte, além de telão na área externa com cadeiras, possibilitando a transmissão da solenidade e garantindo que todos pudessem acompanhar o evento, cerca de 500 pessoas. Na ocasião, foram entregues Diplomas de Honra ao Mérito a personalidades que se destacaram pelos relevantes serviços prestados à comunidade.

A Academia Goiana Maçônica de Letras ressalta a relevância da Maçonaria Goiana e o apoio incondicional dado no campo da educação e da cultura e registra seus agradecimentos aos representantes das Potências GOB-GO e GLEG, aos Confrades, Veneráveis Mestres, Irmãos, Cunhadas, DeMolays e a toda a comunidade que prestigiam e abrilhantaram o evento com sua presença.



AGML em ação



1ª Reunião na nova sede da AGML



Resgate de valores e reconhecimento ao trabalho da cunhada viúva Sebastiana dos Reis Oliveira, pela AGML



Visita institucional à GLEG



Lançamento de livro e palestra sobre a importância da Literatura na Loja Verdadeira Luz nº 6

registro ABIN



confraria celestial

Mas – o que é um pormenor de ausência.
Faz diferença? “Choras os que não devias chorar.
O homem desperto nem pelos mortos nem pelos vivos se enluta”– KRISHNA instrui Arjuna, no Bhágavad Gita.
A gente morre é para provar que viveu. Só o epitáfio é fórmula lapidar. [...] Alegremo-nos, suspensas ingentes lâmpadas. E: “Sobe a luz sobre o justo e dá-se ao teso coração alegria!”– desfere então o salmo. As pessoas não morrem, ficam encantadas. [GUIMARÃES ROSA]



GRANDE ORIENTE DO BRASIL-GOIAS



MEMBROS DA ACADEMIA GOIANA MAÇÔNICA DE LETRAS

CADEIRA	MEMBROS	E-MAIL
01	Maurício Lopes Ferreira	mauriciolf.76@gmail.com
02	Anderson Lima Silveira	andersonlimadasilveira3@gmail.com
03	Aidenor Aires Pereira	aidenoraaires@hotmail.com
04	Breno Boss Cachapuz Caiado	brenocaiado@hotmail.com
05	Luís Carlos de Castro Coelho	luiscoelho.adv20@gmail.com
06	José Mariano Lopes Fonseca	josemarianolopesfonseca@hotmail.com
07	José Eduardo Souza de Miranda	jemiranda@mirandacorrealima.com
08	Filadelfo Borges de Lima	Elismar Rodrigues dos Santos (adjunto)
09	Luiz Antônio Signates Freitas	signates@gmail.com
10	Carlos André Pereira Nunes	carlosandre@carlosandre.com.br

CADEIRA	MEMBROS	E-MAIL
11	Flávio Roldão de Carvalho Leis	flavio.roldao@ifg.edu.br
12	Alexandre Avelino Giffoni Júnior	agiffoni@outlook.com
13	Getúlio Targino Lima	gtargino@hotmail.com
14	Sebastião de Oliveira Castro Filho	Petronilho Alves de Moura (adjunto)
15	Jefferson Soares de Carvalho	jcarv57@yahoo.com.br
16	João Batista Fagundes	fagundesadv@hotmail.com
17	Paulo Roberto Marra	marra.paulo@gmail.com
18	Absai Gomes Brito	brito.absai@gmail.com
19	Mauro Marcondes da Costa	Abel Tolentino (adjunto)
20	Gesmar José Vieira	gesmarjv@uol.com.br
21	Adegmar José Ferreira	degmarjferreira@uol.com.br
22	Joveny Sebastião Cândido de Oliveira	Aninan C. Alencastro Veiga (adjunto)
23	Genserico Barbo de Siqueira	irt.d.anapolis@gmail.com
24	Isaias Costa Dias	isaiascdmc@hotmail.com
25	Paranahyba Santana	paranasan@gmail.com

CADEIRA	MEMBROS	E-MAIL
26	Airton Batista de Andrade	airtonbandrade@gmail.com
27	Hélio Moreira	Antonio Rosário Leite Filho, (adjunto)
28	Heitor Rosa	Adalto Bento Leal (adjunto)
29	Joás de Franca Barros	quintinobocaiuva@hotmail.com
30	Múcio Bonifácio Guimaraes	
31	Aparecido José dos Santos	ajsaparecido09@hotmail.com
32	Anestor Porfírio da Silva	silvaanestor001@gmail.com
33	Carlos Alberto Barros de Castro	barros@polipar.com.br
34	Rogério Safatle Barros	rogeriosafatle@gmail.com
35	Helton Chacarosque	heltonchaca1@hotmail.com
36	Célio César de Moura Gomes	celio2004mg@hotmail.com
37	Hamilton Rios de Araújo	relacoesinteriores@gleg.com.br
38	Charles Wellington de Matos Pinheiro	charleswellingtonpinheiro@yahoo.com.br
39	Tito Souza do Amaral	